

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião PPGCR

Flávio Lages Rodrigues

**O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma
análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo
Horizonte/MG**

Belo Horizonte
2018

Flávio Lages Rodrigues

**O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma
análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo
Horizonte/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro.

Área de concentração: Religião e Cultura.

Belo Horizonte

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R696f Rodrigues, Flávio Lages
O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG / Flávio Lages Rodrigues. Belo Horizonte, 2018.
141 f. : il.

Orientador: Flávio Augusto Senra Ribeiro
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Rock - Socialização. 2. Religião e cultura. 3. Jovens - Vida religiosa. 4. Mudança social. I. Ribeiro, Flávio Augusto Senra. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 261.6

Ficha catalográfica elaborada por Rosane Alves Martins da Silva – CRB 6/2971

Flávio Lages Rodrigues

**O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma
análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo
Horizonte/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião e Cultura.

Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Antônio Geraldo Cantarela – PUC Minas

Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira - UFJF

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira – PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 23 de abril de 2018.

*À minha esposa Jaqueline e aos meus filhos (as)
Larissa, Gabriel, Emanuelle e Davi
pela dedicação e compressão
nos momentos de incertezas e sacrifícios, vocês
foram a minha inspiração no deserto*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de vida e de todo conhecimento, que nos momentos que parecia que nada daria certo ou faria sentido, Ele abria as portas de forma sobrenatural.

Aos meus pais (in memoriam) e aos (as) professores (as), que contribuíram para minha formação, antes de tudo como cidadão.

Ao Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro, pelo acolhimento no grupo de pesquisa Religião e Cultura, pelo incentivo, por acreditar sempre que a educação aliada ao esforço humano pode transformar as pessoas e o mundo.

Ao Prof. Dr. Antônio Geraldo Cantarela, pelos valiosos comentários e intervenções.

À PUC Minas, pela acolhida, dedicação e carinho de todos os funcionários.

A todos os professores, funcionários e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, por proporcionarem um voo sem turbulências nesses dois anos.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa, sem a qual esta pesquisa não teria sido realizada.

Aos meus irmãos (ãs), amigos (as) e familiares, que sempre demonstravam carinho e preocupação, mesmo estando longe.

Aos pastores da Comunidade Caverna de Adulão, em especial ao pastor Geraldo pela dedicação e auxílio, também aos membros da comunidade, aos participantes dos grupos focais e aos jovens que são o fruto dessa pesquisa.

Aos colegas do grupo de pesquisa Religião e Cultura e também do mestrado, por fomentarem um lugar de partilha e crescimento mútuo.

Aos amigos (as) mais que irmãos Xênia e Muryllo, que viabilizaram esse sonho, incentivando e encorajando no momento crucial, entre ir ou ficar.

RESUMO

Na contemporaneidade, observamos que a chamada cultura pós-moderna possibilitou à cultura juvenil fazer suas próprias construções e escolhas, inclusive no que se refere à religião. A presente pesquisa procurou entender como ocorreu a construção cultural e religiosa nas tribos urbanas juvenis, aqui representada pelos *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão. Nesta comunidade, o *rock* foi usado como instrumento de socialização entre os jovens. A hipótese desta pesquisa consiste em observar que a prática religiosa pode ser afetada pelas mudanças culturais. Enquanto algumas instituições religiosas resistem às mudanças, outras se aproveitam delas. Observamos que a adaptação de algumas igrejas evangélicas às necessidades dos jovens e às suas práticas culturais pode ser o que os atrai à Comunidade Caverna de Adulão, onde o *rock* foi aliado às práticas religiosas. Na primeira parte do trabalho, descrevemos as estratégias utilizadas para promover a comunidade dos jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas, participantes da Comunidade Caverna de Adulão. Procurou-se identificar a motivação dos jovens que buscam ingressar em grupos evangélicos. Na segunda parte, apresentamos como a música e o culto de forma contextualizada para os jovens, como no caso do *rock*, podem ser atrativos para as tribos urbanas e como esse fenômeno abre um diálogo entre a religião e a cultura juvenil. Por fim, analisamos como ocorre a socialização entre os jovens evangélicos das tribos urbanas com o *rock*, tanto no aspecto cultural quanto religioso, de forma a compreender como se dá a construção do fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão. A metodologia utilizada se estabeleceu através da pesquisa bibliográfica e pela pesquisa de campo com o estudo socioantropológico-etnográfico, através da observação participante e com as discussões em grupo focal. Verificamos ao final do trabalho que nossa hipótese foi parcialmente comprovada ao observar que o *rock* exerceu na Comunidade estudada o papel socializador entre os membros. No entanto, hoje o *rock* saiu do centro da sociabilidade e outros elementos entram em seu lugar, o que proporcionou à comunidade uma maior diversidade cultural.

Palavras-chave: Tribos urbanas. Rock. Religião e cultura. Religião e contemporaneidade. Michel Maffesoli.

ABSTRACT

In the contemporary times, we observe that the called post-modern culture enabled the youth culture to do the own constructions and choices, including religion. This research tried to understand how occurred the cultural and religious construction of youth urban tribes, here represented for headbangers from Caverna de Adulão Community. In this community, the rock was used as an instrument of socialization among the youth. The hypothesis of this research consists in observing that the religious practicing can be affected for cultural changes. While some religious institutions resist changes, others take advantage of it. We could observe that the adaptations of some evangelical churches to the necessities of youth and their cultural practicing can be what attract them to Caverna de Adulão Community, where the rock was allied to religious practicing. At the first part of the paper we described the strategies used to promote the community of youth that are in most varied urban tribes, participants of Caverna de Adulão Community. We tried to identify the motivation of youth that seek to become part of evangelical groups. In the second part we presented how the music and the service, contextualized to youth, as the case of rock, can be attractive to the urban tribes and how this phenomenon open a dialog between religion and the youth culture. At the end we analyzed how occurs the socialization among evangelical youth from urban tribes with rock, both culturally and religiously, in order to understand how the construction of the religious phenomenon happens in Caverna de Adulão Community. The methodology used was established through the bibliographic research and field research with socio-anthropological-ethnographic studying, through participant observation and discussions in focal group. We verified, at the end of the paper, that our hypothesis was partially proved when we observe that rock exerted, in the studied community, the socializing role among the members. However, today rock has moved away from the center of sociability and other elements come into its place, which has given the community greater cultural diversity.

Keywords: Urban tribes. Rock. Religion and Culture. Religion and contemporaneity. Michel Maffesoli.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO	22
2.1 Identificação e descrição da adesão dos jovens na comunidade	23
2.2 Apropriação de elementos culturais para uma prática religiosa contextualizada	31
2.3 Igrejas e Comunidades <i>Undergrounds</i> : novos modelos Eclesiais?.....	47
3 MÚSICA ROCK E CULTOS CONTEXTUALIZADOS	61
3.1 Atrativos para os jovens nas tribos juvenis no diálogo religião e cultura	61
3.2 Um estudo socioantropológico-etnográfico no contexto urbano para compreender a atração dos jovens pela música <i>rock</i> nos cultos em linguagem juvenil	66
3.3 Discussões em grupo focal para observação e coleta de dados sobre o fenômeno religioso e cultural pelo olhar de perto e de dentro da comunidade	82
.....
4 SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS JOVENS EVANGÉLICOS	104
4.1 Análise do fenômeno religioso e cultural entre os jovens para compreensão da construção sociológica na Comunidade Caverna de Adulão na perspectiva teórica.....	105
4.2 Análise da construção do fenômeno religioso e cultural a partir dos relatos e dados coletados nos grupos focais na pesquisa.....	110
4.3 Comparação da análise teórica e da análise dos dados coletados nos grupos focais.	122
.....
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICE - Roteiro de perguntas para os Grupos Focais.....	138
ANEXO A - Os XX Mandamentos da Contracultura Cristã.	139
ANEXO B- Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CEP).	141

1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento e o intenso processo de urbanização ocorrido no Brasil nas últimas décadas, houve um grande impacto na vida dos cidadãos de muitas cidades. Com esse crescimento demográfico, as capitais brasileiras tiveram um aumento considerável de habitantes e Belo Horizonte vivencia esses problemas típicos das grandes cidades do Brasil e do mundo.

A tribalização juvenil é fruto desse crescimento urbano, e as tribos urbanas são uma das formas de socialização e entretenimento da cultura juvenil. Para entender o pensamento do sociólogo francês Michel Maffesoli¹ com as tribalizações se faz necessário entender as transformações que tangem a pós-modernidade e afetam as áreas, social, política, econômica, cultural e religiosa, bem como seus impactos na vida do ser humano e aqui em especial entre os jovens. Essas transformações também possibilitaram relacionamentos mais próximos com o tribalismo que une as pessoas nas partilhas, mesmos sentimentos, emoções e afetos. Assim, na visão de Maffesoli, as tribalizações juvenis ocorreram como resposta às instituições sociais, na quebra da rigidez dos relacionamentos sociais e do individualismo.

Mesmo com leis brasileiras como a Constituição Brasileira² de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente³ de 1990 e mais recentemente Estatuto da Juventude⁴ de 2013, que asseguram direitos políticos, sociais, culturais, econômicos e religiosos. Muitos jovens ainda estão à margem de seus direitos e se socializam nas tribos urbanas, pois estas se aproximam da realidade e da vivência cotidiana dos mesmos. Nesse aspecto, tanto a cultura, quanto a religião, preenchem a lacuna deixada pelo Poder Público no que se refere à socialização desses jovens.

¹ Utilizamos na pesquisa as seguintes obras de Michel Maffesoli, Maffesoli (2010a), Maffesoli (2004a), Maffesoli (2004b) e Maffesoli (2012).

² A Constituição Brasileira assegura os direitos sociais de todos os cidadãos, como apresentado no Capítulo II, Dos Direitos Sociais, Art. 6º, assim citado. “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição. (EC nº 90/2015).” (BRASIL, 2015, p.20). Na Constituição Brasileira além de todos os cidadãos terem seus direitos assegurados, a faixa etária relacionada à infância é descrita de forma clara.

³ O Capítulo II assegura: Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, no Artigo 16º, assim citados. “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; opinião e expressão; crença e culto religioso; brincar, praticar esportes e divertir-se; participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; participar da vida política, na forma da lei; buscar refúgio, auxílio e orientação.” (BRASIL, 1990).

⁴ Citados assim no Artigo 1º, Parágrafo 1º. “Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Parágrafo 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (BRASIL, 2013).

A ampliação do estudo que parte dos jovens em direção às tribos urbanas, ocorre em um contexto de grandes transformações sociais, entre elas, o fenômeno religioso contemporâneo, que contribui para ter a religião como foco de estudos. Esta pesquisa tem como proposta conhecer e refletir sobre a participação dos jovens na construção e na manifestação cultural e religiosa entre as tribos urbanas, sendo *loco* de estudo a Comunidade Caverna de Adulão⁵, em Belo Horizonte. A comunidade começou suas atividades em 1992 com alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas que evangelizavam pelas ruas e praças da cidade. Posteriormente a comunidade passou por vários lugares da região centro-sul da capital mineira e em 2004 se estabeleceu à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários, lugar que se encontra atualmente. Para entender melhor a história da comunidade e suas transformações desde a sua criação fizemos a divisão histórica em três fases. A primeira fase de 1992 a 2001, a segunda fase de 2002 a 2011 e a terceira fase iniciada em 2012 e que está em andamento. Este percurso poderá contribuir nos estudos do fenômeno religioso para entender a construção cultural e religiosa dos jovens na sociedade atual.

Esta pesquisa propõe analisar a construção cultural e religiosa no cenário contemporâneo, no qual os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger*, utilizam o *rock*⁶ para expressarem sua espiritualidade de forma alternativa e contextualizada. Analisaremos o *rock* como elemento socializador entre os jovens e dessa forma, não abordaremos as bandas de *rock* da comunidade, nem tão pouco suas letras ou performances nos evangelismos. O que nos sinaliza que este fenômeno pode se apresentar como uma faceta do senso religioso na linha de

⁵ A Comunidade Caverna de Adulão iniciou suas atividades em 1992, quando alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas iniciaram trabalhos evangelísticos junto aos jovens que pertenciam as tribos urbanas *headbanbers* pelas ruas e praças de Belo Horizonte. Nessa época Belo Horizonte foi considerada a *capital do rock*, devido à grande quantidade de bandas de *rock* pesado de vários estilos que existiam pela cidade. Ocorria também uma grande divulgação dessas bandas através de *shows*, *fanzines*, *flyers* e gravações de fitas cassetes que eram o meio de divulgação e propagação do trabalho dessas bandas. Além das bandas que existiam na cidade muitas outras eram atraídas pela possibilidade de assinar contrato com a Cogumelo Records. Esta começou como uma loja de discos em 1980 e em 1985 se estabeleceu como gravadora. Gravou trabalhos de bandas como, Sepultura, *Sextrash*, Sarcófago, *Overdose*, *The Mist*, entre outras, o que colocou Belo Horizonte definitivamente no mapa dos grandes *shows* com bandas internacionais de *Hard Rock*, *Heavy Metal*, *Thrash Metal*, *Death Metal* e *Black Metal* entre outros estilos que passaram a se apresentar na cidade. A criação da Comunidade Caverna de Adulão ocorre em meio às grandes transformações na cidade com o *rock* como elemento socializador. A comunidade passou por várias partes da região centro-sul da capital e desde 2004 está estabelecida à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários.

⁶ Na pesquisa abordamos o *rock* na perspectiva sociológica e no poder que este estilo musical tem em aglutinar os jovens. Descrevemos as fases da comunidade com o *rock* como elemento fundante e os percursos que ele estabeleceu junto aos membros da Comunidade Caverna de Adulão. Dessa forma, não é a nossa intenção trabalhar na pesquisa de forma pormenorizada as bandas de *rock* que haviam no início da comunidade e as que ainda existem. Também não faremos a análise bíblico-teológica das letras das músicas dessas bandas ou de suas performances durante eventos evangelísticos. Isso poderia ser fruto de futuras pesquisas pelo fato da comunidade no início ter mais de 20 bandas nos estilos variados de *grind core*, *metal core*, *punk*, *heavy metal*, *thrash metal*, *death metal*, *power metal*, entre outros estilos e hoje conta apenas com 2 bandas de rock pesado, as bandas Trombada e Pesadelo.

pesquisa Religião e Contemporaneidade, particularmente vinculada ao projeto de pesquisa “Senso Religioso Contemporâneo”, desenvolvido pelo Prof. Flávio Augusto Senra Ribeiro.

Em meio à grande diversidade de bens culturais com as mais variadas opções de lazer e sociabilidade na sociedade contemporânea, o que motiva a adesão de jovens a grupos evangélicos? Como ocorre a construção do fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão? A música e o culto de forma contextualizada para os jovens, como no caso do *rock*, podem ser atrativos para as tribos urbanas juvenis? Esse fenômeno abre um diálogo entre a religião e as práticas juvenis na atualidade? Tais questões remetem ao problema central deste trabalho que procurará pesquisar como se dá a construção cultural e religiosa nas tribos urbanas, aqui representada pelos *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão, onde o *rock* é usado como instrumento de socialização entre os jovens.

Essa apropriação de novos elementos na manifestação religiosa aponta para uma ruptura com a tradição católica que era mais estabelecida no contexto rural. A industrialização e a urbanização também contribuíram para o inchaço das cidades devido ao êxodo rural, na busca por uma vida melhor. Na reflexão proposta quanto a beneficiar-se com as mudanças culturais que afetam as religiões que se encontra nossa hipótese, com a possibilidade em aliar o *rock* à manifestação religiosa. A adaptação de algumas igrejas evangélicas às necessidades dos jovens e às suas práticas culturais, pode ser o que os atrai à Comunidade Caverna de Adulão.

A justificativa pessoal para esta pesquisa ocorre por vários fatores, entre os quais, pelo fato de gostar da música *rock* como estilo musical, também por ser baterista de uma banda de *rock* no estilo *Death Metal* e pelo contato com os jovens que estão nas tribos urbanas juvenis no cenário alternativo e *underground* desde a década de 1980. A apropriação do *rock* como elemento cultural também motiva essa pesquisa, pois através deste estilo musical a manifestação religiosa entre os jovens pode ser realizada. Algo que não era possível ocorrer há algumas décadas atrás.

A relevância desse estudo para as Ciências da Religião se estabelece pela possibilidade de pesquisar como ocorre a manifestação cultural e religiosa onde o *rock* é utilizado como instrumento de integralização entre os jovens que estão nas tribos urbanas na Comunidade Caverna de Adulão. Outro fator que justifica a relevância dessa pesquisa para a academia, ocorre pela música e culto de forma contextualizada, com a apropriação de novos elementos, como é o caso do *rock*, que são utilizados nos cultos. Essa análise possibilitará entender a socialização do grupo, como também dar voz a esses jovens e membros da comunidade, que de outra forma não seriam escutados na sua construção religiosa específica. Com o retorno dos

resultados pesquisados para todos os membros da comunidade e em especial para os jovens que são fruto da pesquisa.

A metodologia proposta para essa pesquisa foi constituída, inicialmente por pesquisa bibliográfica, que aconteceu de forma exploratória. Posteriormente, fizemos a pesquisa de campo com observação participante nos cultos da comunidade e as discussões nos grupos focais. A opção por esse delineamento torna-se possível por “permitir ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109). Ainda de acordo com Selltiz *et al*, a pesquisa exploratória amplia a visão do problema a ser pesquisado.

A pesquisa exploratória se caracteriza por proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (SELLTIZ *et al*, 1967, p. 63).

Esse encontro entre o pesquisador e seu objeto, possibilita uma imersão no problema da pesquisa. Aprofundar primeiro nos referenciais teóricos e posteriormente na pesquisa de campo pode trazer maior clareza quanto ao que se quer comprovar ou descobrir. Do mesmo modo que Selltiz, Chizzotti acredita que o problema da pesquisa, fragmenta-se e refina-se, na exploração do campo.

O problema decorre, antes de tudo, de um processo indutivo que se vai definindo e se delimitando na exploração dos contextos ecológico e social, onde se realiza a pesquisa; da observação reiterada e participante do objeto pesquisado, e dos contatos duradouros com informantes que conhecem esse objeto e emitem juízo sobre ele. (CHIZZOTTI, 2008, p. 81).

Essa estratégia possibilitará o que Laville e Dionne (1999, p. 112) apontam como “a racionalização da problemática”. Aqui notada com o conhecimento e a reflexão de quem faz a pesquisa e as eventuais trocas com os *outros*. Nessas trocas, ocorre o diálogo entre o avaliador e a comunidade, em que o aspecto da convivência e interação pessoal é fator fundamental para pensar, entender e avaliar o fenômeno pesquisado. Com a liberdade da palavra falada, os atores da comunidade têm autonomia para expressar suas cosmovisões e realidades, tanto individuais, quanto coletivas, que de outra forma estariam encobertas e inacessíveis ao avaliador.

Iniciamos o trabalho com a pesquisa bibliográfica primária, momento em que levantamos os dados sobre livros e artigos de Michel Maffesoli acerca do problema. Fizemos também uma pesquisa bibliográfica secundária, com livros, artigos, dissertações e teses

científicas sobre o seu trabalho e a influência do seu pensamento na sociedade contemporânea. Foram encontrados 24 títulos da bibliografia primária e 25 títulos da bibliografia secundária. Esta consulta ocorreu nos acervos do Portal de periódicos da CAPES, nas bibliotecas da UFMG e da PUC Minas. O percurso estabelecido pela pesquisa bibliográfica acabou por sugerir como ocorre o fenômeno religioso e social entre os jovens da Comunidade Caverna de Adulão.

Em segundo lugar, o projeto desenvolveu uma pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa nos proporcionou vantagens, devido à liberdade de escolha da amostragem para o fornecimento de informações e pela maior facilidade para encontrar os sujeitos com tempo disponível. Na pesquisa de campo utilizamos o método antropológico-etnográfico que aconteceu com a observação participante e com técnica de grupo focal.⁷ Na observação participante foram feitas 4 visitas aos cultos de domingo, às 18 horas. Esta pesquisa de campo ocorreu nos meses de julho, outubro e novembro de 2016. Os grupos focais foram realizados com 3 grupos mistos e 2 encontros para cada um deles nos meses de agosto e setembro de 2017. Nessa etapa foram observados e coletados dados primários, obtidos originalmente por meio de discussões em grupos na comunidade. Essas discussões em grupo focal ofereceram esclarecimentos sobre o fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão de forma interativa, pelo olhar de dentro do grupo.

Para Demo (2009, p. 243), o olhar interno no grupo só ocorre com o ato de “conviver” e “vivenciar” o fenômeno, como também a “identificação ideológica prática” onde se encarna o projeto da comunidade. Na visão de Kitzinger e Barbour, qualquer discussão de grupo, com as devidas conduções do pesquisador pode ser chamada de grupo focal. “Qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às intenções do grupo.” (KITZINGER; BARBOUR apud BARBOUR, 2009, p. 21). Ainda de acordo com Barbour (2009, p. 47-48), “práticas e crenças aparentemente ilógicas, uma vez vistas das perspectivas das pessoas envolvidas, têm boas chances de revelar lógicas coerentes e possivelmente muito sofisticadas.” Nesta busca dialogal os grupos focais abrem possibilidades para discussão sobre os mais variados assuntos, que podem enriquecer

⁷ Verificamos que um grupo focal se estabelece como um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica de pesquisa rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, que fornece aos pesquisadores uma grande riqueza de dados, informações qualitativas sobre a organização interna de grupos, desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. Na visão de Gatti, as interações em grupo é o que justifica a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa. “Através das sequências de falas, procurando compreender o impacto das vivências do grupo sobre as trocas entre os participantes, os consensos, os dissensos, as rupturas, as descontinuidades, os silêncios.” (GATTI, 2005, p. 47). Para Morgan, citado por Barbour (2009, p. 136) “os grupos focais são excelentes para descobrir por que as pessoas pensam como pensam, e é certamente possível destrinchar o processo de formação de percepções durante as interações do grupo focal.”

tanto os relacionamentos interpessoais, quanto fortalecer a comunidade pelo uso do diálogo. “Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam.” (GATTI, 2005, p. 09).

Por fim, a pesquisa seguiu com a base documental da comunidade e dos dados colhidos nas discussões em grupos focais. Fizemos a transcrição e a análise de conteúdo de forma descritiva e interpretativa dos dados coletados em comparação com o teórico pesquisado. O que nos instigou a aprofundar nas camadas do que não é dito, não aceitando o que se apresenta na superfície como conhecimento acabado.

O objetivo do trabalho é pesquisar como se dá a construção religiosa nas tribos urbanas juvenis, aqui representada pelos *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão, onde o *rock* é usado como instrumento de socialização entre os jovens. Para isso dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, identificamos e descrevemos as estratégias utilizadas para promover a comunidade dos jovens que estão na “tribo urbana *headbanger*”, participantes da Comunidade Caverna de Adulão, que foram divididos em três partes. Na primeira parte, identificamos e descrevemos o que motiva os jovens a irem para os grupos evangélicos. Na segunda parte, mostramos como ocorre a apropriação de elementos culturais para uma prática religiosa contextualizada e o que motiva esses jovens a irem para essa comunidade, mesmo com o grande número de igrejas evangélicas em Belo Horizonte. Na terceira parte, fundamentamos os aspectos da identificação e da descrição desses jovens relacionados à Comunidade Caverna de Adulão com a seguinte pergunta. *Igrejas e Comunidades Undergrounds: novos modelos Eclesiais?*

No segundo capítulo, apresentamos como a música e o culto de forma contextualizada para os jovens e adolescentes, como no caso do *rock*, podem ser atrativos para as tribos urbanas. Também como esse fenômeno abre um diálogo entre a religião e a cultura juvenil aos participantes da Comunidade Caverna de Adulão. Assim, dividimos este capítulo em três partes. Na primeira parte observamos os meios de socialização e sua disponibilidade para os jovens nas tribos juvenis que se aderem à comunidade no diálogo entre religião e cultura. Seguindo neste percurso, na segunda parte buscamos compreender através do estudo socioantropológico-etnográfico como ocorre a utilização dos espaços físicos da cidade e também como acontece a socialização entre os jovens com a música *rock* nos cultos em linguagem juvenil. Finalmente, na terceira parte através das discussões nos grupos focais observamos e coletamos dados sobre o fenômeno religioso e cultural.

No terceiro capítulo, analisamos como ocorre a socialização entre os jovens evangélicos das tribos urbanas, tanto no aspecto cultural quanto religioso, de forma a compreender como se

dá a construção do fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão. Essa análise nos ajudou a compreender através dos teóricos e dos dados coletados nos grupos focais as camadas mais profundas do problema, com um olhar mais aguçado e atento para o que muitas vezes não é dito. Para isto dividimos o capítulo em três partes. Na primeira parte analisamos o fenômeno religioso e cultural para compreender como ocorrem as construções sociológicas entre os jovens da Comunidade Caverna de Adulão na perspectiva teórica. Na segunda parte analisamos como ocorre a construção do fenômeno religioso e cultural na comunidade. Para essa análise utilizamos os relatos e os dados coletados nos grupos focais. Na terceira parte fizemos a análise da teoria em comparação com os dados coletados na pesquisa com os grupos focais como técnica de pesquisa para compreender o problema de forma mais aprofundada a partir da vivência e experiência dos membros da comunidade.

2 COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO

Neste primeiro capítulo, identificaremos e descreveremos as estratégias utilizadas para promover a comunidade dos jovens que estão na tribo urbana *headbanger*⁸, participantes da Comunidade Caverna de Adulão. Dividimos o capítulo em três partes.

Na primeira parte, identificaremos o que motiva os jovens a irem para os grupos evangélicos. Observaremos ainda, como ocorre a socialização na relação entre cultura e religião com os jovens adeptos da música *rock* nas tribos urbanas dentro da comunidade. Essa relação pode ocorrer pela possibilidade de utilizar elementos culturais como o *rock*, aliados às práticas religiosas na pós-modernidade⁹.

No percurso da segunda parte identificaremos o que motiva esses jovens a irem para essa comunidade, mesmo com o grande número de igrejas evangélicas¹⁰ em Belo Horizonte. A adaptação a novos elementos da cultura¹¹ podem apontar para uma prática religiosa que está

⁸ O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa *Black Sabbath* foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos *shows* da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, como o movimento violento da cabeça no ritmo da música.

⁹ Para Maffesoli, a *pós-modernidade* é caracterizada pelo *tribalismo*. Este fenômeno é estudado por ele como fator de sociabilidade há mais de três décadas. Para ele, o que vale no tempo presente é a vida cotidiana e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo prazer de estar juntos. Ele ainda destaca como dois eixos essenciais, os aspectos ao mesmo tempo, *arcaico* e *juvenis* do tribalismo, e também a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de *Indivíduo*. Na sua visão essas são as duas raízes do tribalismo pós-moderno. (MAFFESOLI, 2010a). Utilizaremos o termo *pós-modernidade* em lugar de contemporaneidade.

¹⁰ Para Mariano, está ligado ao campo religioso ligado à Reforma Protestante no século XVI. (MARIANO apud COSTA, 2004).

¹¹ Para o conceito de cultura, utilizamos Maffesoli (2010a) em sua obra. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Ele aponta para duas culturas dentro de uma mesma cultura. De um lado ele mostrou os *proprietários da sociedade* e são os que têm o poder de dizer o que fazer, sendo o *poder instituído*, nas diversas formas: *cultural, religiosa, social e econômica*. Este *poder instituído* toma as decisões longe da vida e assim, da realidade da maioria da população. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica, e desordenada, como uma *potência instituinte*. Ainda segundo Maffesoli (2010a) o *pensamento selvagem* é admitido pela experiência adquirida no contato com sociedades primitivas. Aqui, a antropologia volta seu olhar para o cotidiano das sociedades contemporâneas, ao que chamou de *culturas de empresa* ou outros fenômenos que pareçam próximos demais para serem analisados. Essa divisão de duas culturas, para Maffesoli, começa a ser aceita pela cultura erudita. “Isso vale também para a cultura erudita, que começa a admitir a existência de uma *outra cultura*: a dos sentimentos comuns. Podemos estar de acordo com essa emergência. São numerosas as pesquisas que o demonstram, o fato é que existe entre essas duas culturas um distanciamento que às vezes não deixa de se transformar em um fosso intransponível.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 240). O conceito de cultura que trabalho aqui se aproxima mais com a *potência instituinte*, com o sentimento de estar juntos, o partilhamento, a sociabilidade e o sentimento de pertencimento. Essa cultura é construída pelos próprios jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, com elementos culturais que não são aceitos pelos poderes instituídos como padrão cultural, o que as torna muitas vezes, clandestina e marginal na sociedade.

aberta e que respeita aspectos culturais específicos das tribos urbanas para uma manifestação religiosa livre e espontânea. A utilização do *rock* como estilo musical e cultural, pode apontar para uma prática religiosa que se apropria de novas roupagens, leituras, releituras e linguagens que sejam livres para manifestar a religiosidade de forma acessível e contextualizada.

Na terceira parte, fundamentaremos os aspectos da identificação e da descrição desses jovens relacionados à Comunidade Caverna de Adulão com a seguinte pergunta. *Igrejas e Comunidades Undergrounds: novos modelos Eclesiais?* Ao questionar sobre este novo modelo de igrejas e comunidades *undergrounds*, com formas diferentes dos padrões tradicionais de igreja na atualidade, percebemos que os cultos e as práticas religiosas ali não diferem das igrejas evangélicas tradicionais, embora haja uma participação mais inclusiva de seus membros e também uma maior liberdade para manifestações culturais. Mostraremos ainda como pode ocorrer a construção da relação entre cultura e religião¹² com os jovens adeptos da música *rock* nas tribos urbanas. Também observaremos o pensamento que permeia as culturas juvenis desde 1950, com o nascimento do *rock*, até os dias atuais, com seus desdobramentos de gêneros e subgêneros musicais. O pertencimento a uma tribo pode ser a marca para os grupos juvenis, sendo uma escolha pessoal no processo de auto reconhecimento e na autonomia pós-moderna, onde os jovens podem escolher a que grupo pertencer e construir suas próprias leis. Assim, tanto a religião quanto o *rock* são manifestações culturais construídas por esses jovens e podem sinalizar para o motivo do surgimento dessas novas igrejas.

2.1 Identificação e descrição da adesão dos jovens na comunidade

Observa-se que para falar da identificação e descrição da adesão dos jovens na Comunidade Caverna de Adulão é necessário entender que tanto o *rock* quanto a religião são

¹² O conceito de religião utilizado será o de Durkheim na obra *As formas elementares de vida religiosa*. Para Durkheim a religião é algo estritamente social. “A conclusão geral deste livro é que a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.” (DURKHEIM, 1989, p. 38). Maffesoli em sua obra *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, cita quase 40 vezes Durkheim em suas páginas. Em algumas dessas citações Maffesoli como leitor de Durkheim, observa o caráter social da religião e o seu poder em unir a comunidade. “O ‘divino social’, termo com que E. Durkheim designava essa força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação. Poderíamos, também, dizer ‘religião’, entendendo a palavra como é empregada para designar aquilo que nos une a uma comunidade” (MAFFESOLI, 2010a, p. 78-79). Enquanto para Durkheim o *divino social* é o poder aglutinante na sociedade, Maffesoli aprofunda mais a questão, e propõe a *religião* como o que nos une a uma comunidade, ou seja, aquilo que tem devoção, paixão e poder de unir as pessoas, grupos afins em torno de uma mesmo ideal. Ainda sobre a obra de Durkheim, Maffesoli (2010a), observa que ele não pretendia fazer um estudo exaustivo sobre a religião das tribos australianas. Seu objetivo era compreender o fato social.

elementos culturalmente construídos. Esta construção revela um complexo e variado padrão de comportamento com crenças, manifestações artísticas e intelectuais, artes, leis, costumes e hábitos que são adquiridos pelo ser humano como membro de uma sociedade. Essas transmissões coletivas apontam para homens e mulheres, enquanto transformadores da cultura em seus próprios contextos de vida. Dessa forma, os jovens também são construtores de suas próprias realidades e cosmovisões, com suas posturas, atitudes, ideologias e estéticas próprias de cada tribo urbana a que os mesmos aderem.

A identificação da adesão desses jovens à comunidade pode estar atrelada ao *rock* como estilo musical e sua ligação com as práticas religiosas. Como desenvolvido e trabalhado anteriormente¹³.

As tribos urbanas - e, neste caso mais específico, os roqueiros - têm toda uma maneira característica peculiar cultural: os cabelos longos, as tatuagens, os *piercing's*, as roupas pretas e camisas de bandas de *rock*, assim como a maneira diferente de falar, usando gírias e jargões que só quem está encarnado na tribo consegue entender. Precisam ouvir o Evangelho de forma contextualizada. A Mensagem deve ser transmitida de forma que eles, em sua maneira de viver, pensar e sentir, consigam entendê-la. (RODRIGUES, 2006, p. 65).

Na pós-modernidade, tanto o pensamento quanto a práxis humana sofrem grandes transformações. Parecem negados os antigos modelos que sustentaram a existência humana durante séculos. Essa transformação também se observa na ciência e na tecnologia que impulsionam o progresso. O pensamento pós-moderno nega qualquer estrutura que seja erigida sobre bases absolutas. “Não há ‘verdade’, apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e estilos.” (MCGRATH apud SALINAS, 1999, p. 25).

Podemos observar que essas transformações trouxeram uma diversidade de possibilidades em todas as áreas da vida humana. No âmbito das práticas religiosas, também ocorreram aberturas e apropriações de elementos da cultura em nossos dias, que até poucas décadas atrás, não eram aceitos. O *rock* é um dos exemplos dessa abertura, onde as *novas* formas

¹³ As pesquisas e o interesse junto às tribos urbanas e, particularmente sobre o *rock* começam no final da década de 80 e início dos anos 90. Nesta época iniciei minha participação mais ativamente, como baterista de uma banda de *rock* pesado, no estilo *Death Metal*, no cenário alternativo e *underground* secular. No início dos anos 2000, a mesma banda começa a atuar no cenário alternativo e *underground* cristão. Nessa mesma época comecei o estudo do comportamento juvenil, das bandas, das comunidades e das igrejas que desenvolvem este tipo de trabalho junto aos jovens que gostam de *rock* e que estão nas tribos urbanas *headbanger*. Essa trajetória pode ser observada nos seguintes livros de minha autoria: *O rock na evangelização*, *A liberdade do Espírito na vida e no rock* e *Os desafios para a igreja pregar o evangelho na pós-modernidade*.

de linguagem e expressão, ícones, signos e outros objetos passam a ser utilizados pela e para a manifestação religiosa que, ao que tudo indica, inicia-se pelo uso do idioma ou língua do emissor para transmitir a mensagem ao receptor.

A linguagem é o primeiro bem cultural de um povo. É a partir dela que significações são construídas e entendidas pelo grupo. Para Maffesoli (2010a)¹⁴, a linguagem tem o poder de ligar os indivíduos às mais variadas redes sociais. “Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 139).

Aqui, podemos ver que a linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas, expressam a experiência interna do grupo, reforçam os limites da comunidade e ajudam em sua construção ética. O *ethos*¹⁵, no contexto da Comunidade Caverna de Adulão, se constitui a princípio com os jovens que não se enquadram nos modelos de igrejas tradicionais e se refugiam nessa comunidade para expressar sua prática religiosa em linguagem e cultura próprias.

Entendemos que os elementos culturais e religiosos são construídos por homens e mulheres em seus contextos sociais, pois “não há como ignorar a cultura, ainda mais por ela não ser estática, pois sempre está em processo de transformação.” (RODRIGUES, 2006, p. 70). Nesse aspecto, os jovens que utilizam o *rock* e a religião fazem uma releitura de um estilo musical para manifestar suas práticas religiosas, tornando-as acessíveis aos que recebem a mensagem.

Essa abertura das práticas religiosas em nossos dias torna-se ainda mais visível quando um jovem adepto da música *rock*, envolvido nessa tribo urbana específica, tem a liberdade em expressar sua espiritualidade com as próprias práticas da sua tribo. A prática interna da comunidade se estabelece tanto com o costume individual, quanto com o costume que é regido pelo grupo. Assim, a construção permanente do *ethos* ocorre para o ser humano no costume, com a intuição sobre a natureza e as ações práticas no ambiente natural.

Para Vaz o *ethos* é o fator que pode sedimentar o costume.

A transposição metafórica de *ethos* para o mundo humano dos costumes é extremamente significativa e é fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso agir (*práxis*), ao qual ficam confiadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres: a morada do

¹⁴ Maffesoli (2010a, p. 139) observa que a comunicação ocorre de forma natural na sociedade. Ele utiliza o termo “sociedade natural” como paradoxal, ou seja, aquele que, mesmo ocorrendo de forma agressiva ou conflituosa, está aberta ao reagrupamento.

¹⁵ O significado original de *ethos* remete a língua grega como *morada*, *covil*, ou *abrigo* dos animais.

ethos cuja destruição significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana. (VAZ, 2002, p. 13).

Observamos que a intuição sobre a natureza e a ação no mundo demonstra que o *ethos* se estrutura com a construção e preservação do costume. Desse modo, os jovens podem estabelecer suas construções culturais, com as práticas juvenis e seus costumes peculiares de forma autônoma e livre. Assim, o *rock*, como outros estilos musicais, as roupas, os cabelos longos, com cortes extravagantes ou coloridos, tatuagens, *piercings*, alargadores e outros elementos que antes seriam as marcas para apontar o que não é o estereótipo de um membro de uma igreja evangélica tradicional, podem ser incorporados.

Há um grande esforço por parte de teólogos como Paul Tillich e H. Richard Niebuhr que trabalharam a Teologia da Cultura¹⁶, de líderes religiosos e dos fiéis em entender e utilizar os elementos que são constituídos e construídos na cultura. Diante da abertura e da apropriação de elementos da cultura, igrejas e comunidades são desafiadas a acolher e proporcionar a esses jovens práticas religiosas que façam sentido e que estejam ligadas a todas as áreas de suas vidas.

Essas práticas religiosas conectadas à cultura e à vida cotidiana juvenil foram captadas pelos pastores da Comunidade Caverna de Adulão no momento de sua criação. Verificamos que há o impacto dos elementos da cultura como no caso da música *rock* nas práticas religiosas da comunidade. Desse modo, os jovens não mudam seus padrões culturais, mas a instituição religiosa é quem muda e se molda às suas necessidades e a cultura juvenil.

A gestação da Comunidade Caverna de Adulão teve início em 1992, quando alguns jovens, entre eles os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas, despertaram para a

¹⁶ A Teologia da Cultura se estabelece na quebra da rigidez institucional, do fundamentalismo e da intolerância religiosa. Esse extremismo religioso fecha qualquer possibilidade de diálogo entre a religião e a cultura, pois possibilita o fechamento do grupo que detêm o exclusivismo religioso, marcas que são indesejáveis para a humanidade, e geram guerras, fomes e fanatismos que se fazem notar de forma cada vez mais crescente na contemporaneidade. A religião cristã tornou-se durante séculos a grande aliada de tais visões, principalmente, quando ela passou a ser compreendida a partir de uma cultura. Essa visão exclusivista limitava a liberdade do Espírito Divino em todas as culturas criadas, porquanto, só se atingia o incondicionado (Deus) a partir de uma cultura privilegiada. O teólogo Paul Tillich desenvolve a sua teologia a partir da concepção de que o incondicionado não está preso a uma determinada cultura, mas ele é o fundamento de todas as expressões culturais existentes, isto é, ele está atuando mesmo dentro de uma cultura secular. O valor da Teologia da Cultura está na descentralização do incondicionado e a sua inserção dentro de qualquer tipo de expressão cultural. Assim sendo, a descentralização de qualquer tipo de exclusivismo, seja de símbolos, salvação, sacramentos, entre outros, pode acarretar num diálogo mais aberto e tolerante com o outro e com a diferença. Desta forma, a Teologia da Cultura consiste em penetrar nas mais diversas expressões culturais, pois estas estão aptas à revelação. No ápice dessa visão, Paul Tillich e H. Richard Niebuhr alcançam uma diferença fundamental entre a Teologia da Igreja e a Teologia da Cultura. A primeira, é por sua natureza, conservadora, limitada e frágil. Ela sempre vai lutar por seus interesses. Por isso, a preservação de dogmas e de tradições é fundamental para a continuidade da estrutura vigente. Desse modo, a Teologia da Igreja será fechada e pouco aberta para as novas expressões culturais. A segunda, se encontra mais livre, porquanto está ligada ao movimento vivo da cultura, lugar onde os seres humanos se movem de forma mais ampla. Com efeito, estará aberta à diversidade e de expressões culturais que surgem com a história contínua dos humanos.

necessidade de levar a mensagem do Evangelho aos roqueiros da tribo de *headbangers*¹⁷ em Belo Horizonte. O trabalho começou nas ruas e praças da cidade. Nesta época a cidade já era considerada a capital brasileira do *rock* pesado.

Essa preocupação é fácil de perceber, por ser Belo Horizonte, nessa época, considerada verdadeiro celeiro de bandas de estilos radicais, tais como o *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros. (RODRIGUES, 2006, p. 130).

O olhar dos pastores Fábio e Eduardo para os jovens que estavam nas tribos presentes na cidade revela uma sensibilidade pelas inquietações próprias dessa faixa etária, as suas revoltas, incertezas, contestações, modo de pensar e também suas indiferenças às instituições sociais estabelecidas, inclusive a Igreja.

Partimos do princípio de que “é a partir da vida cotidiana que ocorre a reflexão do contexto dos jovens e adolescentes presentes nas tribos urbanas e na cena alternativa¹⁸ e *underground*¹⁹.” (RODRIGUES, 2007, p. 155). Dessa forma, os pastores que iniciaram o evangelismo pelas ruas e praças da cidade entenderam que as igrejas *tradicionais* não conseguiam se comunicar com as tribos dos *headbangers* que estavam espalhadas pela capital mineira.

Outra situação que ocorria eram as transformações sociais que afetavam os jovens dos grandes centros urbanos. “Observa-se na atualidade um grande crescimento da violência, das drogas, da promiscuidade, por haverem muitas cidades experimentado, em todo o mundo, uma explosão demográfica, trazendo consigo graves problemas, típicos de grandes metrópoles.” (RODRIGUES, 2007, p. 123).

Os pastores da Comunidade Caverna de Adulão conseguiram entender como ocorria a socialização na prática juvenil e como funcionavam os espaços públicos de Belo Horizonte para esses jovens que gostam de *rock* e estão nas tribos *headbangers*. Eles observaram que os jovens, ao se apropriarem das praças, parques e outros lugares públicos, o faziam não só pela falta de dinheiro para o lazer, mas principalmente pelo prazer de estar juntos e realizar as mesmas práticas da tribo. Assim, a comunidade consegue dar uma *nova* significação as práticas

¹⁷ Expressão que significa bater a cabeça, jogar os cabelos ao ar; estrondo de cabeça.

¹⁸ Como termo sociológico, o alternativo se estabelece com a sucessão de duas coisas reciprocamente exclusivas, opção entre duas formas de relacionar dentro de um grupo social ou da sociedade. A cena alternativa com os jovens roqueiros começa a partir de 1990, esse movimento juvenil abre a possibilidade entre uma ou outra alternativa nas fusões da música *rock* com outros estilos musicais, o que antes não era aceito dentro dos movimentos juvenis pelo radicalismo de seus membros.

¹⁹ Cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, subterrânea, clandestina ou oculta diante de um grupo social ou de toda uma sociedade.

religiosas, quando realiza seu trabalho com os roqueiros que estão nas tribos urbanas. Nos estudos anteriores que realizamos sobre este tema percebemos que muitos jovens têm contato com o Evangelho através do *rock*.

Muitos são os jovens alcançados por meio da Palavra cantada na música *rock*, e isso ocorre com bandas, igrejas e comunidades que desenvolvem eventos, tanto em templos como em ruas, praças, vilas e aglomerados, com o objetivo de evangelizar os jovens e adolescentes, usando tal estilo contemporâneo como atrativo. (RODRIGUES, 2007, p. 155).

Essas igrejas e comunidades ao desenvolverem eventos nos mais variados espaços públicos para os jovens, sinalizam para uma abertura religiosa para elementos da cultura juvenil. Jovens que não tinham nenhuma prática religiosa passaram juntos a viver e a vivenciar o cristianismo. O que existia apenas para os jovens que gostam de *rock* e estão nas tribos urbanas *headbangers*, estendeu-se também com o passar dos anos para outras tribos que foram atraídas pelo trabalho do grupo. Em 1995, após trabalhar com outras Igrejas, o grupo recebe a ajuda de outros cristãos e nasce então a Comunidade Caverna de Adulão.

Atualmente, a comunidade possui doze Ministérios²⁰ que funcionam como braço tanto interno, servindo a seus membros, como externo no serviço à sociedade. Entre os Ministérios, a comunidade conta com o Ministério Pastoral com cinco pastores e uma pastora, e o Ministério de Pastores em treinamento com dois pastores. Também destacam-se outros Ministérios como: Diaconia, Crianças, Louvor, Dízimos e ofertas, Projeto Reconstruir, Evangelismo na rua Guaicurus e Vigília de oração, Reunião de oração, Encontro de Casais, Comunicação, Assessoria de imprensa, arquivo e memorial.

No início da comunidade, a socialidade das tribos urbanas *headbanger* ocorria de forma *underground*. Havia a desconfiança de outras igrejas evangélicas por não aceitar esses jovens adeptos do *rock* em seus templos. Embora as práticas religiosas sejam em muito parecidas com outras igrejas e comunidades evangélicas tradicionais, podemos ver ali a socialização e a aceitação de grupos que muitas vezes são marginalizados no contexto religioso e também na sociedade. Essa socialidade ocorre de forma mais profunda, pois, esses jovens roqueiros ligados à tribo urbana *headbanger*, podem expressar sua espiritualidade na sua própria linguagem e cosmovisão.

²⁰ Os Ministérios são áreas de atuação do serviço pastoral da Comunidade Caverna de Adulão, que desenvolvem trabalhos na comunidade, com outras igrejas, nas ruas e praças e também junto a vilas e aglomerados. Estes Ministérios contam com o serviço dos membros da comunidade para atuarem, tanto na comunidade quanto na sociedade em geral.

Maffesoli descreve essa potência da socialidade como algo que não podemos ver, mas acontece muitas vezes sem ser percebida: “para quem e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma *centralidade subterrânea informal* que assegura a perdurância da vida em sociedade.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 28). Nos pequenos grupos, no sentimento de pertencimento e de estar-juntos é que se sedimentam os laços sociais. A sociedade então é formada por partes e os microgrupos ou tribos tecem o grande corpo social.

Os laços sociais ultrapassam as formas instituídas e se criam e recriam nos encontros. Para Maffesoli, as elaborações do divino são sociais. Elas se potencializam e se dinamizam na partilha, nas situações de vida mais corriqueiras, ou seja, ocorrem no encontro com o outro.

Entretanto, é bom lembrar que o divino é oriundo das realidades quotidianas, que ele se elabora, pouco a pouco, na partilha dos gestos simples e rotineiros. É nesse sentido que o *habitus* ou o costume servem para concretizar, para *atualizar* a dimensão ética de toda a sociedade. (MAFFESOLI, 2010a, p. 61).

Não somente o hábito fomenta a dimensão ética da sociedade, mas também a ajuda mútua, que se fundamenta na proximidade, no contato, no simples momento de estar juntos, no partilhar das mesmas ideias e atitudes. “Podemos, então, dizer que a ética é, de certa forma, o cimento que fará com que diversos elementos de um conjunto dado formem um todo.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 53).

Verificamos que a socialização nas tribos *headbanger* estrutura-se com o *rock* que é produzido e consumido pelos jovens na socialidade do grupo. Esses jovens, que muitas vezes estão à margem de seus direitos na sociedade, utilizam esse estilo musical, não apenas como uma função de entretenimento, mas como instrumento de denúncia e reivindicação de seus direitos básicos. Esses jovens que gostam de *rock* e que pertencem as tribos *headbanger* podem ser atraídos à Comunidade Caverna de Adulão pela proximidade e aceitação de expressões culturais em linguagem própria nas práticas religiosas.

O *rock* é social, por princípio. Esse gênero musical surgiu da necessidade de comunicar o que uma geração sentiu, pensou e fez em uma época. Por intermédio da música e da performance, tornou-se fórum de contestações e palco para a expressão das inquietações juvenis. (BRANDINI, 2004, p. 12).

O *rock* como elemento da construção social juvenil surgiu como expressão daqueles jovens e hoje este estilo musical com sua ideologia, postura e atitude serve como porta voz dos anseios dos jovens em várias partes do mundo. Outro fator importante ocorre pela nova maneira do membro tanto da tribo, quanto de uma igreja ou comunidade religiosa poder escolher de

forma eletiva a que tribo ou círculo religioso pertencer na pós-modernidade. A dimensão social e a possibilidade das relações interpessoais é o que passa a dar sentido à vida em comunidade. “Mais do que a pureza da doutrina, é o viver e o sobreviver juntos que preocupa as comunidades de base.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 109).

Nessa abertura para novas possibilidades e maneiras *diferentes* da manifestação religiosa, a Comunidade Caverna de Adulão se apropria e se amolda à cultura para comunicar o Evangelho às mais variadas tribos urbanas. Conforme descrito por Maffesoli: “Com efeito, o que tende a predominar nos momentos de fundação é o pluralismo das possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências e dos valores, tudo aquilo que caracteriza a juventude de homens e das sociedades.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 117-118).

A juventude abre as mais variadas experiências na sociedade. Todos buscam os ideais de juventude, ou seja, muitas pessoas são atraídas pelo sentimento e pelo prazer que essa faixa etária proporciona. A beleza, a estética, os esportes, a moda, a música, a alimentação e todas as práticas culturais que são idealizadas na sociedade para designar aquilo que é saudável e atual em oposição ao que é sedentário e obsoleto.

Percebemos que as mais variadas experiências humanas contribuem para a construção dos laços sociais. Para Maffesoli, também a religião é um fator importante na construção do laço social, pois ela aglutina as pessoas em torno do mesmo pensamento e sentimento. Ainda de acordo com o sociólogo, a religião é fundamental para a sociabilidade, pois “a religião, aqui, é aquilo que liga. E ela liga porque existe o ombro a ombro, porque há a proximidade física.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 74). A Comunidade Caverna de Adulão consegue perceber isso quando utiliza o *rock* como elemento de construção e manifestação dos jovens na sua prática religiosa.

Os agrupamentos sociais e religiosos como no caso da Comunidade Caverna de Adulão, ultrapassam as fronteiras das tradições e das instituições sociais para mergulhar na dimensão comunitária. “O *ethos* comunitário designado pelo primeiro conjunto de expressões remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada, enquanto tudo o que diz respeito à sociedade é essencialmente racional.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 110).

Essa subjetividade comum, para Brandini, pode ser observada com o *rock*, pois, ele tem esse poder de ser partilhado, por onde passa, se amolda a cada cultura juvenil específica, deixando de ser um produto Norte Americano ou Inglês. “O rock não é mais anglo-saxão, mas é juvenil e internacional e seu centro de referência extrapola as fronteiras geográficas e culturais originais. O rock tornou-se patrimônio cultural da juventude mundial.” (BRANDINI, 2004, p. 94).

Tanto o *rock* quanto a religião adaptam-se às mais diversas culturas em que são inseridos, o que pode proporcionar aos jovens a possibilidade em utilizar suas construções culturais em ambos os casos. Como vimos, para Durkheim, a religião tem o poder de unir todos os membros do grupo em coletividade.

Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas é o que se chama de igreja. (DURKHEIM, 1989, p. 75-76).

Portanto, a adesão dos jovens à Comunidade Caverna de Adulão pode estar atrelada a pontos comuns e às práticas idênticas dos jovens. Nesta comunidade, a religião e o *rock* possibilitam a socialização com o culto de forma contextualizada e livre aos seus participantes. O que poderia ser uma manifestação religiosa nos moldes tradicionais das igrejas evangélicas e protestantes, aqui ocorre com a música *rock* e as mais variadas tribos urbanas que se juntam para expressar sua espiritualidade de forma alternativa. O que abre possibilidades para novas práticas religiosas e cultos em nossos dias, que se manifestam de maneiras diferentes ao se apropriarem de elementos culturais em suas práticas, que antes não eram utilizados.

2.2 Apropriação de elementos culturais para uma prática religiosa contextualizada

Nota-se que não há como desenvolver uma prática religiosa sem se observar e se apropriar dos elementos culturais, do contexto de vida e cotidiano humano. Essa prática só pode ser fértil quando não está divorciada e alienada das diversas áreas da vida humana. Sua plenitude e grandeza ocorrem quando as práticas religiosas e as construções culturais estão em constante diálogo com a cultura em geral. Neste caso, o diálogo com os vários segmentos da sociedade sinaliza para uma religião contextualizada, aberta, viva e dinâmica. A cultura está em constante transformação e, para o ser humano, enquanto ser social, a vida só tem sentido quando ele consegue fazer suas construções e transformar a cultura, dando-lhe as mais diversas formas e significações nas mais diversas áreas.

Na perspectiva do ser humano como construtor cultural, Damatta, sinaliza para a riqueza que as celebrações ou “festas” proporcionam nas relações sociais do povo brasileiro.

As festas permitem descobrir oscilações entre uma visão alegre e uma leitura soturna da vida. [...] Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é

visto como algo maravilhoso ou digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado, alcançando um plano distinto. (DAMATTA, 1986, p. 69).

Ainda conforme Damatta, essas festas mostram dois tipos de expressão cultural, com as “festas da ordem” e as “festas da desordem”.

Mas posso distinguir, e assim devo proceder, as festas da ordem daquelas que promovem a “desordem” ou a orgia, que fica no limite do crime e da revolta. Sustento que, no caso brasileiro, todas as solenidades permitem ligar a casa, a rua e outro mundo. Só que cada uma delas faz essa ligação de modo específico e a partir de posições diferentes. O carnaval liga casa, rua e outro mundo querendo e propondo a abertura de todas as portas e de todas as muralhas e paredes. Os ritos cívicos e religiosos – as festas da ordem por excelência – fazem o mesmo, mas suas propostas são diferentes. De fato, nos carnavais e orgias, o propósito básico parece ser o de igualar e juntar. Seu objetivo é abolir todas as diferenças [...]. Mas no caso das festas da ordem, ou seja, das formalidades sociais em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas. (DAMATTA, 1986, p. 69-70).

Neste aspecto, mesmo dentro de uma mesma cultura, como no caso da brasileira, podemos ver uma tensão entre as duas culturas no âmbito religioso. Por um lado, uma mantém as diferenças com seus rituais e cerimônias, e podemos chamá-la de *festa sagrada*. Por outro lado, a outra tenta quebrar as diferenças com suas festividades e alegria, podemos chamá-la de *festa profana*. Percebemos um paralelo entre Damatta e Maffesoli no que se refere ao pensamento de duas culturas dentro da cultura geral. Ambos descrevem dentro da cultura um grupo dominante, que centraliza o poder e outro grupo que é dominado e não tem o poder de tomar as decisões estratégicas.

Na visão de Tylor, “Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade.” (TYLOR, 2005, p. 69). Tudo que o ser humano constrói ou cultiva na cultura acaba por se estabelecer posteriormente como vivência e prática social. Dentre as várias áreas que Tylor aponta, destacam-se aqui as crenças e a arte. Ambas nos remetem à manifestação cultural e podemos aqui fazer um paralelo com o *rock* como manifestação religiosa e elemento de construção para uma prática espiritual alternativa na tribo urbana *headbanger* entre os jovens da Comunidade Caverna de Adulão.

A definição de Tylor sinaliza que a cultura é edificada com os conhecimentos que são adquiridos ao longo da vida de um membro da sociedade. Como observamos anteriormente, Maffesoli (2010a, p. 01) sinaliza para duas culturas dentro de uma mesma cultura. De um lado ele mostrou os “proprietários da sociedade” como “poder instituído” e que têm o poder de

decisão e mudança. Por outro lado, ele mostra a “potência instituinte” que fica à margem da tomada de decisões e assim do poder. “Em suma, o *poder* instituído, sob suas diversas formas: cultural, religiosa, social, econômica, contra a potência instituinte” (MAFFESOLI, 2010a, p. 01). Podemos ver que, para Maffesoli, há tensão dentro da cultura no que se refere às manifestações culturais. O que não é aceito pelo poder instituído, pode ser sufocado como foi com o *rock* e as tribos urbanas *headbanger* décadas passadas.

Ainda de acordo com Laraia, com a definição de cultura. “Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos.” (LARAIA, 1996, p. 25). A cultura compreende todas as possibilidades de enriquecimento intelectual e do aprendizado que serão construídos por toda a vida do indivíduo. Esse indivíduo no ambiente cultural terá suas lacunas preenchidas nas representações dos vários papéis sociais. A religião como uma parte do grande mosaico cultural na atualidade possibilita manifestações religiosas que absorvam elementos culturais com novos sentidos e significados.

Em torno da construção cultural como espaço de alteridade os jovens encontram a possibilidade de fusão do *rock* com a religião, ambos elementos culturais. Outro aspecto que facilita o uso de elementos como o *rock* na prática religiosa na comunidade é a abertura para a diversidade de culturas. No entanto, a fusão e abertura podem não ocorrer quando comunidades e igrejas se fecham em suas reflexões teológicas e culturais, não observando a riqueza e a diversidade cultural, proporcionadas pelas várias cosmovisões na atualidade.

Essa riqueza da diversidade para Maffesoli tem solo fértil com o tribalismo pós-moderno. “O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo que acompanha o tribalismo pós-moderno.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 03).

O tribalismo pós-moderno, com o arcaísmo²¹, volta à fonte, às bases e ao primitivo, ao mesmo tempo passa pela vitalidade da vida. Podemos observar aqui uma correlação do arcaísmo com o nome Caverna de Adulão, que dá origem à comunidade em Belo Horizonte. A menção à caverna de Adulão encontra-se no livro de 1 Samuel 22. Este texto bíblico mostra que Davi saiu em fuga para a caverna de Adulão fugindo do rei Saul. Cerca de 400 homens que

²¹ Maffesoli (2010a, p. 07) tem “mostrado que se podia caracterizar a pós-modernidade pelo retorno exacerbado do arcaísmo.” Ainda de acordo com Maffesoli, o arcaísmo causa um certo incomodo aos observadores sociais, que buscam um progresso linear e seguro, ao passo que o arcaísmo é um regresso que para ele caracteriza: *O Tempo das Tribos*. Esse regresso é um retorno em espiral de valores arcaicos unidos ao desenvolvimento tecnológico.

estavam marginalizados e oprimidos se juntaram a Davi, que se tornou líder deles. Tanto no contexto bíblico do Antigo Testamento, quanto na Comunidade Caverna de Adulão hoje, o que se observa é que ambos são lugar de refúgio, refrigério, cura e aceitação das diferenças.

Muitas pessoas que não se encaixam nos padrões das igrejas evangélicas tradicionais, acabam vendo na Caverna um lugar de encontro, de pertencimento com os iguais e de afeto. A contracultura²² se estabelece ali com a socialização que vai na contramão de muitas igrejas cristãs e também da sociedade atual.

Davi fugiu da cidade de Gate e foi para a caverna de Adulão. Quando seus irmãos e a família de seu pai souberam disso, foram até lá para encontrá-lo. Também juntaram-se a ele todos os que estavam em dificuldades, os endividados e os descontentes; e ele se tornou o líder deles. Havia cerca de quatrocentos homens com ele. (1Samuel 22. 1-2).

Assim, do mesmo modo que Davi partilhava das mesmas emoções e sentimentos com os que foram com ele para a caverna de Adulão, hoje verificamos no tribalismo, com as mais variadas tribos urbanas espalhadas pelas cidades, que se aglutinam nos compartilhamentos, nos sentimentos partilhados, no sentimento de pertencimento, no estar juntos e na sociabilidade. Todas estas manifestações sociais, como os rituais, necessitam da repetição como parte ritual para fundamentar-se na cultura. Neste aspecto é bom lembrar que Maffesoli utiliza o termo tribo de forma pioneira. “Em uma época em que isso não era moda, propus a metáfora da ‘tribo’ para observar a metamorfose do vínculo social.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 04).

As mudanças no vínculo social pós-moderno, de acordo com Maffesoli, ocorrem com duas raízes essenciais. “De um lado, o que salienta os aspectos ao mesmo tempo ‘arcaicos’ e juvenis do tribalismo. De outro, o que salienta sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo. Eis, parece-me, as duas raízes do tribalismo pós-moderno.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 05).

Podemos notar que o retorno dos jovens ao arcaico, a busca por uma dimensão comunitária e a saturação do conceito de indivíduo, já sinalizam para descrença e insatisfação desses jovens com as instituições vigentes contemporâneas. O que possibilita a leitura e releitura de fases anteriores da cultura a procura de estabilidade ou maturidade da organização social em suas mais diversas áreas.

Essas duas raízes do tribalismo pós-moderno apontam para construções que são orgânicas e vivas. As leituras, releituras, novas significações e o retorno ao arcaísmo, realizado

²² A contracultura parte do princípio da rejeição e do questionamento dos valores e práticas da cultura dominante da qual fazem parte.

pelos jovens, que estão inseridos nas tribos, além de mostrar uma ruptura e o inconformismo com os padrões estabelecidos, aponta para a riqueza da dimensão comunitária, que ocorre no encontro com o outro, com o diferente, e quebra o domínio do individual e do privado.

Esta é a lição do “arcaísmo” pós-moderno: torna-se a representar, em todos os domínios, a *paixão comunitária*. Podemos nos defender dela, ofender-nos com ela, negá-la, proteger-nos dela, pouco importa; a tendência que nos empurra em direção ao outro, que nos incita a imitá-lo, está presente. (MAFFESOLI, 2010a, p. 15).

O arcaísmo pós-moderno com seu retorno às fontes, aos fundamentos, à gênese que estrutura e forma o pensamento, cimenta-se com a “paixão comunitária”. Os grupos que se amalgamam com os mesmos ideais formam as tribos urbanas, que criam e recriam suas práticas culturais na socialidade e na alteridade.

Dessa forma, a força das tribos urbanas ocorre pela sociabilidade e pelo sentimento de estar juntos. O que Maffesoli chamou de “arcaico”, podemos ver entre as tribos juvenis na atualidade com os movimentos que se estabelecem como contraculturais, com a cena alternativa e *underground*. Ambas, também sinalizam para a fertilidade da vida comunitária e queda do individualismo. “Nesse sentido, antes de ser político, econômico ou social, *o tribalismo é um fenômeno cultural*.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 06).

Pode parecer paradoxo, mas os movimentos contraculturais se estabelecem justamente pelo seu retorno ao que é arcaico, que é convencional do grupo, por aquilo que é marginal, fora do uso, da moda, da produção em massa e dos padrões da sociedade. A sociabilidade da tribo com suas próprias construções e significações sinalizam para o coletivo como dimensão comunitária e para a diluição cada vez maior do individualismo. Até mesmo a música *rock* e a cena alternativa e *underground* passam por este processo de transformação. Ao longo dos anos diluem os ideais propostos como fundamento inicial. Novas leituras e roupagens são estabelecidas, outros grupos sociais são gerados, as diferenças são aceitas e a coletividade se sobrepõe ao individualismo.

A nosso ver, a Comunidade Caverna de Adulão traduz tanto o aspecto arcaico e juvenil do tribalismo, quanto aponta a dimensão comunitária e o declínio do individualismo em suas práticas religiosas. A comunidade manifesta sua prática religiosa de forma aberta, o que possibilita a utilização do *rock* como elemento cultural na linguagem juvenil na tribo urbana *headbanger*. Também abre a possibilidade para práticas religiosas na pós-modernidade que vão além das igrejas evangélicas *tradicionais*. Com as *novas* formas ou práticas religiosas esses jovens podem sinalizar para uma espiritualidade alternativa com novas roupagens, leituras,

releituras e linguagens que sejam acessíveis para manifestar a sua religiosidade de forma aberta e contextualizada.

Tanto com o ritual e suas repetições, quanto com o culto, os jovens podem expressar sua religiosidade e tornar os laços internos mais fortes na tribo. Percebemos que o rito é algo construído culturalmente pelo ser humano. Conforme Durkheim: “os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.” (DURKHEIM, 1989, p. 72). Aqui entra o aspecto ético do comportamento do grupo, ou seja, quais comportamentos que homens e mulheres devem utilizar em suas práticas religiosas.

Ainda de acordo com Durkheim uma religião pode diversificar ao utilizar elementos da cultura no qual está sendo inserida. Ela se apresenta como um todo, mas é formada por partes diferentes, com cada indivíduo, suas experiências e subjetividades.

[...] uma religião não se fixa necessariamente em única e mesma ideia, não se reduz a princípio único que, mesmo diversificando-se conforme as circunstâncias às quais se aplica, seria, no fundo, sempre idêntico a si mesmo: trata-se de um todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas. (DURKHEIM, 1989, p. 72-73).

O cristianismo exemplifica a religião que se amolda às circunstâncias e culturas diversas por onde passa, em que o todo é formado por partes diferentes. Onde o cristianismo foi introduzido, ele utilizou os elementos da cultura para se expressar e se fazer inteligível aos receptores da mensagem, a começar pela língua como elemento cultural. A Comunidade Caverna de Adulão, em sua prática religiosa, se apresenta como uma dessas partes e diferencia-se pela utilização de elementos da cultura como o *rock*. Embora seja uma igreja como muitas outras espalhadas pela cidade de Belo Horizonte, ela desenvolve uma religiosidade que se amolda à linguagem e à necessidade desses jovens. A alteridade e a responsabilidade dos membros da igreja para com os jovens e a sua sociabilidade é o que importa para as tribos que aderem à comunidade.

Percebemos que as práticas religiosas na comunidade se estabelecem com a socialidade entre os jovens que estão nas tribos urbanas e também ocorrem com pessoas de várias idades. Essa formação heterogênea mostra a diversidade da religião como um grande mosaico, onde as partes, representadas por cada indivíduo, compõem esse grande mosaico e estabelecem ali a socialização entre todos os membros da comunidade.

Para Durkheim, essa diversidade de grupos afins não ocorre pela concordância espontânea e preestabelecida, mas acontece por uma mesma força que impulsiona os indivíduos na mesma direção. “Se todos os corações vibram em uníssono, não é por causa de uma

concordância espontânea e preestabelecida; é porque uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado pelos outros.” (DURKHEIM, 2011, p. 37).

Durkheim mostra uma vibração dos grupos que se movem no mesmo sentido e um *contagia* o outro dentro do grupo maior. Maffesoli observa que o sentimento de pertencimento, o afeto e o estar juntos, simplesmente para compartilhar as mesmas emoções se torna a força que move as tribos urbanas no mesmo sentido. Esse compartilhar das mesmas emoções, gostos e afetos, gera uma concordância, uma força motriz entre os indivíduos nas suas práticas sociais e pode ser observada na Comunidade Caverna de Adulão, nas práticas religiosas desenvolvidas pelos jovens que ali se socializam.

Ainda de acordo com Durkheim (1989, p. 73) a religião é um “todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas.” Nesse aspecto, na religião os *diferentes* se socializam por algum ponto em comum, ou seja, algo que possa uni-los como uma “tribo” na metáfora proposta por Maffesoli, o que não desfaz a individualidade de cada parte que compõe o todo.

Partindo desse princípio, consideramos que mesmo que as práticas religiosas da comunidade possam representar algum *estranhamento* para as igrejas tradicionais com sua forma diferente em comunicar a Palavra de Deus a grupos marginalizados, entre eles, os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, essas práticas acabam garantindo seu lugar na sociedade atual.

Para esses jovens o que é importante são os relacionamentos pessoais e interpessoais. Ao adaptar a mensagem à necessidade dos jovens, cada membro se vê como uma pequena parte, com seu pequeno relato que se encaixa e que faz sentido em um relato maior. Dessa forma, esses jovens, que de outra forma não poderiam expressar sua espiritualidade em linguagem própria, encontram ali a possibilidade para isso. A comunidade se apropria do *rock* como um elemento cultural e a prática religiosa aqui se estabelece como uma *parte* de um todo que formam também as outras igrejas protestantes e evangélicas.

Percebemos que na manifestação religiosa, as igrejas protestantes podem ser vistas como centro organizacional por serem tradicionais ou históricas, mas há também a manifestação periférica de Ministérios, Igrejas e Comunidades que desenvolvem suas práticas religiosas de forma mais livre e espontânea em nossos dias. Essa espontaneidade aponta para uma manifestação religiosa que tem o poder e a liberdade de criar, amoldar e transformar suas práticas religiosas com a adesão de elementos próprios da cultura, como no caso da música *rock*.

Assim, com a grande diversidade atual, a manifestação e as práticas religiosas propagam-se e desenvolvem-se em situações e lugares que para muitos líderes religiosos e suas respectivas instituições, seriam impensadas, “[...] e não existe religião por mais unitária que possa ser que não reconheça pluralidade de coisas sagradas.” (DURKHEIM, 1989, p. 73). No pensamento de Durkheim a religião reconhece que o campo das coisas sagradas é muito vasto.

Observamos que não só a religião tem essa amplitude dentro da cultura. Outros elementos culturais também têm uma produção e consumo muito grande. A música é um exemplo dessa vastidão da produção cultural, que pode variar entre cidades, estados e países. Na perspectiva da cultura *underground* há uma grande rede de significados para os jovens que nela se socializam, pois utilizam elementos culturais para dar sentido às próprias práticas do grupo. “A cultura *underground* é uma rede de significados que se manifesta pela produção simbólica, sobretudo canções e roupas.” (BRANDINI, 2004, p. 14).

Ao partilhar o que é produzido pela tribo urbana, com os mesmos gostos, sensações, ideais e gestos, os jovens se unem pelo fato de estar juntos e pelo sentimento de pertencimento à determinada tribo. Dessa forma, a cultura *underground* sedimenta-se no ritual, ou seja, na repetição da produção juvenil, o que gera a identidade e a sociabilidade da tribo urbana. “O rock produzido pelos membros das tribos juvenis tem início como lazer, cujo significado é a representação da vivência e dos valores que dão identidade à tribo.” (BRANDINI, 2004, p. 43).

Essa força de criação dos membros das tribos urbanas *headbanger* proporciona a sociabilidade, pois, com o fato de produzirem as suas próprias significações, acabam criando uma identidade própria. A comunidade exaure todas as suas forças na criação e recreação dos limites do grupo, com a união da ética comunitária e da solidariedade. Estas acabam desenvolvendo o ritual, que pela sua repetição dão segurança à comunidade.

A comunidade, por sua vez, esgota sua energia na própria criação (ou, eventualmente, recreação). Isto é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade. Um dos aspectos particularmente marcantes dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é, propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (MAFFESOLI, 2010a, p. 47).

Conforme demonstrado por Maffesoli, a criação de uma comunidade, se estabelece também na recreação, ou seja, ela se estrutura pelo simples prazer em fazer algo junto, que gera o convívio social amalgamado do grupo. Como podemos notar, tanto no *rock* quanto na religião, verificamos as construções culturais que homens e mulheres estabelecem no mundo, e mais especificamente em seu contexto de vida. Do mesmo modo que há uma sociabilidade em torno

do *rock* como estilo musical entre os jovens que estão nas tribos urbanas, há também a sociabilidade na religião. Conforme relata Durkheim: “As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a determinada coletividade que faz a profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. Elas não são apenas admitidas a título individual, por todos os membros dessa coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade.” (DURKHEIM, 1989, p. 75).

Sem a socialização entre as pessoas e os grupos não haverá hábitos, costumes e culturas que possam se estabelecer. A religião, as tribos urbanas e qualquer outra forma de socialidade, ocorrem pela adesão e pela prática em unidade.

A apropriação de elementos da cultura, para uma manifestação religiosa contextualizada na Comunidade Caverna de Adulão, pode ocorrer, pelo fato da aceitação à manifestação dos jovens com o *rock* e as tribos urbanas. A pós-modernidade abre a possibilidade para aceitar a diferença, assim como a utilização das várias formas de linguagens, leituras e releituras, possibilitam construções e apropriações de elementos culturais que acabam sendo incorporados lentamente às práticas religiosas.

Poderíamos sintetizar a cultura descrita por Tylor (2005) como um conjunto de aprendizados nas mais variadas áreas humanas, no qual o ser humano está em constante aprendizado. Embora Maffesoli (2010a) tenha apontado para duas culturas dentro da cultura, com o *poder instituído*, como o que tem o poder de dizer o que deve ser feito, e a *potência instituinte* sem poder de decisão, este último para ele é o que fomenta as socializações com o sentimento de estar juntos, pertencimento, partilha, emoções, gostos e as mesmas sensações. A cultura poderia assim, ser estabelecida como toda a produção e acumulação de conhecimento de um povo, nação, etnia, grupo ou comunidade.

O *rock* e a religião como elementos construídos culturalmente, podem transformar-se e amoldar-se às mais diversas culturas e costumes. Ambos renascem, ressurgem, ressuscitam a cada dia com novas formas, linguagens e misturas. Em garagens, pequenas lojas, galpões, estádios e para públicos de milhares de pessoas. No entanto, não é a grandeza que tais manifestações podem gerar que nos chamam a atenção, mas sim a construção de algo que até então era impensado, a saber, *rock* e religião.

Assim, podemos ver que a pós-modernidade abre possibilidades para uma manifestação cultural e religiosa contextualizada para aqueles que as recebem. O *rock*, as tribos urbanas, a cena alternativa e *underground* lembram em muitos aspectos a religião. Todas estas manifestações estão carregadas de paixão, devoção e têm grande caráter apologético para os seus membros. Além de serem encarnadas na vida cotidiana, também são vividas e transmitidas de geração para geração de forma cultural.

Verificamos que o *rock* e a religião têm o poder de transformar-se e amoldar-se às mais variadas culturas e costumes. Ambos mostram que podem adaptar-se às culturas e também conseguem absorver muitos dos elementos culturais onde se inserem. Neste caso podem ocorrer ainda as trocas culturais. Isso acontece pelo indivíduo não viver ilhado e também por estar ligado a uma rede cultural que é muito ampla. “Isso posto, redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 140).

Essa ligação do indivíduo a várias redes culturais, também ocorreram com o surgimento do *rock* em 1940 nos Estados Unidos, com as canções de trabalho e gritos campais dos negros americanos que trabalhavam nos campos de algodão. Eles clamavam por liberdade e utilizaram a música como instrumento de protesto, tanto no contexto secular, quanto no religioso. De acordo com Baggio os negros “deram desenvolvimento ao *blues* (tristeza) como música secular e ao *gospel* (evangelho) como música sacra.” (BAGGIO, 1997, p. 43). Para Calvani (1998, p. 211), o nascimento do *rock* ocorre com a evolução dos negros *spirituals* e do *blues* e sempre esteve associado a rebeldia e contestação.

É bom lembrar que no Brasil, em 1920, nasceu o samba como movimento contracultural genuíno, no qual os sambistas não alienaram seu trabalho. Destacamos ainda que este movimento genuíno dos negros brasileiros ocorreu 20 anos antes do nascimento do *rock* norte americano como movimento contracultural. Do mesmo modo que o *rock* nos Estados Unidos, o samba no Brasil, inicialmente foi discriminado, e assim, rejeitado pelas elites. “A história do samba demonstra, com muita clareza, a tensão dos anos 20 e 30, e como um elemento cultural originalmente rejeitado pela elite, devido a suas ligações íntimas com a cultura africana, acaba por prevalecer e transformar-se em símbolo nacional.” (CALVANI, 1998, p. 120-121).

Não é difícil entender a rejeição das elites pelo samba como produção cultural no Brasil. Cerca de quase 50 anos antes, os negros ainda eram escravos no país. A liberdade dos negros foi gradativa, em setembro de 1871, a abolição da escravatura começou a ocorrer com a Lei do Ventre Livre para crianças de menor idade e a Lei Sexagenária para idosos maiores de 60 anos. Somente em 15 de maio 1888 que a Lei Áurea foi assinada e os negros começaram a ter liberdade. O grito de liberdade dos negros no Brasil foi anterior ao dos negros dos Estados Unidos e o samba aqui foi o instrumento cultural utilizado para tal libertação.

Seguiremos na identificação do pensamento que permeia as culturas juvenis desde 1950, com o nascimento do *rock*, até 1990 com as evoluções ocorridas, com seus desdobramentos de gêneros e subgêneros musicais.

Para Brandini (2004, p. 7-8) os termos “*rock’n’roll*” e “juventude”, surgiram a partir de 1950, como um símbolo da geração pós-Segunda Guerra. Essa geração também conhecida como “*baby boom*” estabeleceu as bases para o movimento contracultural. Ainda de acordo com Brandini, o *rock’n’roll* foi instrumento de manifestação da indignação e ruptura com a sociedade estabelecida àquela época. “Além de marcar a emergência de culturas juvenis de consumo, esse gênero promoveu o multiculturalismo²³ ao integrar estilos como o *rhythm and blues* e o *country* norte-americano, representando a ruptura com barreiras étnicas, sociais e políticas.” (BRANDINI, 2004, p. 7-8).

O *rock* em seu nascimento foi utilizado como instrumento de libertação pelos negros. Posteriormente este estilo musical possibilitou interação racial através da fusão do *blues* como produção dos negros e do *country* como música dos brancos. Até mesmo a política separatista e segregação racial, que era legitimada e aceita por vários segmentos da sociedade norte americana é interrompida pelos jovens que não aceitavam mais aquele modelo de sociedade injusto e opressor.

Essa ruptura se estabelece com movimentos contraculturais e retorna aos gritos campais dos negros por liberdade. Os jovens não tinham perspectiva de vida e esperança no futuro. As experiências das duas guerras mundiais aprofundaram ainda mais a descrença desses jovens, que mostravam sua rebeldia e insatisfação pela hipocrisia da sociedade.

Na primeira guerra mundial (1914-1918), o Imperialismo foi a principal causa do conflito. Já na segunda guerra mundial (1939-1945), a briga pelo poder gerou destruição, fome,

²³ O multiculturalismo pode ser observado em determinadas sociedades quando em um mesmo território, são abrigados povos de origens culturais distintas entre si. As relações que se estabelecem entre esses grupos podem ser, tanto de aceitação e tolerância, quanto de conflito e rejeição. A globalização ajudou o processo de multiculturalismo com o desenvolvimento acelerado dos meios de transporte e das telecomunicações que aproximaram diferentes regiões do mundo, com redes de produção industrial e financeiras, com capital multinacional e sem fronteiras nacionais. Após a Guerra Fria, os Estados Unidos passam a hegemonizar culturalmente todo o planeta. Outros fatores que influenciaram o surgimento de sociedades multiculturais foram as lutas pela independência nas colônias europeias no século XX, na África e na Ásia. O que gerou o resgate das culturas tradicionais locais e, ao mesmo tempo pela ligação histórica, um processo migratório para os países colonizadores. Outras situações também contribuíram para o aumento do movimento migratório, entre eles, os conflitos de ordem étnica, religiosa e política, além das deficiências econômicas. Percebemos ainda que os produtos culturais como, filmes e a música ajudaram na expansão da cultura norte americana no mundo. Apesar da massificação, muitas comunidades culturais se apropriam de partes da cultura americana, fazendo novas leituras e transformando em algo diferente do original, como ocorreu no Brasil com o *rock*. Este último se apresenta aqui como elemento multicultural que quebra barreiras étnicas, sociais e políticas. Notamos que o multiculturalismo também ocorreu nos Estados Unidos mais intensamente entre 1950 e 1960, com um profundo debate racial. Os negros lutaram por seus direitos de forma pacífica e ocuparam lugares e posições sociais que eram destinadas apenas para os brancos. Os negros começaram a ocupar posições centrais em várias áreas da sociedade com a música, esportes, política, literatura e a religião, que teve o grande líder na luta pelos direitos civis, Martin Luther King. Essas lutas continuam reverberando com o multiculturalismo, nas minorias étnicas que ainda sofrem de opressão histórica em seus territórios, em especial com os negros e as populações indígenas que estão espalhadas e ainda lutam por seus direitos em todo o continente americano, incluindo o Brasil.

miséria e milhões de mortes com o massacre de mais de 50 milhões de pessoas, entre as quais, 6 milhões de judeus que morrem nos campos de concentração nazistas, acabando no horror das bombas atômicas em *Hiroshima* e *Nagasaki* em 1945. Em ambas as guerras, jovens procuravam resposta em meio a tanto horror, ódio e destruição de vidas, porém, nem mesmo a religião conseguiu dar respostas a estes jovens.

Integrantes de bandas de *rock* como *Pink Floyd* foram porta-vozes dessa geração marginalizada e hostil à sociedade, devido à perda de familiares na Segunda Guerra. “Nos anos 60, surgiram vários grupos que reuniam jovens sem perspectiva no mercado de trabalho da época. Muitos deles vinham de famílias desestruturadas, que haviam perdido os pais durante a Segunda Guerra, como Roger Waters, líder do grupo de rock progressivo *Pink Floyd*.” (CALVANI, 1998, p. 211).

Notamos que a desestrutura familiar, a falta de perspectiva e a revolta desses jovens, foi o combustível para formação dos movimentos contraculturais em seus contextos sociais. Com essa contracultura os grupos estabelecidos como minorias marginalizadas, não aceitam que pessoas sejam formatadas ou rotuladas. Eles combatem a cultura oficial de massa, por ser uma cultura planejada pela elite com fins lucrativos de dominação e poder. A recusa à produção em massa, de acordo com Brandini, é “orientada pela ‘oposição à burguesia capitalista’ e à indústria cultural, representou a resistência adotada por muitos movimentos e tribos.” (BRANDINI, 2004, p. 15).

Os movimentos musicais e as tribos juvenis não consomem o que é feito para as massas como cultura padrão. Também não aceitam o *status quo* com o prestígio ou distinção social, política, econômica, de um grupo dominante sobre toda a população. Outro fator de contestação desses grupos contraculturais é o *establishment* (*stable* - estável, firme), cultura imposta pelos dominantes, como instrumento de opressão.

O movimento *hippie* também se apropriou da música *rock* como instrumento de protesto. De acordo com Brandini (2004, p. 8), os *hippies* surgiram em 1960 e pregavam o *slogan* “*Peace and Love*” (Paz e amor). Esse movimento tomou grande proporção com a Guerra dos Estados Unidos com o Vietnã que ocorreu entre 1964 e 1975. Os *hippies* eram contrários a guerra, ao armamento bélico, aos conflitos sociais e qualquer tipo de repressão violenta.

Esses jovens *hippies* contestavam e estavam inconformados, pois ouviam um discurso moral para conduta com a vida e o próximo, entretanto a prática de quem vinha esse discurso era imoral. Os poderes se corromperam em todas as áreas: sócio, político, econômico, cultural e até religioso. A igreja, como possível portadora de respostas aos anseios humanos e suas crises

existenciais, também havia se calado, e, em muitos casos, se aliado aos poderes estabelecidos, deixando de exercer seu papel transformador da sociedade e do mundo.

Em 1970 surge outro movimento social ligado a música *rock*. Agora é a vez dos *punks*. Na visão de Brandini (2004, p. 8), após o descontentamento dos *hippies* com toda a estrutura social os *punks* nascem com a música *Punk Rock* e com o ideal “*No Future*” (Sem Futuro), com o discurso niilista, não acreditando em nada mais. Tudo isso ocorrendo com o Pós Vietnã. Nessa mesma época surgem bandas de *rock* muito pesadas para a época como *Black Sabbath*, *Deep Purple*, *Led Zeppelin* e *Judas Priest*.

Para Brandini (2004, p. 8), na década de 1980, os estilos que fervilhavam para os jovens como o *Hard Rock*, *Heavy Metal* e o *Pós Punk*, apontavam para um caminho e apelo pela explosão de sensualidade. Nessa década iniciavam-se as “Tribos Urbanas” ou “tribalizações” dos movimentos juvenis. No final dos anos 80 nascem outros estilos derivados do *heavy metal*, mais rápido e pesado, entre eles, o *Thrash Metal* (Metal Sujo), este estilo combinava *Heavy Metal* com mais velocidade e como exemplo podemos citar a banda *Metallica*. Nessa década surgiram também o *Black Metal* (Metal Negro) e *Death Metal* (Metal Morte), como vertentes do *Heavy Metal*.

Ainda nessa época, emissoras de rádio e televisão, com programas especializados em música alternativa e *underground*, começaram a surgir. Segundo Brandini (2004, p. 123), a MTV (*Music Television*), foi criada em 1981, nos Estados Unidos, com *clips*, entrevistas de bandas e informações voltadas para o público juvenil. Chegou em 1996, a 64 países de três continentes, com uma audiência de 254 milhões de residências, com programação 24 horas por dia. Outras afiliadas da MTV surgiram na Europa, Japão, Ásia, China e no Brasil.

No âmbito local, a Rádio Terra, em Belo Horizonte, é outro exemplo, na década de 80, que tinha em sua grade um programa especializado para os jovens e tribos urbanas que ouviam *rock* e seus subgêneros. Ainda em Belo Horizonte, a antiga TV Minas, hoje Rede Minas, dava seus primeiros passos na contribuição com a produção *underground*, que se consolidou nos anos 90 com o Programa Alto Falante, que divulgava tanto bandas nacionais, quanto bandas internacionais em seus programas. Muitas bandas de *Heavy Metal* surgiram nessa época, entre elas: *Poison*, *Monthey Crue*, *Iron Maiden* e outras se afirmaram ainda mais com seu público, como o próprio *Black Sabbath* e o *Led Zeppelin*.

Brandini (2004, p. 8) vê que, em 1990, surgiram fusões de estilos e nasceu o *Crossover*²⁴. Com esse campo fértil para a mistura nasce o “*rock alternativo*”, sem nenhuma

²⁴ *Crossover* é algo que se mistura, possibilidade de junção entre dois ou mais estilos musicais.

pretensão de mudar o mundo, os *Grunges* (sujeira, imundície) usavam o slogan “*I don’t care*” (eu não me importo). Ainda segundo Brandini (2004, p. 12), esse *rock* alternativo representou não só uma “ruptura” dos “padrões “sonoros e comportamentais”, mas um espaço para experimentação musical e também uma alternativa para o mercado fonográfico.

Na década de 90, estilos que nasceram na década anterior se consolidaram ainda mais entre os jovens como o *Death Metal* (Metal Morte) e o *Black Metal* (Metal Negro). No Brasil, como movimento contracultural, em Recife, nasce o *Manguebeat* (batida do mangue), que mistura ritmos regionais como o maracatu, o *hip hop*, *funk*, *rock* e música eletrônica. As bandas *Chico Science* e *Nação Zumbi* na visão de Brandini (2004, p. 35), foram as precursoras do movimento alternativo *Manguebeat*. Este movimento foi contemporâneo ao *Grunge* que ocorria em Seattle, nos Estados Unidos.

A possibilidade de fusão de ritmos, de ideias, e a efervescência que ocorreu a partir dos anos 90, demonstram que a cultura alternativa acabou por quebrar o radicalismo que havia entre os jovens envolvidos na cena *underground* com o *rock*. O movimento alternativo abriu também possibilidades para a construção cultural mais ampla e dinâmica, o que deu mais força para as igrejas que se apropriam de elementos culturais como o *rock* em suas práticas religiosas junto às tribos urbanas.

Desde então, as culturas juvenis tornaram-se mais livres e os jovens passaram a ter mais autonomia em suas construções nas mais variadas tribos e especificamente na tribo urbana *headbanger* com o *rock*. O pertencimento a uma tribo pode ser a marca para os grupos juvenis, sendo uma escolha pessoal no processo de reconhecimento e na autonomia pós-moderna.

Já vimos anteriormente que o termo “tribo” foi proposto por Maffesoli como metáfora, e observava justamente as transformações do vínculo social. Entretanto, para Pais (2004, p. 10), a utilização do termo “tribo” pode causar algum tipo de preconceito, ao criar uma “etiqueta” que se transforma em rótulos que são aplicados aos jovens. Esses jovens podem não se identificar com a etiqueta imprimida a eles. Ainda correm o risco de serem confundidos com grupos juvenis que estão em conflito com a lei como “bandos” e “gangs”. Assim, podem sofrer algum tipo de preconceito por rótulos que são criados para algumas tribos. “Os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não reflectem a realidade, embora a ajudem a criar.” (PAIS, 2004, p. 11).

Magnani (2005, p. 175) observa as limitações do termo “tribos”, pois ele é usado nos estudos tradicionais de etnologia para laços mais profundos e duradouros, como clãs, tribos, segmentos e grupos locais. Porém, para os jovens o termo significa justamente o contrário, ou seja, uma fragmentação e uma postura contra a cultura de massas.

De acordo com Pais, o próprio termo “tribo” já carrega em si a ideia de atrito, resistência e oposição.

Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a ideia de atrito (do grego *tribé*), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas. (PAIS, 2004, p. 12).

Fizemos o percurso com o nascimento do *rock* desde 1950 até 1990 e chegamos aos dias atuais. Nessa trajetória observamos que todos os grupos e as tribos juvenis utilizaram o *rock* como instrumento de protesto e contestação. Nesse sentido percebemos que os jovens nas tribos urbanas *headbangers*, ainda hoje, utilizam o *rock*, como elemento cultural em suas contestações aos poderes instituídos. Apesar de usar a metáfora da “tribo” para designar as transformações do tempo vigente, Maffesoli entende que ela não dá conta de expressar com segurança este conceito. Por outro lado, os intelectuais não conseguem se comunicar com a geração vigente, por seus conceitos serem ineficazes, obsoletos e por isso os jovens não participam ou não querem envolver nas decisões políticas devido à falta de vínculo entre o discurso e a vida em sua realidade.

Há, reconheço, um verdadeiro paradoxo: indicar uma direção garantida com “palavras” não tendo, de modo algum, a segurança do conceito. [...] Talvez seja preciso saber aceitar, e viver, esse paradoxo. [...] é preciso saber se contentar com as metáforas, analogias, imagens, todas coisas vaporosas, que seriam os meios menos piores possíveis para dizer ‘o que é’, o que está em estado nascente. [...] E é a isso que se dedica a maior parte dos intelectuais, jornalistas, políticos, assistentes sociais e outras boas almas, que se sentem ‘responsáveis’ pela sociedade. Qualquer que seja a situação, quaisquer que sejam os protagonistas, eles só têm na fala as palavras, cidadania, República, Estado, contrato social, liberdade, sociedade civil, projeto. É, sem dúvida, honroso e mesmo bastante gentil. Sim, mas são palavras que parecem vir do planeta Marte para a maior parte dos jovens que não sabem o que fazer da política e mesmo do social. A abstenção, por ocasião das eleições, é, a esse respeito, esclarecedora pelo fato de que ela mostra bem em que o mecanismo de *representação* não tem mais qualquer relação com o que é vivido. (MAFFESOLI, 2010a, p. 04-05).

Ao utilizar o termo *tribos urbanas*, pensamos na questão metafórica proposta por Maffesoli, que demonstra as transformações nos vínculos sociais, com o sentimento de pertencimento e de estar juntos, o afeto, as paixões e devoções comunitárias entre os jovens que se aderem à essas tribos. Outro fator para o uso desse termo ocorre pelos membros da Comunidade Caverna de Adulão se auto denominarem como uma tribo do *rock* quando do início da comunidade e hoje se intitulam como uma tribo mais heterogênea e aberta à diversidade cultural. É bom ressaltar aqui que não só as manifestações culturais na comunidade

são desenvolvidas de forma contracultural. As pregações, a liturgia, o evangelismo, a participação dos membros e dos pastores na vida da comunidade, mostram um formato diferente das igrejas evangélicas e protestantes tradicionais. No qual os jovens e toda comunidade constroem suas práticas religiosas de forma mais orgânica, aberta e contextualizada.

Os jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* criam com o *rock* sua própria estética, ideologia e postura diante do mundo. Dessa forma, já sinalizam para o atrito e oposição com a cultura de massas. A começar pelo fato de utilizarem uma linguagem diferenciada no grupo e na produção musical com vocais executados de forma gutural e uma sonoridade rápida, agressiva e muito ruidosa. A forma de se vestir com roupas extravagantes pode também demonstrar esse atrito e oposição com o que é convencionalmente definido pela cultura de massas. “A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime por meio de rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo.” (MAFFELOLI, 2010, p. 159).

O ritual ocorre com a repetição e, embora as tribos pareçam ser desestruturadas, contestatórias e subversivas, “a referência ao ritual sublinha que a qualidade essencial da resistência dos grupos e da massa é a de ser mais ardilosa do que ofensiva.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 159-160).

Na resistência à cultura de massa que é estabelecida como padrão a ser seguido, as tribos urbanas podem sofrer alguma depreciação e preconceito, com o rótulo e o estigma que são dados aos seus membros. “Não é certamente por acaso que muitos grupos de jovens levam com o apodo de tribo. É que as suas condutas são vistas como desalinhas, confrontativas, exóticas.” (PAIS, 2004, p. 13).

Mas, justamente a não aceitação da tribo pelo que é imposto como padrão cultural pela cultura de massas, que podemos ver o sentimento de pertencimento, o convívio e o sentimento de estar-juntos. Nesse aspecto, as tribos unem os jovens que têm as mesmas sensações, emoções, interesses e ideais. “Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objectivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referência mais próximos dos seus ideais.” (PAIS, 2004, p. 17).

Essa sociabilidade ocorre no *olho no olho* como as relações horizontais com os grandes fluxos de pequenas tribos.

Quando observamos com atenção, esse ombro a ombro indistinto, que se assemelha às peregrinações animais, é, de fato, constituído por uma multidão de pequenas células que entram em interação. Ele é, igualmente, pontuado por uma série de reconhecimentos,

de pessoas e de lugares, que fazem desse caldo de signos de cultura um conjunto bem ordenado. (MAFFESOLI, 2010a, p. 168).

Podemos observar que a Comunidade Caverna de Adulão utiliza elementos culturais como o *rock* em suas práticas religiosas. Mesmo que tais práticas pareçam contrárias à grande maioria das igrejas evangélicas tradicionais, as práticas da tribo urbana *headbanger* com o *rock* e a religião têm o poder de unir os contrários.

As tribos e suas lutas, a forte interdependência que constitui essas tribos, e ao mesmo tempo a necessidade de um Deus que una os contrários, eis aí o quadro epistemológico-mítico no qual se insere a dialética “do amor e do afastamento” que parece ser a base de toda estruturação social. (MAFFESOLI, 2010a, p. 185).

Portanto, o que percebemos nas práticas religiosas da Comunidade Caverna de Adulão e também na espiritualidade alternativa desenvolvida pelos jovens ali, é que há a abertura da comunidade para a apropriação de elementos culturais juvenis dos roqueiros que estão nas tribos urbanas *headbangers*. Essa abertura da comunidade sinaliza para uma prática religiosa contextualizada, que respeita e aceita a manifestação desses jovens.

2.3 Igrejas e Comunidades *Undergrounds*: novos modelos Eclesiais?

Nota-se que, para falar de igrejas e comunidades *undergrounds* ou de *novas* formas eclesiais na atualidade, fizemos a seguinte pergunta. *Igrejas e Comunidades Undergrounds: novos modelos Eclesiais?* Com este questionamento, buscamos identificar e descrever, a relação dos jovens que gostam de *rock* e que estão nas tribos urbanas *headbangers*, com a Comunidade Caverna de Adulão. Mas, para isto é necessário, entender algumas transformações que ocorreram ao longo dos últimos séculos e nas décadas derradeiras de nosso tempo. Várias áreas da sociedade foram afetadas pela nova maneira de pensar e agir no mundo. Essa nova mentalidade, não aceita nada que se erija como absoluto, pois, este produziu sistemas opressivos, fome, guerras e campos de concentração.

Percebemos que a Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, se consolida como uma comunidade cristã, que utiliza elementos da cultura, entre eles a religião e o *rock*, com a sociabilidade dos jovens nas tribos urbanas. Para Maffesoli, as práticas religiosas podem ajudar na ampliação da sociabilidade, pois estabelecem laços mais estreitos entre as pessoas e isso ajuda a enfrentar as adversidades da vida.

Que a religião (*re-ligare*) seja a expressão de uma socialidade plural, [...], não é de nenhuma forma surpreendente. Com efeito, convém lembrar que antes de institucionalizar-se, com sabida rigidez, as reuniões religiosas servem, antes de tudo, para manter o calor, para cerrar as fileiras diante da dura “ordem das coisas”, social ou natural. (MAFFESOLI, 2010a, p. 185).

Essa socialidade plural que a religião pode proporcionar com o sentimento de pertencimento, e o calor produzido pelo ombro a ombro, também pode ser observada na composição da comunidade. No início o trabalho era voltado para os jovens que estavam nos grupos marginalizados e discriminados na sociedade. Hoje, ela tem como membros, homens, mulheres, crianças e pessoas das mais variadas idades.

Percebemos que não só a Comunidade Caverna de Adulão desenvolve este tipo de trabalho específico junto aos jovens que estão ligados às tribos urbanas *headbanger* com o *rock*. Existem, atualmente, igrejas e comunidades cristãs que realizam este trabalho voltado para os jovens, inclusive ministérios e bandas de *rock* ligados à Igreja Católica.

Observamos também que não se trata de novas igrejas e comunidades, mas de práticas religiosas que fazem uso de manifestações culturais variadas, com leituras, releituras e novas formas e significações, que aqui utilizam o *rock* como um elemento cultural juvenil. Antes de prosseguirmos é bom salientar algumas diferenças entre igrejas e comunidades. De acordo com Brakemeier (2004, p. 49), “*comunidade* é a congregação local, enquanto *igreja* designa um conjunto de comunidades.” Ainda de acordo com ele, igreja e comunidade são sinônimos *neo* testamentários.

De acordo com o Novo Testamento, porém, igreja e comunidade são sinônimos. A diferença está unicamente na origem etimológica. *Igreja* provém do grego *ekklesia*, que significa *assembleia*, enquanto *comunidade* é termo latino, designando um grupo unido por algo comum. Sob tal perspectiva, viver em comunidade é viver em igreja e vice-versa. Comunidade cristã sempre possui natureza *ecclesial*. (BRAKEMEIER, 2004, p. 49-50).

Outro fator de destaque é que as comunidades estão mais abertas a elementos culturais que as igrejas. Assim, estão mais envolvidas ao que é produzido pela cultura. A comunidade acaba sendo mais receptiva também à cultura pela sua liberdade quanto aos costumes, dogmas e estruturas eclesiais, que são menos rígidas e engessadas que as igrejas no que tange as mudanças. Muitas comunidades evangélicas que desenvolvem seus trabalhos junto aos jovens, usam tal nomenclatura para se distanciar do formato de igrejas convencionais e terem mais abertura para todo tipo de grupo juvenil. Essas comunidades não estão ligadas muitas vezes as

grandes igrejas, históricas ou não, mas são fiéis ao evangelho e estão contidas integralmente à igreja de Deus.

Isso não impede que as comunidades locais se apresentem em variedade de formas e em coloridos culturais. Elas têm o direito à diferença. Já na primeira cristandade conviviam cristãos de fala hebraica e grega, portanto oriundos de diferentes ambientes. Divergiam as tradições, os costumes, as etnias. Nem sempre a pluralidade cabia numa só organização comunitária. A igreja de Jesus Cristo não pode pretender a uniformidade. Ela precisa adequar-se ao contexto em que vive, articular o evangelho na respectiva cultural, falar a linguagem do povo. É digno de destaque que comunidade cristã não está atrelada a nenhuma cultura específica (cf. 1 Coríntios 9.19s.). Ela pode vestir os *trajes típicos* da respectiva localidade e região. Tem abertura para a multiculturalidade. Congrega gente concreta, de *todas as nações* (Mateus 18.18). (BRAKEMEIER, 2004, p. 50).

As comunidades locais se estabelecem como solo fértil para as variedades de formas em diferentes ambientes. Essa pluralidade pode ultrapassar a organização comunitária e assim, sinalizar que nenhuma comunidade fique presa a uma cultura específica. Desse modo, o regionalismo é respeitado, com a incorporação dos elementos, próprios de determinados grupos. O que viabiliza a abertura para o multiculturalismo²⁵ sem cair na tentação de monopolizar ou achatar manifestações que estão fora dos grandes centros urbanos.

Verificamos que essas igrejas e comunidades *undergrounds*, que desenvolvem este tipo de trabalho com os jovens, não estão restritas apenas às grandes metrópoles brasileiras, mas tem se espalhado para vários pontos do Brasil, e chegaram a cidades de pequeno e médio porte.

De acordo com Baggio (1997, p. 72), a Comunidade S-8 em Niterói no Rio de Janeiro foi a pioneira no Brasil a desenvolver seus trabalhos voltados para os jovens, desafiando os padrões culturais e apoiando bandas com estilos próprios. A comunidade inicia suas atividades em 1971 com reuniões de jovens que buscavam orientação e tratamento para o uso e abuso de drogas.

Vários problemas sociais têm levado comunidades e igrejas a darem respostas ao mundo que está em constante transformação. Observa-se na atualidade um grande crescimento da violência, das drogas, da promiscuidade, por haverem muitas cidades experimentado, em todo o mundo, uma explosão demográfica, trazendo consigo graves problemas, típicos de grandes metrópoles.

Já identificamos que assim como a Comunidade S-8, inúmeras igrejas, comunidades, tanto pequenas como grandes, desenvolvem trabalhos específicos, junto aos jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas. Destacam-se a Comunidade *Metanóia* da cidade do Rio de

²⁵ Ver mais sobre multiculturalismo a nota de rodapé 23, p. 41.

Janeiro, fundada no final dos anos de 1990. Ainda nessa década, em 1998, o Projeto 242 começa suas atividades na cidade de São Paulo. Outra que nasceu nessa mesma época e em São Paulo foi a Comunidade *Zadoque*, que recentemente teve o seu nome mudado para *Crash Church Underground Ministry* e abriu também uma comunidade na cidade de Cuiabá no Estado do Mato Grosso. No Paraná, destacam-se a Comunidade Gólgota e a Comunidade Refúgio, ambas começaram suas atividades em 2000. Em Florianópolis, o destaque é o Ministério *Underground Ossos Secos*. Do norte e nordeste do Brasil, algumas comunidades desenvolvem trabalhos com jovens que estão nas tribos urbanas, na cidade de Palmas destacamos a Comunidade *Zoe*, de Belém o destaque é a Comunidade Altar e somando a elas a Missão *Shekinah* de Aracaju.

De acordo com o site Cristianismo *Underground*²⁶ existem várias igrejas e comunidades *undergrounds* cristãs no Brasil atualmente. Todas trabalham com os jovens que estão nas tribos urbanas, no cenário alternativo e *underground* nacional. Destacamos no Estado do Espírito Santo a Comunidade Milícia²⁷ que desenvolve seus trabalhos junto aos jovens que estão nas tribos urbanas na cidade de Serra e a Avalanche Missões Urbanas na cidade de Vitória que apoia e treina novos líderes para atuarem em suas comunidades e também em novas igrejas *undergrounds*.

O Estado de Minas Gerais desponta com inúmeras igrejas e comunidades com trabalhos para os jovens que estão inseridos nas tribos urbanas. Em pesquisa realizada anteriormente, de acordo com Rodrigues (2007), o *Tribal Generation* em Uberlândia é um dos exemplos das mudanças que ocorrem no Brasil e no mundo. Esse movimento estimula a implantação de novas igrejas que atenda a geração emergente com suas tribos urbanas, com o apoio e treinamento de novos líderes para essas novas igrejas. O trabalho do *Tribal Generation* é interdenominacional e está em vários países do mundo. Ainda em Uberlândia destacamos a Comunidade Manifesto Missões Urbanas. Na região do Vale do Aço, na cidade de Ipatinga destacamos a Comunidade Grito de Alerta. No Vale do Rio Doce, em Governador Valadares o destaque é a Comunidade Impacto Urbano. Na Zona da Mata, em Juiz de Fora destacamos a Caverna do *Rock*.

Existem cidades que têm inúmeras igrejas e comunidades que desenvolvem trabalhos com os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*. Este é o caso de Belo Horizonte que além de ter a Comunidade Caverna de Adulão como a mais antiga em atividade, conta também com várias outras que desenvolvem o mesmo trabalho na cidade. Entre outras igrejas e comunidades destacamos: a Comunidade RAUC *Church* (Refúgio de Adoradores

²⁶ Ver no site outras igrejas e comunidades *undergrounds* cristãs que desenvolvem trabalhos junto aos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers*.

²⁷ A Comunidade Milícia encerrou suas atividades em 2012.

Unidos em Cristo), esta comunidade tem uma peculiaridade, começou o seu trabalho com jovens que estavam envolvidos com a cena alternativa e *underground*, e há dois anos abriu as portas para moradores de rua e dependentes químicos, que passaram a morar dentro da comunidade. Outras comunidades trabalham especificamente com os roqueiros que estão nas tribos *headbangers*, como é o caso da Comunidade Justiça e Retidão, a Comunidade *Rock Grace Church* e a Igreja 180°, todas desenvolvem trabalhos junto aos jovens e às tribos urbanas e com a cena alternativa e *underground* na capital mineira. Há também outras igrejas e comunidades que realizam este tipo de trabalho junto aos jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* na região metropolitana de Belo Horizonte.

Vimos até aqui, que muitas igrejas e comunidades *undergrounds* desenvolvem este tipo de trabalho junto aos jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas, não apenas nos grandes centros do Brasil, mas também nas pequenas e médias cidades. Dentre outros exemplos, que comprovam essa pulverização de comunidades no país, destacamos na região nordeste, a Impacto Subterrâneo em Fortaleza no Ceará, a Comunidade *Underzone* em Salvador na Bahia, a Extrema União de Recife em Pernambuco e a *Kainos* Missões Urbanas de Campina Grande na Paraíba. No sul do país destacamos ainda, as comunidades Missão Urbana Gravataí da cidade de Gravataí no Rio Grande do Sul e a Caverna das Tribos Tubarão da cidade de Tubarão em Santa Catarina. Na região norte destacamos, a Missão *Underground* na cidade de Araguaína no Tocantins e a Base Missionária *Sabaoth* na cidade de Manaus e de Boa Vista, nos respectivos estados do Amazonas e de Roraima. Somando-se a essas comunidades destacamos na região sudeste, o *Underfaith* Missões Urbanas, a Capital Augusta e o Refúgio *Moriah*, todas localizadas na cidade de São Paulo, como também o Ministério Extremo, da cidade de Limeira, no interior do estado paulista. Na cidade do Rio de Janeiro destacamos, o Projeto 70 Missões Urbanas *underground* e o *Jesus Church*.

Encontramos quase vinte sites que divulgam a cena alternativa e *underground* cristã. No entanto poucos foram os que divulgavam igrejas e comunidades. A grande maioria divulga bandas e suas respectivas igrejas e comunidades. Além do site Cristianismo *Underground* acima citado, encontramos o site Congresso Nacional *Underground* Cristão²⁸ (CNUC) que, desde o ano de 2000, realiza congressos na promoção das comunidades *undergrounds* que trabalham junto aos jovens que estão nas tribos urbanas de forma itinerante e interdenominacional por todo o Brasil.

²⁸ O primeiro encontro da CNUC ocorreu em 2000, na Comunidade S-8, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, por ocasião dos quase 30 anos de suas atividades e por seu pioneirismo.

Toda evolução dessas novas formas de igrejas, com novas formas de culto e práticas religiosas que se amoldam às necessidades dos jovens, ocorreram de acordo com Costa, pela aproximação dos evangélicos com o *rock*. “Inicialmente, no Brasil, a aproximação efetiva dos evangélicos com o rock remete-se, por exemplo, segundo Mariano, a um movimento denominado ‘roqueiros de Cristo’ que teve início com a banda ‘Rebanhão’, em 1981, no Rio de Janeiro.” (COSTA, 2004, p. 51).

No entanto, a utilização dos elementos culturais como o *rock* no Brasil é anterior a década de 80 e grupos como ELO e S-8 foram fundamentais, pois “ajudaram a trazer a música contemporânea para dentro das igrejas evangélicas brasileiras ainda na década de 70. Ambos os grupos produziram músicas de alto nível e desafiaram os padrões em seus trabalhos.” (RODRIGUES, 2006, p. 71).

Ao trazer a música contemporânea para as igrejas evangélicas, o grupo ELO e S-8 abriram novas possibilidades para novas interpretações não só musicais, mas principalmente, para práticas religiosas que fossem espontâneas e livres para fusões, leituras e releituras.

Com sua música bem ritmada e ousada, o grupo – que nasceu em São Paulo e se transferiu posteriormente para o Rio de Janeiro – trazia uma fusão de ritmos que iam desde o baião ao *rock’n’roll*. Em 1984, Janires Magalhães Manso, líder do Rebanhão, desligou-se do grupo e foi trabalhar com a MPC (Mocidade para Cristo) em Belo Horizonte, onde formou a Banda Azul. (RODRIGUES, 2006, p. 122).

Vários grupos seguiram o caminho aberto pelo Rebanhão, inúmeros grupos despontaram em todo o país, formando o que ficou conhecido como música *gospel*, entre eles: Sinal de Alerta, Banda e Voz, Complexo J, Fruto Sagrado, Kadoshi (ex-Atos 2), Oficina G3, Banda Gerd, Banda Rara, Katsbarnéia e Resgate.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo por exemplo, teve sua origem nas camadas da classe média e alta, ainda assim, ela desenvolveu inúmeros trabalhos com certa desenvoltura com as mais diversas tribos juvenis que estavam nos subúrbios.

O *Christian Metal Force (CMF)*, originalmente fundada por Cláudio Tibério e que passou a fazer parte da Renascer no início dos anos noventa, teve suas atividades focadas exatamente para essas culturas juvenis. E, como forma de atrair essa juventude, deu um amplo espaço para as bandas de rock evangélicas por intermédio de um trabalho de reelaboração dos símbolos e linguagem do rock. (COSTA, 2004, p. 53).

A efervescência em Belo Horizonte entre as décadas de 80 e 90 com as mais variadas bandas de *rock* pesado já apontava para a capital mineira como celeiro de bandas de *rock*, com seus subgêneros. Esta preocupação é fácil de perceber, pois Belo Horizonte era considerada o

celeiro de bandas de estilos como: *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Death Metal*, *Thrash Metal*, *New Metal*, *Doom Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros.

A banda Sepultura, de Belo Horizonte nos anos 90 foi considerada a maior banda de *rock* pesado do mundo. Na cidade havia também várias bandas de sucesso entre elas: *Overdose*, *Sex Trash*, *Sarcófago*, *Mutilator*, *The Mist*, *Eminence*, *Absolute Disgrace*, *Chacal* e muitas outras. A cidade, pela grande quantidade de bandas, em 1994 recebe o título de “Capital do *Rock*” na cena alternativa e *underground* secular. A capital mineira entra definitivamente no cenário do *rock* mundial com o “BHRIF” (Festival Internacional de Rock de Belo Horizonte). Ocorreu a apresentação de bandas nacionais e internacionais na Praça da Estação e na Serraria Souza Pinto. Este festival foi realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com a iniciativa privada, aberto ao público em geral.

A cena alternativa e *underground* cristã também não ficou para trás, com o pioneirismo das primeiras bandas *undergrounds* de *rock* cristão e com o surgimento da Comunidade Caverna de Adulão no início de 1990. “Em Minas Gerais, segundo Tibério, surgiram as primeiras bandas *White metal*. O Ministério mineiro de *White Metal*, conforme informou Tibério, inicialmente chamou-se ‘Sanctuary Church’ e, em 1994, passou a se chamar ‘Caverna de Adulão’, nome que ostenta hoje.” (COSTA, 2004, p. 54).

De acordo com Costa, no final da década de 80 e início dos anos 90, as comunidades e igrejas começam a mudar seu campo de atuação para alcançar os jovens dos subúrbios das cidades. “Mais ou menos a partir desse momento começaram a surgir comunidades religiosas e igrejas evangélicas, que começaram a mudar a sua forma de atuação e os métodos de cooptação dessa juventude proveniente dos subúrbios das cidades brasileiras.” (COSTA, 2004, p. 48).

Dessa forma, tanto comunidades quanto igrejas começaram a aceitar a manifestação cultural dos jovens dentro de suas práticas religiosas e o apoio dado pelos líderes religiosos a esses grupos ou tribos refletiu na frequência e permanência desses jovens nas suas igrejas.

Um dos atrativos é que, desde que aceitassem “*Jesus*” e passassem a frequentar as igrejas, eles poderiam continuar a “ser como antes”. O que significava poder usar as roupas, cabelos e adereços tradicionais, ouvir e participar de shows e encontros musicais e culturais, de forma pacífica, entre outras possibilidades. (COSTA, 2004, p. 49).

Em síntese percebemos que a adaptação dessas igrejas e comunidades aponta para uma nova forma de evangelizar e também uma nova forma de ser membro nesses círculos religiosos.

Vale a pena ressaltar que não se trata de um novo modelo de igreja ou comunidade. No entanto, nessas práticas religiosas abertas a apropriação de elementos culturais, podemos ver que a instituição religiosa é quem muda e se amolda às necessidades dos seus membros, não sendo a pessoa que muda no ato de sua conversão. O continuar a “ser como antes” descrito por Costa acima, diz respeito a abertura das instituições religiosas às práticas realizadas pelos jovens nas tribos urbanas. “Assim, a figura tradicional do ‘*crente*’, vestindo um terno preto, segurando uma bíblia e seguido de sua mulher trajando um vestido comprido e conservando os cabelos longos, foi substituída pelos fiéis usando roupas descontraídas, coloridas e cabelos da moda.” (COSTA, 2004, p. 51).

Este que a princípio parece ser um novo modelo de igreja que quebra a rigidez da religião institucional, ao que parece, desenvolve novas práticas religiosas, que utilizam elementos culturais como forma de expressão religiosa que eclodem dentro da própria cultura. Os cultos da Comunidade Caverna de Adulão, mesmo que pareçam ter a forma diferente dos padrões tradicionais de igreja evangélicas na atualidade, não diferem das práticas religiosas dessas igrejas, embora haja uma participação mais inclusiva de seus membros e também uma maior liberdade para manifestações culturais na comunidade.

Do mesmo modo que Costa, Maffesoli observa que essas espiritualidades alternativas sinalizam para novas práticas religiosas na pós-modernidade, em que o fiel é quem faz suas escolhas com os bens religiosos que se adaptem às suas necessidades. “Essa religiosidade pode caminhar lado a lado com a descristianização, ou com outra forma qualquer de desinstitucionalização. E, por isso mesmo, a socialidade designa, justamente, a saturação dos grandes sistemas e das demais macroestruturas.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 135).

Nesse aspecto, a religião e o *rock* podem estabelecer a socialidade entre os pequenos grupos ou nas tribos urbanas como expressão dessa cultura mais ampla. Essa socialidade rompe com os grandes sistemas e as grandes estruturas pelo distanciamento e pela frieza relacional que elas causam. “A religião que se define a partir de um espaço é um cimento agregador de um conjunto ordenado, ao mesmo tempo social e natural.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 211).

Tanto a religião quanto o *rock* usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo significado à prática religiosa. Nessas práticas religiosas o *rock* poderia ser o que Maffesoli descreveu acima como “espaço”, pois através dele muitos jovens são atraídos às comunidades e igrejas que trabalham com as tribos urbanas e expressam a religiosidade na cultura alternativa e *underground*.

Dessa forma, o *rock* como estilo musical juvenil, pode se estabelecer como um “espaço” simbólico que ajuda a religião a lançar suas bases na sedimentação dos laços entre os jovens.

Paralelamente, Costa observa que a música tem o poder de unir os jovens com os mesmos ideais. “No caso de determinados grupos juvenis, a música é vivida coletivamente como fonte de significado e identidade.” (COSTA, 2004, p. 58).

Nestes laços, nos sentimentos de pertencimento e de estar-juntos, ideologias são resgatadas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos juvenis são relançados muitas vezes como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas expressões religiosas como é o caso do *rock*, que alguns anos atrás seriam impensadas no âmbito religioso.

Portanto, a pós-modernidade possibilita ao ser humano a autonomia para fazer suas próprias escolhas com a pluralidade de pensamentos, o que não cabe mais a um pensamento absoluto e verdadeiro. Outro fator dessa época é a utilização de elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais nos grandes centros urbanos.

Percebemos que a Comunidade Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, como outras comunidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, que desenvolvem este tipo de trabalho junto às mais variadas tribos urbanas que estão na cena alternativa e *underground*, não sinalizam para uma *nova* forma de igreja. Contudo, apontam para novas práticas religiosas na atualidade. Utilizam-se dos elementos que são dados culturalmente, entre eles, a própria religião e a música *rock*, ou seja, respeitam as manifestações culturais da geração emergente, que não poucas vezes ficam à margem de seus direitos básicos. Assim, a religião consegue dar sentido à vida desses jovens e assume o papel que deveria ser do Estado com políticas públicas que reduzam as distâncias causadas pela falta de emprego e oportunidades para os mesmos.

Assim, a centralidade da religião para esses jovens pode ser entendida como uma forma de enfrentamento das situações adversas que encontram diariamente em suas vidas, tais como a falta de acesso a direitos e procedimentos formais, que caberia ao Estado suprir. A religião acaba assumindo papéis comumente desempenhados pela esfera política e o cristianismo torna-se o elemento crucial para o enfrentamento da marginalização que as condições econômicas e estruturais têm legado a estes jovens. (PINTO, 2009, p.181).

A abertura da Comunidade Caverna de Adulão para os jovens adeptos da música *rock* que estão inseridos nas tribos urbanas, pode sinalizar para a riqueza das expressões religiosas e culturais nas novas práticas religiosas da pós-modernidade. A cultura deixa de ser obstáculo na adesão de novos membros à igreja e passa a ser uma aliada graças à sensibilidade de seus líderes. Estes utilizam elementos culturais como a música *rock* aliados à religião, o que torna

possível aos jovens desenvolverem sua espiritualidade com significados e linguagens próprias de seu cotidiano. Como relatado por Pinto:

Hoje, ao invés da salvação pela negação do *rock*, o que tem operado é a salvação pelo *rock*. No lugar do abandono do jeans rasgado e da camiseta preta, temos a utilização desses anexos corporais para a construção de um território sagrado. Em vez de uma ética ditada pelo pastor, vemos a quebra desta figura enquanto manipulador e mediador do sagrado. Quebradas as mediações, o sagrado, acoplado ao *heavy metal*, torna-se fonte de agencialidade a estes jovens fiéis. (PINTO, 2009, p. 12).

A partir do próprio contexto e experiências religiosas com grupos marginalizados pode brotar respostas para os problemas sociais. Os jovens passam a ser agentes de transformação com voz e vontade própria que atenda aos seus anseios. Maffesoli relata esta potência que os grupos religiosos têm em multiplicar-se como uma resposta para os problemas de nosso tempo.

Já se disse que os *thiasas* dionisíacos do final do helenismo ou as pequenas seitas do início do cristianismo foram a base da estruturação social que se lhes seguiu. Talvez seja possível dizer a mesma coisa da multiplicação dos reagrupamentos afetivo-religiosos que caracterizam a nossa época. (MAFFESOLI, 2010a, p. 142).

As bases para o relacionamento entre os jovens ocorrem justamente pelo sentimento de pertencimento e de estar juntos. A participação de todos e a sociabilidade nos grupos religiosos, de acordo com Maffesoli (2010a, p. 146), aponta para o ressurgimento das comunidades de base²⁹ ou de grupos afinitários, nas igrejas contemporâneas, aos quais ele compara com a grande

²⁹ As Comunidades de Base ou Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), citadas por Maffesoli são comunidades inclusivistas e mais horizontais nas interações sociais e religiosas. Elas estão ligadas principalmente à Igreja Católica que, incentivadas pela Teologia da Libertação após o Concílio Vaticano II (1962-1965) se espalharam nos anos de 1970 e 1980 no Brasil e na América Latina. São constituídas em comunidades que partilham o mesmo espaço geográfico, com suas carências e misérias em comum, compostas em sua maioria por membros insatisfeitos das classes populares e despossuídos, vinculadas a uma igreja ou a uma comunidade com fortes vínculos, cujo objetivo é a leitura bíblica em articulação com a vida, com a realidade política e social em que vivem e com as misérias cotidianas com que se deparam na matriz ordinária de suas vidas comunitárias. Através da hermenêutica do método ver-julgar-agir buscam olhar a realidade em que vivem (ver), julgá-la com os olhos da fé (julgar) buscando nunca perder de vista o dom da tolerância e o dom da caridade. Sem, no entanto, deixar que a razão fique obnubilada, e encontrar caminhos de ação e contemplação, mesmo que impulsionados por este mesmo juízo prático ou teórico à luz da fé (agir). Para Camurça (2008, p. 47-48) no Brasil há pesquisadores sobre a Teologia da Libertação e as CEBs. Estes pesquisadores atuavam no campo católico e utilizaram as Ciências Sociais com ênfase no marxismo para aprofundar na análise da realidade e da prática religiosa. Na visão de Camurça o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, foi a instituição que abriu possibilidades para reflexão sobre religião com temas pertinentes e livres da tutela das instituições de ensino superior católicas. Entre os intelectuais católicos leigos estão o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, que presta assessoria a organizações populares e religiosas, com ênfase nos setores da “Igreja Popular” ou “da Libertação”. E também Faustino Teixeira, um dos primeiros doutores-teólogos leigos brasileiros e autor de uma tese de doutorado na linha “teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no País”.

abundância e riqueza dos lençóis freáticos, que podem exercer sua função social, apenas quando usados como partilha, ajuda mútua e solidariedade desinteressada.

A microestrutura das tribos urbanas com seus sentimentos mútuos e os pequenos grupos que se desenvolvem dentro de uma macroestrutura social sinalizam para a riqueza e força da sociabilidade, que com sua efervescência aponta para o calor afetivo na construção dos relacionamentos sociais.

Da multiplicação dos cultos privados ao acanhado tecido de pequenas células que oferecem hospitalidade aos líderes da nova religião cristã, ou aos revolucionários dos tempos modernos, as novas gerações sociais, o nascimento dos valores alternativos passa pelo que podemos chamar a lógica da rede. (MAFFESOLI, 2010a, p. 149).

Para Maffesoli (2010a, p. 148), a lógica da rede, ocorre pela sensação coletiva, onde os processos de atração e de repulsão se farão por escolha, o que ele chamou de *sociabilidade eletiva*. Esta sociabilidade eletiva possibilita aos jovens escolherem ou não a quais tribos ou grupos pertencer. Essas práticas afetuais constroem redes, como em uma trama de fios de tecido que fica mais resistente a cada nó que os amarra e os une, assim, são formadas as relações que se estruturam a partir do *sentimento de pertença*, em função de uma *ética específica* e nestas relações está o elemento tribal. Eles possuem sentido na dinâmica global quando *outros grupos se criam* a partir do mesmo sustentáculo. Os padrões ideológicos, a postura e a estética desses pequenos grupos que não eram aceitos e difundidos na sociedade, agora se tornaram um verdadeiro *self service* de possibilidades para os jovens. Isto fica evidente com as escolhas de elementos estéticos que incorporaram a vida cotidiana das pessoas na atualidade.

As tatuagens, os cabelos longos e coloridos, os moicanos, os *piercings*, os alargadores, as roupas pretas, as camisas de bandas de *rock* e outros elementos que eram discriminados na sociedade, posteriormente, além de virar moda, acabaram por se transformar em ideal de juventude e passaram a ser aceitos na sociedade.

Durante décadas, ambientes e tribos encontraram nos meios de comunicação tanto a representação de sua marginalidade e resistência (definidas como problema social) quanto a histeria de um novo modismo. A subcultura punk dos anos 70, por exemplo, emergiu dos guetos e, devido à influência da mídia, ascendeu a chic. O estilo punk foi expropriado de sua origem ideológica e esteticamente transgressora, acabando por se tornar fashion, hype, cult e, finalmente maistrean – o que ilustra o poder da mídia em descaracterizar e recriar eventos surgidos entre os jovens e os projetar para o grande público. (BRANDINI, 2004, p. 105).

O que era uma identidade de determinados grupos *punks* ou *headbangers* com o *rock*, acabou por estabelecer-se como moda. Assim, os ideais que constituíram esses grupos, se

diluíram com o passar dos anos, com sua difusão na mídia e na cultura de massas. E a estética produzida por esses grupos juvenis chegou às passarelas da moda pelo mundo.

No início dos movimentos³⁰ contraculturais, o *underground* se estabeleceu em contraposição à cultura que estabelecia os padrões culturais. Como já observamos, o *underground* é uma cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, ela existe de forma *clandestina*, subterrânea ou oculta à sociedade.

Atualmente existe a internet, as redes sociais, no entanto, até o início dos anos de 1990, no Brasil o acesso a computadores e a internet era bem restrito. De acordo com Rodrigues (2007, p. 130) toda divulgação de ideologias, bandas, *shows*, encontros e toda a produção desses grupos era feita através de “fanzines”, que comentavam a produção de artistas em geral com seus livros, discos, poesias, literatura de protesto, teatro, dança e outras manifestações culturais.

Nesse aspecto, a riqueza cultural específica era mais valorizada com a força das expressões regionais, com a ocupação do grupo em pequenos espaços geográficos. A cultura *underground* era mais forte e somente quem pertencia a esses grupos entendia como se dava sua construção interna e todos os elementos por ela produzidos. Todo o sentido da tribo de *rock* estava intimamente ligado à música e toda produção feita pelas bandas era para o consumo das tribos urbanas. A música *rock* torna-se uma estrutura social que aglutina os jovens com os mesmos ideais.

Para Brandini (2004, p. 15), “o rock das tribos é uma instituição social em que os indivíduos se reúnem em torno de uma ideia para transformá-la em estilo de vida.” Assim, as pessoas que estavam fora dessa cultura ou de determinadas tribos, tinham acesso ao que ela produzia muito tempo depois ou quando era permitido pesquisar tais manifestações desses grupos.

Esse sentimento social da tribo para os jovens ocorre de forma muito fechada e transforma-se em ritual por sua repetição que transmite segurança aos seus membros. Conforme mostra Brandini.

O rock produzido pelos membros das tribos juvenis tem início como lazer, cujo significado é a representação da vivência e dos valores que dão identidade à tribo. As práticas do cotidiano de um grupo iniciante – tocar rock, participar de uma banda, compor músicas, realizar shows ou ensaiar – tornam-se verdadeiros rituais para os jovens nelas envolvidos. (BRANDINI, 2004, p. 43).

³⁰ A socialidade que ocorre entre os jovens que estão nas tribos urbanas é autodenominado por eles como movimento. O afeto e o sentimento de pertencimento ajudam a amarrar e unir os fios dessa trama social. Possibilitando aos jovens que se unem de forma eletiva aderirem ou não aos *movimentos punk, headbanger, hip hop, skatista, reggae, soul, funk*, entre outros.

A ritualização dentro da tribo ocorre com a necessidade dos jovens terem seus ídolos para dar sentido individual e coletivo a cultura produzida pelo grupo. Em paralelo a igreja se manifesta no mesmo caminho da contracultura juvenil, a partir da década de 1970 e com mais intensidade nos anos de 1990.

Do mesmo modo que a cultura *underground*, as novas práticas religiosas encarnavam o movimento contracultural³¹ no Brasil. Elementos produzidos pela cultura como o *rock*, o *rap*, o *hip hop*, o *reggae*, entre outros estilos, que não eram bem vistos por muitos líderes cristãos. Ainda assim, líderes de comunidades e igrejas *undergrounds* como a Comunidade Caverna de Adulão, utilizam elementos da cultura com estilos musicais diferenciados para alcançar um público jovem específico que de outra forma não estariam em igrejas com formato convencional.

A sociedade assim compreendida não se resume em uma mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências nos seios dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas. (MAFFESOLI, 2010a, p. 151).

A diversidade dos grupos sociais e as tribalizações nos centros urbanos em nossos tempos mostram as variadas formas de socialização. A sociedade só poderá existir quando seus relacionamentos pessoais e interpessoais cotidianos nos mais diversos grupos forem variados entre si. Os encontros, os laços sociais e as experiências individuais dos jovens, com a religião e o *rock* consolidam-se, com o sentimento de pertencimento e o de estar-juntos na construção da coletividade na sociedade. “Aquilo que liga religião e espaço, como dupla polaridade fundadora de um conjunto dado, não pode ser dito de maneira melhor. A proximidade física, a realidade cotidiana têm tanta importância quando o dogma que a religião admite veicular.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 212).

Neste primeiro capítulo identificamos que o *rock* aliado às práticas religiosas na Comunidade Caverna de Adulão, pode ser um elemento de adesão dos jovens. Assim, tanto a religião quanto o *rock* são manifestações culturais construídas por esses jovens e podem

³¹ Ver o ANEXO A, que mostra como os jovens que estavam na cena alternativa e *underground* cristã encarnavam a contracultura em suas práticas diárias. Circulava *Os XX Mandamentos da Contracultura Cristã* de forma impressa em *shows* de bandas cristãs em Belo Horizonte. Também era muito divulgado na internet, em encontros e congressos de igrejas e comunidades evangélicas e protestantes que desenvolviam trabalhos com os jovens que estavam na cena alternativa e *underground* cristã nas décadas de 1990 e 2000.

sinalizar para o motivo do surgimento dessas novas comunidades e igrejas que desenvolvem seus trabalhos junto as mais variadas tribos urbanas na atualidade.

No próximo capítulo apresentaremos como a música e o culto de forma contextualizada para os jovens e adolescentes, como no caso do *rock*, podem ser atrativos para as tribos urbanas. Também como esse fenômeno abre um diálogo entre a religião e a cultura juvenil aos participantes da Comunidade Caverna de Adulão.

3 MÚSICA ROCK E CULTOS CONTEXTUALIZADO

Neste segundo capítulo apresentaremos como a música e o culto de forma contextualizada para os jovens e adolescentes, como no caso do *rock*, podem ser atrativos para as tribos urbanas *headbangers*. Também como esse fenômeno abre um diálogo entre a religião e a cultura juvenil aos participantes da Comunidade Caverna de Adulão. Assim, dividimos a pesquisa em três partes.

Na primeira parte observaremos os meios de socialização e sua disponibilidade para os jovens nas tribos juvenis que aderem à Comunidade Caverna de Adulão no diálogo entre religião e cultura. Mesmo com o grande número de bens culturais na atualidade, incluindo aqui também as possibilidades de práticas religiosas mais diversas, estes jovens ainda buscam construir e dar sentido próprio as suas construções culturais e religiosas.

Seguindo neste percurso, na segunda parte buscaremos compreender através do estudo socioantropológico-etnográfico como ocorre a utilização dos espaços físicos da cidade e também como acontece a socialização entre os jovens com a música *rock* nos cultos em linguagem juvenil. Verificaremos ainda através da observação participante com a etnografia como ocorre a interação do espaço físico com os membros e também a construção sociológica na Comunidade Caverna de Adulão.

Finalmente, na terceira parte através das discussões nos grupos focais observaremos e coletaremos dados sobre o fenômeno religioso e cultural. O que possibilitará através dessa técnica aprofundar nas discussões, dar voz aos membros e coletar dados. Assim, poderemos explorar as estruturas cognitivas e de camadas mais profundas, que podem ser identificadas em entrevistas individuais, quando comparadas com as manifestações grupais posteriormente.

3.1 Atrativos para os jovens nas tribos juvenis no diálogo religião e cultura

Percebemos que alguns estilos musicais sofrem grande preconceito na sociedade, como ainda é o caso do *rock*. Este, desde seu nascimento entre 1940 e 1950, foi relacionado à rebeldia dos negros nos campos de algodão dos Estados Unidos, que lutavam por libertação. Hoje este estilo musical ultrapassou seu contexto original com bandas, produtores musicais, estúdios de gravação, empresários de artistas, indústrias e lojas de instrumentos, empresas de sonorização para os *shows*, além da produção e venda de discos, que mostra que o *rock* é capaz de gerar emprego e movimentar milhões de dólares por ano.

Outro fator que merece destaque na atualidade é que este tipo de música está em jogos eletrônicos, comerciais, programas de televisão, rádio, internet, filmes, seriados e outros. Muitas bandas romperam com os limites *undergrounds* das garagens e chegaram aos galpões, como também aos grandes eventos nas casas noturnas, aos estádios de futebol e aos grandes festivais de *rock* no Brasil e no mundo.

O *rock* aliado às práticas religiosas e a espiritualidade sofre os mesmos preconceitos quando do seu nascimento. Igrejas e comunidades evangélicas, que até a década de 1970 não aceitavam que instrumentos como o contrabaixo, a bateria, a guitarra e a percussão fizessem parte da liturgia nos cultos começaram a aceitar as músicas e manifestações juvenis em contexto e cultura própria.

Essa aceitação dos elementos da cultura já aponta para a diversidade com as mais diferentes manifestações desses grupos e do que viriam a ser as tribos urbanas juvenis, que começaram a se formar de maneira mais efervescente nos anos 80 e que hoje estão espalhadas pela cidade, como também encontramos na Comunidade Caverna de Adulão. Elas revelam uma riqueza que só é possível pela interação, trocas e constantes transformações que a vida cosmopolita possibilita com o afeto, sentimento de estar juntos, socialidade e nos relacionamentos entre os indivíduos e com os mais diversos espaços públicos da cidade.

Pensar o *rock* como elemento cultural aliado à religião pode soar de forma estranha aos ouvidos de muitas pessoas em nossos dias. No entanto, como já vimos, este estilo musical em seu nascimento teve sua base nos gritos campais dos negros americanos que clamavam por libertação da opressão que estavam vivendo. Essa contestação à escravidão com os gritos por libertação dos negros remete à colonização das Américas e da África que se iniciou no século XV. “A era planetária se inaugura e se desenvolve na e através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração feroz das Américas e da África.” (MORIN; KERN, 2000, p. 24).

Verificamos no capítulo anterior o “sagrado” e “profano” na música *rock* criado pelos negros, a questão da liberdade como ponto comum, que permeava as letras, músicas e o estilo de vida desses trabalhadores que estavam escravizados e não tinham nenhum direito. O que sinaliza para construções culturais que utilizam as mais variadas formas para expressar os sentimentos humanos, inclusive com o Divino. A geração *baby boom* pós Segunda Guerra Mundial, vem logo após o nascimento do *rock* e continua utilizando este estilo como porta voz de toda uma geração insatisfeita com as estruturas da sociedade política, econômica, social, cultural e também religiosa. Estes jovens eram vistos como rebeldes e desajustados pelos poderes instituídos daquela época. Muitos perderam os pais na guerra e viviam sem trabalho, perspectivas de vida e futuro.

Os desdobramentos que vieram ao longo dos anos com os estilos musicais do *rock* tiveram as bases na contracultura juvenil de 1950. Posteriormente o *rock* se estabeleceu com seus subgêneros que cada vez mais denunciavam e protestavam contra as estruturas injustas e opressoras. Ainda hoje este estilo musical continua se transformando e utilizando elementos culturais por onde passa. Apesar da grande resistência que o *rock* causava por ser um instrumento de denúncia contra a injustiça e opressão, a partir de 1970 este estilo musical começou a ter abertura com bandas, comunidades e igrejas cristãs, que começaram a receber esses jovens em seus templos. A década de 1980 foi ainda mais intensa, pelo grande número de bandas, que utilizam o *rock* não apenas como estilo de vida, mas também para expressar as práticas religiosas e a espiritualidade desses jovens. Na década de 1990, inúmeras comunidades e igrejas cristãs no Brasil abriram suas portas para receber esses jovens que gostam da música *rock*, para se expressarem na linguagem e cultura própria dessa faixa etária.

Como já vimos anteriormente, foi na ebulição do *rock* em Belo Horizonte que a Comunidade Caverna de Adulão teve sua gênese em 1992. Dessa forma, podemos ver que, no começo, a comunidade, que era voltada para os jovens que estavam envolvidos com as tribos urbanas *headbangers*, com o passar dos anos abriu-se para outros grupos e tribos que estavam espalhadas pela cidade e para pessoas que não tinham nenhum envolvimento ou afinidade com qualquer tribo urbana. Percebemos assim, na socialidade da comunidade, outras teias, redes e ligações. A ecologia³² que os relacionamentos proporcionam nas cidades se estruturam de forma orgânica nas *selvas de pedra* com as mais variadas tribos que ocupam o mesmo espaço nas suas relações e inter-relações entre os indivíduos e com o meio ambiente.

Ela retoma força e vigor nas selvas de pedra que são nossas cidades, mas também nas clareiras das florestas quando, de maneira paroxística, as tribos *tecno*, quando das *raves*, pisam, em êxtase, essa lama na qual somos forjados. Estamos no coração do tribalismo

³² Sabendo que a ecologia é a ciência que estuda a relação dos seres vivos entre si com o meio orgânico e inorgânico no qual vivem, observa-se que há uma interação e tudo na natureza está ligado em redes. Podemos ver essa interação também com os jovens, que se socializam na cultura com o *rock*, na religião com as igrejas e comunidades evangélicas como também pela interação com o ambiente nos mais variados espaços da cidade como ruas, praças, parques e nos abrigos dos viadutos. O significado da palavra ecologia como (*oikos*) casa e (*logos*) estudo ou conhecimento, já aponta para a casa comum com as mais diferentes manifestações desses grupos e tribos urbanas que estão espalhadas pela cidade, que se encontram na Comunidade Caverna de Adulão e revela uma riqueza que só é possível pela interação, trocas e constantes transformações que ali ocorrem. A visão ecológica da Comunidade Caverna de Adulão aprofunda numa perspectiva dos relacionamentos que vai além da geografia e do espaço, sinaliza para uma socialização com o afeto, sentimento de partilha, de estar juntos, como também a busca pelos mesmos gostos e emoções. Assim, a ecologia pensada a partir do fenômeno religioso pode ajudar a entender as relações micro sociais com as tribalizações juvenis que ocorrem na sociedade de forma viva e orgânica e que muitas vezes são imperceptíveis ou invisíveis, mas podem ser observadas pelo olhar atento do pesquisador a partir do espaço físico com as socializações quotidianas.

pós-moderno: a identificação primária, primordial com o que, no humano, está próximo do húmus. (MAFFESOLI, 2010a, p. 17).

Estamos ligados ao contexto social e às suas mais diversas interações com o ambiente. Assim, percebemos que no início da Comunidade Caverna de Adulão, a socialização se estabeleceu com os jovens da tribo urbana *headbanger* com o *rock*, posteriormente se propagou para outras tribos urbanas, depois se estendeu para pessoas que não pertencem a nenhuma tribo e também para todo o contexto urbano como casa comum a todos.

Observamos que no contexto ecológico as interações sociais têm muito a nos dizer no que se refere à socialização que os jovens têm não só uns com os outros, mas com toda a casa comum composta pelas ruas, praças, cidade, estado, o país, enfim, com todo o planeta. De acordo com Park, a cidade proporciona com sua “Ecologia Humana” a interação entre os grupos, devido a mobilidade, e aglomeração de pessoas e instituições no mesmo espaço.

Em tempos recentes a cidade tem sido estudada segundo o ponto de vista de sua geografia, e ainda mais recentemente segundo o ponto de vista de sua ecologia. Existem forças atuando dentro dos limites da comunidade urbana – na verdade, dentro dos limites de qualquer área de habitação humana – forças que tendem a ocasionar um agrupamento típico e ordenado de sua população e instituições. A ciência que procura isolar estes fatores, e descrever as constelações típicas de pessoas e instituições produzidas pela operação conjunta de tais forças, chamamos Ecologia Humana, que se distingue da Ecologia dos animais e plantas. (PARK, 1979, p. 26-27).

Aqui observamos que a força que impulsiona a cidade para se tornar um agrupamento está na ligação entre a população e as instituições que essa metrópole dispõe para a socialização entre as pessoas. Do mesmo modo Maffesoli entende que a socialidade tem o poder para firmar as interações internas nas instituições somente quando tudo está em conexão. “Desconectar-se da base faz com que as instituições se tornem inconsistentes e vazias de sentido. Mas, a *contrário*, de acordo com nossa ótica, isso indica e sublinha, com força, que se a socialidade pode, pontualmente, estruturar-se em instituições ou em determinados movimentos políticos, ela os transcende a todos.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 110).

Apesar de ver o valor das instituições na socialidade, esta ocorre independente de uma hierarquia ou instituição estabelecida. A Comunidade Caverna de Adulão é uma prova do poder da sociabilidade em relação à instituição. Ela se estabeleceu pelas ruas e praças de Belo Horizonte com as interações entre os pastores Fábio e Eduardo com os jovens. Não havia a comunidade e tão pouco o pensamento em abrir uma igreja ou algo desse tipo.

Há sempre uma interação orgânica na qual o ser humano se estabelece socialmente a partir de determinado espaço e, ecologicamente, está sempre em contato com o pó social. “O

homem não é mais considerado isoladamente. E mesmo quando admitimos, e eu teria tendência a fazê-lo, a preponderância do imaginário, não devemos esquecer que ele resulta de um corpo social e que, de retorno, volta a materializar-se nele.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 129).

Uma visão estritamente antropológica, com o ser humano como centro de todas as coisas, pode levá-lo a esquecer, que ele não está divorciado da criação e de tudo que existe. Sendo assim, ele só pode existir dentro do “pó social” no qual estabelecemos laços e teias, que não podem ser quebradas com o meio ambiente. Neste aspecto observamos que os jovens estão mais abertos ao diálogo, se apropriam melhor de elementos culturais na construção de signos, ícones e utilizam os bens culturais que representam melhor sua cosmovisão.

Dessa forma, esses jovens absorvem melhor as mudanças causadas pela pós-modernidade, no qual as possibilidades para manifestações culturais e religiosas são inúmeras e abrem para novas experiências sociais. O *rock* como outras expressões culturais mostram esse poder de criação e diálogo que os jovens possuem para fazer suas próprias criações culturais. A socialidade desses jovens em torno *rock* ocorre pela produção sonora, estética e ideológica que a tribo *headbanger* estabelece com a construção, apropriação e reprodução de elementos culturais.

O *rock* com uma cosmovisão estética subversiva, assim como as roupas, calçados, tatuagens, *piercings*, alargadores, cabelos longos e outras indumentárias “decorre da necessidade de transgressão e autoafirmação de uma juventude que se encontra submetida a um sistema de práticas e valores social e economicamente padronizado por outras gerações.” (BRANDINI, 2004, p. 16). Esses jovens fazem suas próprias construções com leituras e releituras dos elementos culturais de sua época.

Toda construção da tribo gira em torno de valores que são compartilhados pelo grupo. “Não há mais separação entre o cosmos e o social, nem tampouco no interior do todo social. Pelo contrário, estamos na presença do que se pode chamar *a culturalização da natureza, e a naturalização da cultura.*” (MAFFESOLI, 2010a, p. 119).

Há uma semelhança nos aspectos ecológicos na Comunidade Caverna de Adulão tanto na natureza quanto na cultura. Tudo é orgânico e está em constante transformação e diálogo. Esta ligação ecológica de várias tribos urbanas na mesma comunidade, aponta para a dimensão do estar juntos, do afeto, da efervescência, da partilha e da religação, que é própria da socialidade.

Aprender a ser é aprender a viver, a partilhar, a comunicar, a comungar, é isso que se aprendia nas e pelas culturas fechadas. Precisamos doravante aprender a ser, viver,

partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. Não mais apenas a ser de uma cultura, mas a ser terrestres. (MORIN; KERN, 2000, p. 185).

Portanto, nesse caminho dialogal e vivencial do aprendizado, da partilha e da comunhão na perspectiva ecológica da Comunidade Caverna de Adulão, os aspectos culturais e religiosos, apontam para a abertura e para o próximo. “Só temos valor pelo fato de pertencermos a um grupo.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 120). Na procura por experiências autênticas os jovens se distanciam das instituições religiosas tradicionais e se aproximam de espiritualidades alternativas que possibilitem expressar suas práticas religiosas e espiritualidades mais livres como veremos a seguir.

3.2 Um estudo socioantropológico-etnográfico no contexto urbano para compreender a atração dos jovens pela música *rock* nos cultos em linguagem juvenil

Notamos que o crescimento das grandes cidades e o atual contexto urbano com os problemas sociais advindos desse novo modo de vida possibilitaram o estudo socioantropológico, com a etnografia de grupos afins, nas metrópoles. Esta nova maneira de ver o cotidiano trouxe grande avanço para a antropologia, com o olhar também para o que é familiar e que até então, não era pesquisado ou não tinha tanta visualização. O espaço e as interações sociais nas cidades revelam riquezas que estão ocorrendo, mas que são muitas vezes imperceptíveis com a intensidade da vida citadina.

Os fluxos nas interações sociais ocorrem nas ruas, praças, parques e em lugares incomuns como debaixo do viaduto Santa Tereza em Belo Horizonte. Muitos jovens são atraídos pela música *rock*, que como já vimos foi elemento de socialidade na construção religiosa e cultural da Comunidade Caverna de Adulão. Também observamos como os pastores da comunidade interagem com os espaços públicos da capital mineira e com os jovens que estavam nas tribos urbanas e ali socializavam.

Maffesoli (2010a, p. 04) trabalhou o conceito “tribo” de forma metafórica na década de 1980, pelo qual demonstrou novas formas de sociabilidade, pertencimento, estar juntos, partilha e proximidade entre os jovens para observar as transformações do vínculo social. No entanto, esse tipo de observação só foi possível pela proposta da Escola de Chicago nos anos 1920. Esta escola passou a ver o cotidiano não apenas de povos “primitivos” e distantes, mas do próprio ponto de vista e contexto do antropólogo, na observação de perto com os guetos, migrações, interações dos grupos e também a segregação.

Os investigadores da Escola de Chicago, nos anos 1920 e 1930, produziram um conjunto de trabalhos empíricos e de instrumentos teóricos que fez com que fossem considerados o grupo “fundador” da investigação urbana nas ciências sociais e, principalmente, em antropologia. Esses investigadores (Robert Park, Robert Redfield, Louis Wirth, principalmente) atuaram num contexto que vale a pena recordar resumidamente, sob dois pontos de vista. Por um lado, como contexto sociológico, a cidade de Chicago tinha-se tornado, por volta de 1930, a segunda aglomeração dos Estados Unidos e a quinta do planeta, com mais de três milhões de habitantes. “Laboratório” para a experiência dos contatos interétnicos, Chicago era também lugar de emergência de problemas sociais inéditos. Segregação, delinquência, criminalidade, vagabundagem, desemprego, formação de bandos etc., impuseram-se como temas urgentes de investigação, tanto mais facilmente quanto vários pesquisadores dessa “escola” tinham sido, antes jornalistas, e peritos municipais encarregados de conhecer ou de tratar os problemas sociais urbanos. (AGIER, 2011, p. 62-63).

A emergência de problemas do próprio contexto do antropólogo tornou possível a investigação a partir de dentro e não apenas de fora como ocorreu anteriormente com a antropologia voltada para o estudo de “sociedades primitivas”. Aqui há uma grande virada no modo de fazer pesquisas antropológicas. “Deste ponto de vista, não há nada a estranhar no fato de que desde a década de 1920 antropólogos com experiência de campo intensiva em sociedades primitivas tenham passado a se dedicar ao estudo das sociedades complexas.” (GOLDMAN, 1999, p. 94).

De acordo com Park, ocorreu nesse momento uma grande abertura para a pesquisa antropológica. “Até o presente a Antropologia, a ciência do homem, tem-se preocupado principalmente como estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta a investigação.” (PARK, 1979, p. 28).

Os jovens roqueiros que estavam nas tribos urbanas e utilizavam os espaços públicos de Belo Horizonte, como ruas, praças e outros lugares para se socializar no início da Comunidade Caverna de Adulão, encontravam outros jovens que partilhavam os mesmos gostos e emoções. Desse modo, esses jovens que estão no contexto urbano e que fazem suas produções culturais e religiosas na cidade, igualmente como os povos primitivos e distantes, podem ser objeto do estudo antropológico. “A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos.” (PARK, 1979, p. 28). Para Wirth, as variações da cidade sinalizam para a riqueza tanto do processo de interação como o de diferenciação dos indivíduos. “Além disso, quanto maior o número de indivíduos participando de um processo de interação, tanto maior a diferenciação potencial entre eles.” (WIRTH, 1979, p. 99).

Os jovens adeptos da música *rock* e que estão nas tribos urbanas nas grandes cidades em nossos dias apontam para esta variação da cultura e da vida dentro das cidades. Dentro de

uma mesma cidade muitos jovens de tribos variadas podem se intercruzar sem ter o mínimo de contato. “A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam.” (PARK, 1979, p. 29).

Com as transformações, aberturas e possibilidades que a cidade traz aos seus moradores, a igreja, a escola e a família, têm perdido na proximidade e nos relacionamentos mais estreitos. Esses grupos primários se enfraqueceram e a ordem moral se diluiu. As práticas religiosas entram, também, nesse enfraquecimento do sistema anterior, que exigem práticas religiosas, que atraíam os jovens e que não os aliene da vida em todos os seus contextos. “Por outro lado, a igreja, que tem perdido muito de sua influência desde que as páginas impressas vêm tão amplamente tomando o lugar do púlpito na interpretação da vida, parece estar presentemente em processo de reajustamento às novas condições.” (PARK, 1979, p. 47-48).

A cidade é propícia para a formação das tribos urbanas, pela segregação dos mais diferentes grupos nos seus limites geográficos, o que aponta por outro lado, para a sua potência. “Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram.” (PARK, 1979, p. 62).

Essa segregação desemboca na diversidade de grupos que compõem o tecido social no sentimento de partilha, pertencimento e socialidade. “Devido aos seus diferentes interesses emanados de diferentes aspectos da vida social, o indivíduo se torna membro de grupos bastante divergentes, cada um dos quais funciona somente com referência a um segmento da sua personalidade.” (WIRTH, 1979, p. 105).

Percebemos que a proximidade e o pertencimento a um grupo ocorrem pela escolha do indivíduo em seu contexto social. De acordo com Frehse, este tipo de sociologia é recuperada por Goffman, quando aborda as relações espacialmente mais próximas. “Seu objeto, as interações face a face, seria relevante para uma compreensão antropológica da vida e da experiência urbana embora o sociólogo não tivesse se devotado especificamente a elas.” (FREHSE, 2008, p. 156).

O espaço físico revela-se como meio de interação entre os jovens que gostam da música no estilo *rock* e estão nas tribos urbanas. “Ao interagirem no espaço físico, os indivíduos se localizam e localizam aqueles que com eles se interagem no espaço interacional e social.” (FREHSE, 2008, p. 162).

Para Lefebvre a cidade é o lugar da efervescência das interações físicas, sociais e também geográficas.

Ela se declara mais ou menos imperiosamente. Nenhum desses termos descritivos dá conta completamente do processo histórico: a implosão-explosão (metáfora emprestada da física nuclear), ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc.). (LEFEBVRE, 1999, p. 24).

A cidade no primeiro momento pode ser vista como uma enorme concentração de edificações, ruas, praças, comércios e outras construções humanas. Como organismo vivo e com as mais variadas interações, a cidade como onda propaga interações para os lugares mais distantes de seu centro nervoso. Conforme demonstrou Lefebvre, a explosão da cidade projeta fragmentos “múltiplos” e “disjuntos” para as vilas, aglomerados, periferias, subúrbios e para os limites geográficos metropolitanos. Com a falta de oportunidades de lazer e oportunidades de trabalho para os jovens que estão nos limites da cidade, a sociabilidade ocorre a partir das ruas, praças, quadras e campos de futebol. Dessa forma, esses jovens constroem suas próprias práticas de lazer, entretenimento e de socialização.

Na visão de Lefebvre a concentração e a socialização ocorrem por causa da rua. A rua “[...] é o lugar (utopia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas).” (LEFEBVRE, 1999, p. 27). As tribos urbanas conseguem ocupar e se apropriar de espaços públicos como, ruas, praças e parques, para manifestar seus padrões culturais específicos nas cidades. “Na rua, e por esse espaço, um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, *apropria-se* dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado.” (LEFEBVRE, 1999, p. 27).

Observamos acima que a Escola de Chicago contribuiu muito para a antropologia urbana com sua proposta em observar o que é familiar, ao estudar o comportamento humano e a entender a cidade com suas mais variadas redes de relacionamentos sociais. “Talvez seja este fato, mais do que qualquer outro, que justifica a perspectiva que faz da cidade um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados conveniente e proveitosamente.” (PARK, 1979, p. 67).

A Comunidade Caverna de Adulão propicia aos jovens que a ela aderem, uma possibilidade para realizar suas práticas religiosas em linguagem própria. Tanto a construção quanto a união de elementos como o *rock* e religião, que eram impensados há algumas décadas anteriores, atualmente podem ser utilizados pela maior mobilidade e abertura que as cidades proporcionam aos que nela transitam e fazem parte do seu mosaico urbano.

A diversidade que há na cidade proporciona o estudo de vários fenômenos sociais que podem ser vistos na vida cotidiana com o simples olhar de perto. “A cidade tem sido, dessa

forma, o cadinho das raças, povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais.” (WIRTH, 1979, p. 98).

Podemos ver que a cidade com suas pluralidades culturais e possibilidades para o encontro, torna-se um solo fértil para investigar a interação social, devido à liberdade, que ela propõe aos seus usuários para manifestar-se.

Entretanto, a atração da metrópole é em parte devida ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas. (PARK, 1979, p. 63).

Essa riqueza das *variadas manifestações da vida citadina* para Wirth ocorre com a heterogeneidade na formação social da cidade. “Para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.” (WIRTH, 1979, p. 96).

Para Frehse (2008, p. 161-162) a sociologia de Goffman foi muito ampla e ao mesmo tempo rica na pesquisa etnográfica na cidade e no campo, com a observação etnográfica da vida social em lugares tão variados. “Ao especializar as interações face a face por meio da noção de situação, ele assegura ao espaço físico um papel inovador na compreensão sociológica das interações.” (FREHSE, 2008, p. 161).

Percorremos até aqui através do estudo socioantropológico para compreender como ocorrem as interações na cidade como espaço de sociabilidade, no qual os jovens pela falta de políticas públicas e também oportunidades de lazer e trabalho, acabam criando suas próprias práticas sociais e culturais. Seguiremos com o estudo etnográfico para entender como ocorreu o percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão com a adesão dos jovens que estavam nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock* nos cultos em linguagem juvenil.

Como vimos no capítulo anterior, a década de 1990 foi muito rica para Belo Horizonte se estabelecer como a “Capital do *Rock*” devido a cultura alternativa que estava florescendo, como também pela cultura *underground* que vinha desde os anos 60 e permanecia viva entre os jovens. Nessa ebulição cultural da capital mineira em relação ao *rock* em 1991, um grupo de jovens se reúne para trocar informações sobre músicas e bandas estrangeiras de *rock* cristão. Esse grupo sente a necessidade de evangelizar seus antigos amigos da cena alternativa e *underground* e assim, passam a orar pedindo a Deus um pastor identificado com a subcultura do *rock* pesado.

Em 1992 esse grupo troca algumas correspondências com o pastor Fábio Ramos de Carvalho, que morava em Londrina no Estado do Paraná. Em julho desse mesmo ano o pastor Fábio e sua família mudam-se para Belo Horizonte. Nessa época surgem as primeiras bandas de *White Metal* do Brasil, entre elas: *Saved*, *Razão* e *The Joker*. O grupo consegue a permissão para fazer os *shows* com essas bandas no salão da Comunidade Atos, que estava situada na rua Levindo Lopes, na Savassi, aos sábados. Esse evento ganha o nome de Refúgio do *Rock*. Devido ao crescimento do grupo e da demanda criada, o pastor Fábio começa a liderar o Ministério Santuário, criado para discipular os integrantes das bandas recém estabelecidas e também evangelizar a juventude ligada a tribo urbana *headbanger*. Posteriormente são criados grupos de crescimento com reuniões semanais nas casas, com a finalidade de comunhão entre os jovens e para estudo bíblico.

Já no ano de 1993 surgem mais bandas e cresce a agenda de *shows*. Em abril desse mesmo ano, um grupo de 12 jovens da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, de São Paulo, visitam Belo Horizonte para conhecer o Ministério Santuário. Dessa visita e das experiências presenciadas surgiu a banda Antidemon. Em setembro os pastores Fábio e Geraldo viajam para São Paulo, onde assistem à apresentação da banda norte-americana Bride, no evento SOS da Vida promovido pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Em 1994, o grupo estreita relações com outros ministérios cristãos, como a JOCUM³³ e *Hippies* de Cristo.

O ano de 1995 foi crucial para o que viria ocorrer com o *underground* cristão em Belo Horizonte. Em janeiro o pastor Fábio desliga-se da Comunidade Atos e algum tempo depois o pastor Eduardo também se desliga da mesma. O pastor Fábio tenta levar aquele rebanho para alguma igreja, mas as poucas que aprovavam este tipo de trabalho com jovens ainda tinham dificuldade de entender e conviver com a cultura alternativa e *underground* cristã. Aqui há uma percepção em reconhecer aquele grupo não mais como ministério de uma igreja, mas como igreja, então Fábio convida o pastor Eduardo para que ambos pastoreiem e depois de um tempo

³³ Jovens Com Uma Missão (JOCUM) é um Movimento internacional e interdenominacional para a mobilização de jovens de todas as nações para obra missionária. Os trabalhos da JOCUM começaram com Loren e Darlene Cunningham em 1960 nos Estados Unidos, hoje estão em mais de 180 países. No Brasil, as atividades começaram em 1975, na cidade de Contagem-MG e hoje tem 56 escritórios e Centros de Treinamento Missionário espalhados pelo país. Dentre os trabalhos desenvolvidos pela JOCUM no Brasil destacamos, a Casa Refúgio no Bairro Santa Tereza em Belo Horizonte, que acolhe crianças portadoras do HIV. O Projeto Pro-Ame que trabalha no apoio e na recuperação de dependentes químicos em Aparecida de Goiânia-GO. Também destacamos o Projeto Marias que atende adolescentes no Norte do Brasil de comunidades ribeirinhas do baixo Rio Madeira. No Rio de Janeiro na comunidade do Borel, desde 1990, a JOCUM desenvolve vários projetos que promovem a justiça e a cidadania entre os seus moradores. Há também outros projetos de desenvolvimento comunitário que promovem a justiça social e assim promovem a cidadania.

ele aceita o convite. Em junho em uma garagem de uma casa do bairro Cruzeiro acontece o primeiro culto da nova igreja, formada por dois grupos distintos. O pastor Fábio com seu rebanho *underground* e o pastor Eduardo com seu rebanho *convencional*. Nessa época houve uma preocupação em não colocar um nome na nova comunidade, isto para não criar uma nova *denominação* ou *movimento*, dessa forma, a comunidade era mencionada informalmente como *Comunidade da Garagem*. Alguns jovens da comunidade também engajam em outros setores da sociedade e tornam-se membros da ONG Grupo VHIVER de apoio a pessoas vivendo com HIV/AIDS.

A comunidade transfere-se em 1996 para uma sala alugada, na Escola de Medicina da UFMG, na avenida Alfredo Balena. Em 1997 há uma expansão do evangelismo da comunidade e alguns membros começam também a evangelizar juntamente com a JOCUM no carnaval de Ouro Preto com o “Bloco Jesus é Bom a Bessa”. Nesse mesmo ano o pastor Fábio e sua família viajam para Londres. O pastor Geraldo é oficializado pastor da comunidade no culto de envio do pastor Fábio como missionário a Inglaterra. Ainda nesse mesmo ano o pastor Eduardo sugere durante um culto o nome para a comunidade como “Caverna de Adulão”. Em que os adultos ali presentes protestam, mas os jovens aprovam de prontidão esse nome.

No ano de 1998, o pastor Geraldo e outros irmãos alugam um apartamento, na rua Goitacazes, no centro de Belo Horizonte, dando início ao Ministério Gruta³⁴, que funciona como espaço de acolhimento para pessoas com necessidade de comunhão, aconselhamento e também pela falta de moradia. Já em 1999 a Comunidade Caverna de Adulão faz uma importante parceria com a Igreja Batista da Lagoinha, surge o Ministério Deus se importa, de evangelização e apoio aos travestis. No final desse ano, o pastor Fábio e sua família retornam para o Brasil.

Passando para os anos 2000 a Caverna de Adulão intensifica seu trabalho ainda mais entre os jovens de Belo Horizonte, e também expande sua atuação junto aos jovens, igrejas e comunidades de outras cidades e estados brasileiros. Surge o grupo teatral Ferramentalóides Interatrianos. Este grupo fará durante alguns anos apresentações em praças, ruas, igrejas, teatros, faculdades e também em eventos diversos. Com o lema *ir aonde a igreja não vai*, a comunidade começa também um trabalho de evangelização na cidade exotérica de São Tomé das Letras em Minas Gerais. Ainda nesse ano a Comunidade Caverna de Adulão promove, na Comunidade S-8, em São Gonçalo no Rio de Janeiro o Congresso Nacional *Underground*

³⁴ O Ministério Gruta é um local de acolhimento para pessoas que não tem moradia, familiares ou estão passando por algum tipo de problema e podem ser acolhidas a qualquer hora do dia ou da noite. Inclusive pessoas de outras igrejas também são atendidas no ministério.

Cristão. Neste mesmo ano surge o Tribal Generation na cidade de Uberlândia em Minas Gerais. Esse movimento interdenominacional estimula a implantação de novas igrejas que atenda a geração emergente com suas tribos urbanas, com o apoio e treinamento de novos líderes para essas novas igrejas. Ainda nesse ano surge também o *Metanoia Fest* na cidade de Vila Velha no Estado do Espírito Santo. Este festival ocorre todos os anos no feriado da Semana Santa com bandas de vários estilos da cena alternativa e *underground* cristã do Brasil e de outras partes do mundo.

Outros fatores ocorreram e foram importantes para a consolidação da comunidade entre os jovens e as tribos urbanas em Belo Horizonte e junto a outras igrejas, comunidades e a sociedade em geral que foram beneficiadas pelo extenso trabalho realizado pela Comunidade Caverna de Adulão. A começar pela mudança da comunidade, em 2002, para a rua Barbacena no bairro Barro Preto e depois para a rua Aimorés 482 em 2004. Ainda neste ano de 2004 é criada a Escola Avalanche de Missões Urbanas na cidade de Vitória no Espírito Santo.

Em 2005, a Comunidade Caverna de Adulão inicia o Projeto Reconstruir na Vila Leonina no Aglomerado Morro das Pedras em Belo Horizonte. Este projeto social, sem fins lucrativos e de assistência social, conta com a mobilização, envolvimento e voluntários da Comunidade Caverna de Adulão, motivados pelos direitos das crianças, dos adolescentes e de suas famílias em situação de vulnerabilidade e risco social.

A comunidade sente duas perdas muito grandes. Em 2006 morre Ricardinho, baixista da banda *Prayer*. Em 2007, morre o pastor Fábio, durante viagem missionária a Cuba. Nesse mesmo ano o encontro nacional do Tribal Generation é realizado em Belo Horizonte com a ajuda da Comunidade Caverna de Adulão. No ano de 2009 o pastor Geraldo cria o Ministério Cupim Sagrado que ajuda pessoas com crise de orientação sexual.

Nesse percurso socioantropológico-etnográfico e com as interações na cidade, chegamos onde a Comunidade Caverna de Adulão está situada desde 2004, à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários, região central de Belo Horizonte. Este local foi alugado pelos pastores da comunidade junto a proprietária³⁵ para a realização dos cultos e permanece ali até hoje. As atividades da comunidade acontecem ali às quartas-feiras às 19:30 e aos domingos às 18 horas.

³⁵ Dayse 78 anos é proprietária do Centro Cultural Internacional há mais de 40 anos. Mesmo não sendo membro da comunidade ela participa dos cultos da Comunidade Caverna de Adulão. Ela se converteu na Igreja Batista da Lagoinha em 2000. Ela disse que estava engajada em várias manifestações culturais na área de sua profissão e gostava muito de forró. Após a sua conversão o pastor mandou que ela acabasse com as aulas no Centro Cultural Internacional. Pouco tempo depois ela disse que Deus deu uma visão a ela que faria sentido somente algum tempo depois. “Deus me deu uma visão que vários jovens diferentes entrariam no Centro Cultural Internacional, eu achava que seria a abertura das aulas de forró e era a abertura da Comunidade Caverna de Adulão. Aqui eu participo e me sinto bem nos cultos.” (Dados da pesquisa. Pesquisa de campo realizada na Comunidade Caverna de Adulão em 20 nov. 2016).

Neste mesmo espaço funciona o Centro Cultural Internacional com aulas de dança, técnica vocal, teatro e ballet, que têm suas atividades fora dos dias de cultos.

O Centro Cultural fica em frente ao terreno de 400 metros quadrados, com uma edificação de 500 metros quadrados, distribuídos em dois andares, onde é a moradia da proprietária e também funcionam algumas salas para realização das aulas. Também há salas para as crianças divididas por faixas etárias que funcionam nos dias de cultos. Na entrada há um portão social à direita que dá acesso ao Centro Cultural seguido por um pequeno corredor que leva ao salão.

Os cultos são realizados neste salão que fica no fundo do terreno e tem aproximadamente 150 metros quadrados, coberto com telhas de zinco. Suas paredes são brancas, com espelhos de dois metros de altura nas paredes laterais e na parede do fundo do salão os espelhos são mais altos e há barras nas laterais e no fundo para a prática de aulas de ballet. Todo o piso do salão é de madeira e as cadeiras utilizadas nos cultos são de plástico bege e algumas são de tubo de aço o que facilita na acomodação dos membros e também o multiuso do espaço. Há também grandes bancos de aço que ficam na lateral direita do salão e que ajudam na acomodação das pessoas e dos membros que operam o som durante os cultos na comunidade.

O púlpito fica na lateral esquerda e na metade do salão. Este púlpito é de madeira, com sua coluna em forma de triângulo, pintado de cinza claro, com três cravos pintados em preto nos dois lados na parte superior, acima dos cravos na posição horizontal está escrito “Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra” uma referência ao livro de Salmos 119. 105, na cor cinza escuro com contornos em preto. Na parte inferior do púlpito estão pintados alguns desenhos tribais e na frente e no centro na posição vertical está escrito “Comunidade Caverna de Adulão”. Atrás do púlpito no alto da parede tem um grande crucifixo em alumínio fundido de 1 metro de altura e o púlpito fica a 3 metros da parede. Atrás desse púlpito ficam os músicos com uma bateria acústica, o contra-baixo, guitarra, vocal e *backing* vocal, mais recuado à esquerda fica o teclado colocado em um tripé.

A composição das cadeiras de plástico fica à direita em frente ao púlpito e também no fundo viradas para a lateral direita do púlpito. Esse arranjo dos assentos dá visão para quem está dirigindo o culto, desde a entrada do salão que se encontra a direita, como de todos os que estão distribuídos nas cadeiras por todo espaço, pois o nível do púlpito é o mesmo das cadeiras.

Embora a comunidade tenha em sua maioria pessoas *diferentes* do padrão das igrejas evangélicas. Podemos ver também ali homens e mulheres adultos, como crianças e algumas pessoas idosas, o que não foge aos padrões das igrejas evangélicas tradicionais com a posição central do pastor. Percebemos aqui um fato curioso, após as pregações os pastores abrem para

a participação dos membros para falar sobre o que foi pregado. Da mesma forma que demonstra que a comunidade está aberta não só às pessoas ligadas às tribos urbanas, mas também a pessoas de várias idades, o que a torna mais eclética. Essa abertura para Vaz sinaliza para a construção do *ethos* de forma dual que é tanto social como individual.

A experiência primeira do *ethos* revela, por outro lado, uma estrutura dual característica e constitutiva: o *ethos* é, inseparavelmente, social e individual. É uma realidade sócio-histórica. Mas só existe, concretamente, na *práxis* dos indivíduos; e é essa *práxis* que deixa seus traços nos documentos e testemunhos que nos permitem o acesso à fisionomia própria de um determinado *ethos* histórico. (VAZ, 2002, p. 38).

Outro fator que merece destaque ocorre pela liberdade que as pessoas têm para se vestir como quiserem. Nem mesmo os pastores da comunidade usavam terno como indumentária própria dos líderes evangélicos em suas pregações ou em dias de culto. O louvor é outro elemento que chama a atenção na comunidade, pois louvores conhecidos são executados com as guitarras mais pesadas, o contrabaixo, os vocais e bateria mais rápida no estilo *heavy metal*, o que deixa os louvores em linguagem juvenil e mais atual. Apesar dessas releituras das músicas mais pesadas no louvor não é como era no início da comunidade com as mais de 20 bandas de *rock* que haviam ali e podiam se apresentar nos finais dos cultos.

A primeira incursão na Comunidade Caverna de Adulão³⁶ foi em um culto de domingo às 18 horas. Nessa incursão, na comunidade havia mais de 60 pessoas, dentre as quais 2 senhoras idosas e 4 homens com idade entre 40 e 50 anos. Entre os 54 jovens e adultos havia 18 pessoas mais novas, sendo 12 crianças e 6 adolescentes. Pudemos ver ali que a maior composição da comunidade era de jovens e adultos, mas também havia pessoas de várias idades, de crianças a idosos.

Não há ali apenas roqueiros ou outras tribos que compõem o retrato das tribos urbanas dos grandes centros urbanos. Verificamos uma socialização mais eclética, com pessoas de várias idades e que não pertencem a uma tribo específica. Os jovens usavam *piercings*, alargadores, camisas pretas de bandas, calças pretas surradas, bermudas camufladas, alguns usavam tênis cano longo, outros usavam grandes coturnos pretos, cabelos longos e pintados de várias cores, tatuagens multicoloridas por várias partes do corpo. Algumas pessoas tinham praticamente todo o corpo fechado com várias tatuagens.

O culto começou às 18 horas com uma oração do pastor Saimon. Após a oração, a comunidade cantou 6 louvores congregacionais ministrados pelo grupo de louvor com uma

³⁶ Pesquisa de campo realizada na Comunidade Caverna de Adulão em 03 jul. 2016.

pegada mais rápida e pesada com a participação de todos presentes. Entre os integrantes bem mais velhos do grupo de louvor havia um adolescente de 12 anos tocando bateria. Ao final dos louvores as crianças e os adolescentes foram chamadas à frente para participarem cantando um louvor para as ofertas e logo após foram para as salas com as faixas etárias de cada uma.

O pastor Saimon³⁷ fez uma oração pelo pregador da noite. O pastor Átila foi chamado à frente. A pregação do pastor foi com o texto do Evangelho de Marcos 13 e expôs aspectos da segunda vinda de Jesus, tanto os sinais quanto as marcas desse tempo, o porvir e a escatologia foram as marcas da pregação do pastor nessa noite.

Na segunda ida a campo na Comunidade Caverna de Adulão³⁸ escolhi o culto de domingo às 18 horas. Nessa incursão a comunidade havia 80 pessoas e a maior composição era de jovens e adultos, também havia pessoas de várias idades, de crianças a idosos. Nesta composição havia 8 idosos, 20 crianças e 52 jovens e adultos. Em meio ao grande número de jovens e adultos, haviam os que usavam *piercings*, alargadores, camisas pretas de bandas, calças pretas surradas, bermudas camufladas, alguns usavam tênis cano longo, outros usavam grandes coturnos pretos, cabelos longos e pintados de várias cores, tatuagens multicoloridas por várias partes do corpo. Algumas pessoas tinham praticamente todo o corpo fechado com várias tatuagens. Também haviam jovens, que não tinham nada que os tornassem “exóticos” diante da maioria que tem uma estética diferenciada.

A forma como é feita a pregação pelos pastores da Comunidade Caverna de Adulão é outro aspecto que chama a atenção nos cultos. Vários temas são abordados nas pregações pelos pastores e há um grande esforço em realizar uma exegese com os textos bíblicos para que desemboque numa hermenêutica que possa ser aplicada nas práticas da comunidade e na vida individual de cada membro. As pregações são feitas na linguagem dos jovens de forma contextualizada, com elementos da cultura alternativa e *underground*, próprias das tribos urbanas que estão na comunidade.

Na pregação deste dia, o pastor Saimon começou sua pregação com a leitura de 1 Coríntios 1. 1-9. Ele falou dos inúmeros problemas que a igreja de Corinto vivia e mostrou que essa carta era justamente para exortação dessa igreja fundada pelo apóstolo Paulo. Além dos problemas vividos pela igreja na ocasião de sua fundação o pastor Saimon ainda relatou que “o Império Romano além de invadir outras nações impunha sua cultura.” O que poderia cimentar

³⁷ O pastor Saimon relatou depois, do culto, que a comunidade começou suas atividades voltadas para os *headbangers* e que hoje ela é mais diversificada. Ainda de acordo com ele, por estar próximo à avenida Afonso Pena, grupos marginalizados na sociedade como travestis e prostitutas, acabam indo aos cultos pela aceitação da diferença que ali é proporcionada aos visitantes.

³⁸ Pesquisa de campo realizada na Comunidade Caverna de Adulão em 02 out. 2016.

as bases do povo que era colonizado pela dominação Romana eram “as sinagogas que sustentavam o povo em torno da religião.”

Nesse aspecto, o pastor Saimon falou da grande importância que a igreja de Corinto tinha para os seus membros. Ele disse sobre 1 Coríntios 1.2.

Deus quer santificar a igreja e Paulo escreve aos coríntios que ela está cheia de problemas morais e espirituais. Deus chama a sua igreja a se santificar, pois Cristo habita em mim, casa de Deus. Andar com Cristo resulta em mudança, transformação, recuperação e é um processo. (Informação verbal).

Na pregação, o pastor Saimon não sinaliza para a comunidade em que está inserido diferente da igreja de Corinto. Ele reconhece os problemas que todos ali enfrentam, mas ainda assim, buscam viver em comunidade e atuar na transformação do mundo em várias áreas.

A Caverna pode ser avacalhada, cheia de problemas, mas o que a sustenta é a Graça de Cristo nos dons espirituais. A Caverna é uma igreja abençoada, tem dons, bons ministros de louvor, vai a lugares onde muitos não esperam, zonas de drogas e prostituição. Também cuida de crianças e de pessoas que estão à margem de seus direitos. O Senhor quer que sejamos santos. Santidade, não importa como você está, Deus lhe chamou para comunhão. (Informação verbal).

Finalizando a pregação, o pastor Saimon fez uma oração convocando os membros da comunidade para agirem no mundo que está sedento de amor e de transformações. Depois o pastor Geraldo foi chamado para fazer a oração de encerramento do culto.

Durante toda a pregação o pastor Saimon chama a atenção de todos ali presente para que todos sejam contraculturais ao não se conformar com o que é proposto pelo mundo como padrão a ser seguido. Assim, o chamado a ser *contracultural* feito pelo pastor em toda a pregação poderia se constituir como o costume e tradição, e a *proteção* proposta também por ele poderia se estabelecer na educação com o hábito. Podemos ver que o *ethos* pode se estabelecer tanto no tempo linear, como na ação permanente do indivíduo.

A terceira visita à comunidade³⁹ aconteceu no culto de domingo das 18 horas. Havia ali 80 pessoas, entre as quais 5 idosos, 12 crianças e 63 jovens e adultos. Como nas outras visitas, a maior parte da comunidade é composta por jovens e adultos. Estes têm suas formas de expressar com linguagem, estética e postura próprias dessa faixa etária como observado nas outras visitas à comunidade.

³⁹ Pesquisa de campo realizada na Comunidade Caverna de Adulão em 09 out. 2016.

O culto começou com uma oração do pastor Saimon. Neste momento, o pastor falava que a comunidade estava ali para uma “reunião”, “culto”, “ajuntamento” de todos para adorar a Deus. Ele disse em sua oração que “na Comunidade Caverna de Adulão os pastores têm uma liderança plural.”

Foram ministrados 7 louvores com estilo mais pesado na execução dos instrumentos e dos vocais com a participação de todos da comunidade. No final dos louvores o pastor Saimon chamou as crianças a frente para cantar 1 louvor na linguagem delas. Logo após o pastor orou por elas para que fossem para as salas com suas faixas etárias respectivas e deu algumas informações⁴⁰ a todos da comunidade e passou a palavra ao pastor Eduardo.

O pastor Eduardo ao receber a palavra chamou um casal da Comunidade Caverna de Adulão que se formou no Seminário CEM⁴¹ para receber oração de toda comunidade e serem enviados ao Projeto 242⁴² para um estágio em São Paulo. Esse estágio ocorreria em uma ONG com refugiados da Síria. O Projeto 242 em parceria com a Steiger Brasil⁴³ realizam este projeto com os refugiados.

Para o pastor Eduardo “trabalhos que são desenvolvidos atualmente como o da Steiger Brasil com a cultura juvenil, englobando a arte, começaram com o *underground*. E o pastor Fábio, também começou a Caverna cuidando, discipulando e evangelizando os jovens roqueiros nas praças de Belo Horizonte.” (Informação verbal).

Em seguida o pastor pediu a todos que abrissem suas bíblias em 1 Coríntios 1. 10-17, orou e iniciou sua pregação. Ele começou sua pregação falando dos problemas na igreja de Corinto com as divisões e problemas dos mais variados. Havia ali a falta de unidade e espírito cristão. Ele começa no versículo 10 com uma admoestação utilizando a metáfora da família. Deste modo ele conseguiu mostrar que assim como na família, a igreja também é lugar de conflitos. Onde há pessoas também haverá conflitos.

⁴⁰ Neste momento o pastor Saimon falou da grande perda para a Comunidade Caverna de Adulão e para o segmento evangélico com a morte do pastor Elben Magalhães Lenz César. Ele foi Fundador da Revista Ultimato e pastor da Igreja Presbiteriana de Viçosa-MG. O pastor Saimon também pediu a ajuda dos membros da comunidade no mutirão no sítio. Para que as crianças do Projeto Lamalma fossem ao acampamento era necessário o trabalho braçal dos membros como forma de pagamento aos proprietários do sítio. A última informação dada pelo pastor Saimon foi para os membros da comunidade sobre o encontro de casais e que seria bom que todos participassem. Notamos que em todas as informações há um acolhimento, tanto para com os membros da Comunidade Caverna de Adulão, quanto para os que estão fora. No engajamento, na atuação social da comunidade e também em suas ações interdenominacionais.

⁴¹ O Centro Evangélico de Missões (CEM) capacita pessoas para atuarem como missionários no Brasil e no exterior e tem sua base de formação em Viçosa-MG.

⁴² O Projeto 242 é uma comunidade cristã que desenvolve seu ministério com os jovens ligados as mais variadas tribos urbanas na cidade de São Paulo.

⁴³ A Missão Steiger Brasil é uma organização mundial, que atua no país desde 2001, para alcançar e discipular a cultura jovem global.

Em sua pregação ele foi fazendo um apanhado de lugares, situações e ideologias que geram muitos conflitos por posicionamentos que não respeitam as diferenças, antes tentam destruí-las. De acordo com o pastor Eduardo.

A Comunidade Caverna de Adulão é um todo formado por partes. O pastor Fábio é a parte *underground*. Já o pastor Eduardo é a parte não *underground*. Não devemos deixar que as diferenças destruam a unidade. Identidades mundanas como: Atlético, Cruzeiro, partidos políticos podem ofuscar a identidade cristã. O mais importante não é a sua sabedoria própria, mas aquilo que Cristo fez por você. (Informação verbal).

O pastor Eduardo finaliza sua pregação chamando toda a comunidade a viver numa mesma direção. Ele cita a motivação que Paulo deu para os cristãos que estavam na cidade de Filipos. Para que seguissem a exortação de Paulo em Filipenses 2. 1-11, “vivendo em amor e cuidando uns dos outros, como igreja, deixando os interesses próprios, na mesma visão, alvo e direção.”

Após a pregação foi aberto para comentários dos membros da comunidade sobre a pregação, um senhor fez uma pergunta e em seguida uma senhora que é da Igreja Assembleia de Deus pediu a palavra e não falou da pregação, mas deu testemunho sobre o que ela achava da Comunidade Caverna de Adulão depois que sua filha Débora começou a ir aos cultos.

Meus pais são evangélicos da Igreja Assembleia de Deus e na minha adolescência eu era muito rebelde. Tive minha filha muito nova e sofri muito para criá-la. Fiquei muito preocupada quando ela mudou o jeito de vestir após começar a frequentar a Caverna e achei que ela estava perdida e desviada. Hoje vejo que minha filha está aqui e que Deus está na Caverna. (Informação verbal).

Depois do comentário e do testemunho, o pastor Eduardo deu início à celebração da Santa Ceia com louvores sendo cantados e ministrações de palavras que apontavam para Jesus como sacrifício vivo pelos pecados de todos ali e de toda a humanidade. Foram feitas orações no momento de receber os elementos da Santa Ceia. Após a oração todos juntos comeram o pão e beberam o cálice. Continuaram um misto de celebração de músicas, orações e gritos de “Glória a Deus”, “Aleluia” entre outras manifestações que diminuíram até o pastor Eduardo finalizar com uma palavra de gratidão a Deus pelo sacrifício de Jesus na cruz. O culto termina com o pastor pedindo para que os visitantes se colocassem de pé para receber um abraço dos membros da comunidade.

A quarta visita à comunidade⁴⁴ também ocorreu no culto de domingo às 18 horas. Nessa incursão à comunidade havia 82 pessoas e a maior composição era de jovens e adultos, ao todo 61. Também havia pessoas de várias idades, com 15 crianças e 6 idosos. O culto começou com o convite do pastor Átila para que todos se colocassem de pé para fazer uma oração. Após a oração foram ministrados 6 louvores, como: “Senhor Te quero”, “Fonte de água viva”, “Porque Ele vive”, “Rude cruz”, “Pai nosso” e “Novos céus”. Nessas ministrações as letras cantadas exaltavam a Deus como Pai, sua força como criador de tudo que existe. Como também um Deus que sai da eternidade e se manifesta entre os homens para salvá-los através de Jesus Cristo.

Nos aspectos teológicos⁴⁵, cristológicos⁴⁶ e soteriológicos⁴⁷, os louvores direcionavam para um Deus que quer relacionamento com os seres humanos, que faça sentido na vida das pessoas e isso deve começar aqui e agora. Não apenas visando a salvação e a vida eterna de cada membro que ali se reúne. O louvor é feito de forma contextualizada, muitos ganham roupagem e releituras que são utilizadas pelos jovens em seu próprio ritmo e cultura. Louvores conhecidos são executados com as guitarras mais pesadas, o contrabaixo, os vocais e bateria mais rápida no estilo *heavy metal*.

A participação de homens e mulheres de idades variadas na execução dos instrumentos, inclusive de crianças pode apontar ali para uma composição inclusiva. Isto também é demonstrado nos louvores que foram cantados como: “Porque Ele vive”, “Rude Cruz” e “Pai Nosso”. Nesses e nos outros louvores ministrados o sentimento de pertencimento e de estar juntos é sempre apontado para Jesus como unificador de tudo, inclusive dos mais diferenciados membros da comunidade.

Após o período de louvor o pastor Eduardo deu alguns avisos e chamou o pastor Saimon como pregador da noite. A forma como é feita a pregação pelos pastores da Comunidade Caverna de Adulão é outro aspecto que chama a atenção nos cultos. Vários temas são abordados nas pregações pelos pastores e há um grande esforço para que as pessoas entendam o que está sendo pregado e possam aplicar o que foi pregado nos mais variados contextos de vida.

⁴⁴ Pesquisa de campo realizada na Comunidade Caverna de Adulão em 20 nov. 2016.

⁴⁵ A teologia se propõe ao estudo das religiões num contexto histórico, pesquisando e interpretando os fenômenos e as tradições religiosas, os textos sagrados, a doutrina, o dogma e a moral e sua influência nas diversas áreas do conhecimento, especialmente nas ciências humanas, como na área da antropologia e na sociologia.

⁴⁶ A cristologia é uma área da teologia cristã que estuda a pessoa de Jesus. Ela se ocupa de diversos aspectos, dentre os quais a sua natureza divina e humana, o seu papel redentor da humanidade e a relação trinitária entre Ele, o Pai e o Espírito Santo.

⁴⁷ A soteriologia é uma área da teologia cristã que estuda a doutrina de salvação por um redentor. Essa doutrina bíblica trata da salvação humana através da inclusão do pecador no sacrifício de Jesus Cristo, com sua crucificação, morte e ressurreição.

Na pregação feita pelo pastor Saimon, o texto bíblico de 1 Coríntios 5, foram explanados alguns dos problemas que os cristãos do primeiro século viviam. Problemas estes de várias naturezas que afligiam a igreja de Corinto. Resumidos pelo pastor Saimon como “todo o tipo de impurezas”. Duas frases ditas por ele na pregação reforçam o *ethos* e a tradição na Caverna de Adulão. Na primeira ele diz: “somos chamados para sermos uma contracultura, luz nas trevas e não fazer e ter as práticas do mundo.” Já na segunda ele diz que a “igreja é espaço de refúgio e proteção.”

A “contracultura” e “proteção” descritas na pregação do pastor Saimon remetem ao *ethos* do grupo. “À permanência social do *ethos* na forma do *costume* correspondem sua interiorização e permanência no *indivíduo* na forma do *hábito*.” (VAZ, 2002, p. 41). Ainda de acordo com Vaz (2002, p. 42), o “costume” tem sua duração no tempo assegurada pela tradição, e o “hábito” se estabelece no indivíduo com seu agir pela educação. Assim o chamado a ser “contracultural” sinalizado pelo pastor pode se constituir como o costume e tradição, e a “proteção” proposta também por ele poderia se estabelecer na educação com o hábito. Podemos ver que o *ethos* pode se estabelecer tanto no tempo linear, como na ação permanente do indivíduo.

Para o pastor Saimon, o chamado da igreja para ser contracultural e local de proteção acontece com a disciplina, que gera a constante prevenção e proteção para os demais membros da comunidade.

Pequenos problemas podem contaminar toda a igreja, “um pouco de fermento pode levedar toda a massa.” A igreja é chamada a ser santa, a santificação só ocorre com a expulsão do fermento que nos contamina que é o pecado. Dentro da igreja há muitas pessoas que estão contaminadas com o pecado do fermento e do mundo. A ideia é não se isolar em uma redoma, mas não se contaminar com os pecados. Negar a nós mesmos, não se associar ao pecado. Não olhar o pecado de nossos irmãos, mas os nossos próprios pecados. (Informação verbal).

Ao terminar a pregação, o pastor Saimon fez uma oração exortando a todos presentes sobre o pecado que pode destruir tanto uma pessoa como toda a sociedade. “Senhor, misericórdia de nós pecadores, do fermento que contamina a igreja. Nos ajude para sermos igreja, santa, correta, que é a presença da luz.”

A palavra foi passada ao pastor Eduardo que fez alguns comentários sobre a pregação da noite.

A questão moral e sexual não é irrelevante como muitos têm falado atualmente. Essa moralidade é protegida no casamento. Fora disso gravidez indesejada, filhos sem os pais, pessoas sendo usadas. Pecados são combatidos na comunidade e pessoas já foram

excluídas e muitos pensam que isso ocorre por pecados sexuais, mas na maioria das vezes são outros pecados como a inimizade. (Informação verbal).

Depois das pregações foi aberto a participação dos membros e o pastor Átila falou que o Apóstolo Paulo falou de coisas pesadas e hoje muitas pessoas acham que não são cuidadas 24 horas por dia pelos pastores, mas ali, Paulo exortou a igreja de Corinto via carta. Ana, outra pessoa a participar disse que no tempo em que participou da Caverna foi exortada com amor e as pessoas hoje não gostam de ser chamadas a atenção. Jorge, o último a participar, falou que a disciplina de Paulo na carta foi muito pesada quanto ao que ele disse, “entregá-lo a satanás” que está na Carta de 1 Coríntios 5.5. O culto acabou com uma oração do pastor Eduardo e o desejo a todos de uma semana de realizações.

Como veremos adiante, hoje a comunidade conta com várias tribos urbanas, com o *reggae*, *hip hop*, *rap*, música eletrônica, *soul*, skatistas entre outras e não mais apenas os *headbangers* como tribo do *rock* como fora no início da Comunidade Caverna de Adulão.

3.3 Discussões em grupo focal para observação e coleta de dados sobre o fenômeno religioso e cultural pelo olhar de perto e de dentro da comunidade

Neste momento da pesquisa realizamos as discussões em grupo focal para compreensão do que as pessoas pensam e suas percepções. Foram selecionados para a composição dos grupos focais membros da Comunidade Caverna de Adulão, que tiveram como critério principal serem maiores de 18 anos. Outros critérios para a seleção foram estabelecidos para os grupos focais. Estes deveriam ser compostos por, homens e mulheres, solteiros, casados e divorciados, moradores de Belo Horizonte e da Região Metropolitana e também pelo tempo em que os mesmos estão na Comunidade Caverna de Adulão. A seleção dos membros para a pesquisa também procurou formar os grupos mais heterogêneos e que representassem as três *fases da comunidade*⁴⁸.

Foram estabelecidos três grupos focais com dois encontros para cada grupo com duração mínima de uma hora e meia a duas horas. Estes encontros ocorreram entre os meses de agosto e setembro de 2017. O primeiro grupo contou com a participação de oito membros e foi realizado na casa de um dos membros da comunidade em um condomínio fechado na cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. O segundo grupo contou com a

⁴⁸ Ao propor a divisão com as *fases da comunidade*, buscamos fazê-lo de acordo com os anos de existência da Comunidade Caverna de Adulão, dividida em 3 fases. A primeira com a criação da comunidade em 1992. A segunda fase em 2002 com os vários percursos que a comunidade fez. E por último a terceira fase que começou em 2012 e que ainda está em processo.

participação de sete membros e foi realizado nos dois dias em casas de membros diferentes em Belo Horizonte. Já o terceiro grupo contou com a participação de onze membros e foi realizado na casa de um membro da comunidade em Belo Horizonte. Sobre o número de participantes, Gatti (2005, p. 22) observa que a composição de um grupo focal pode ter “sua dimensão preferencialmente entre seis e doze pessoas.”

Além dos critérios pré-estabelecidos para o recrutamento dos membros da comunidade nos grupos focais, entre eles, a faixa etária para maiores de 18 anos, outras restrições acabaram influenciando diretamente na escolha dos membros, como, por exemplo, horário de trabalho, estudo, viagens a trabalho, residir distante de Belo Horizonte, entre outros compromissos e até mesmo não querer fazer parte da pesquisa nos grupos focais.

A composição dos três grupos focais se constituiu de forma bem diversificada. O primeiro grupo ficou com a faixa etária entre 33 a 48 anos. No segundo grupo a faixa etária variou entre 18 a 32 anos. E o terceiro grupo a faixa etária variou entre 25 a 54 anos. Ainda em relação aos membros dos grupos vimos uma grande diferenciação na composição entre os três grupos. O primeiro grupo é formado por adultos, em sua maioria são mulheres e pessoas casadas, sendo 5 mulheres e 3 homens, que fazem parte da primeira, da segunda e da terceira fase da comunidade. No segundo grupo vimos pessoas mais jovens, em sua maioria são homens e pessoas casadas, com 4 homens e 3 mulheres, que nasceram e fazem parte da segunda e da terceira fase da comunidade. O terceiro grupo é o mais eclético, com jovens, adultos e pessoas mais velhas, com 3 casais mais velhos e duas pessoas divorciadas. A maioria nesse grupo é formada por homens e pessoas casadas, com 6 homens e 5 mulheres, que perfazem a primeira, a segunda e a terceira fase da comunidade.

A seleção dos grupos acabou por revelar uma riqueza no que se refere à grande diversidade como a faixa etária, tempo em que estão como membros na comunidade e também nos três grupos com pessoas que vieram de outras partes do Brasil para se estabelecerem como membros da Comunidade Caverna de Adulão.

Os grupos focais em suas discussões ajudam a explorar no alcance de dois objetivos principais. O primeiro é explorar as estruturas cognitivas identificadas em entrevistas individuais, em comparação com as manifestações grupais. O segundo ocorre na fonte de coleta de dados individuais ou coletivos, o que pensam sobre determinados assuntos, consensos, dissensos, formação de opiniões, atitudes e valores, tudo pode ser objeto de análise sociológico.

As interações na visão de Gatti, é o que possibilita o uso do grupo focal e são o ponto crucial para essa técnica. “No entanto, tendo sido as interações em grupo a justificativa maior

para utilizar o grupo focal como técnica de pesquisa, elas devem merecer um olhar especial – na verdade elas são o foco central.” (GATTI, 2005, p. 47).

Nesse aspecto os grupos focais possibilitam uma dinâmica no qual a sequência dos acontecimentos ocorre de maneira a tornar as discussões o mais natural possível. O moderador se apresentou e forneceu aos membros do grupo informações sobre a pesquisa e como ela se realizaria. Posteriormente apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁴⁹, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas sob o número: CAAE 59223016.8.0000.5137 para todos lerem e assinarem.

Também foi feito o pedido de autorização nos três grupos, para gravar as discussões em áudio, para posterior análise dos dados coletados. As gravações, anotações e todo tipo de sensação vivenciadas pelo moderador do grupo são primordiais para compreender e interpretar os dados coletados.

No caso de gravações, em áudio ou vídeo, transcrições são necessárias para subsidiar as análises, as quais também receberão o aporte de anotações que o moderador tenha feito. É importante que o moderador do grupo, participe tanto da organização do material coletado, como das análises, uma vez que ele detém a experiência da facilitação do grupo e das vivências ocorridas. Sua memória do contexto de certas falas, do clima da discussão em variados momentos, contém ricas informações para a construção de compreensões sobre o tratamento do tema proposto ao grupo, como também para as interpretações. (GATTI, 2005, p. 44)

A documentação da pesquisa e o seu registro com a gravação da discussão em grupo focal, embora possa ter causado no primeiro momento um estranhamento, após a explicação do sigilo absoluto dos dados coletados, da identidade dos participantes, como também, que não há certo ou errado nas proposições dos participantes, gerou uma maior confiança e abertura aos participantes para exporem o que pensam, como pensam e por que pensam sobre determinado assunto ou tema.

Iniciou-se uma conversa para conhecer o nível de envolvimento dos integrantes do grupo focal com a comunidade para proporcionar a participação de todos. Na visão de Gatti os participantes podem contribuir para a pesquisa com o grupo focal quando têm alguma experiência com o tema discutido. “Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.” (GATTI, 2005, p. 07).

A gravação da discussão nos três grupos focais, com dois encontros em cada grupo somaram no total 9:52 horas. O grupo 1 teve o tempo somado em 3:31 horas, o grupo 2 teve

⁴⁹ Ver ANEXO B, para maiores informações sobre o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CEP).

um tempo menor com 2:25 horas e o grupo 3 somou o maior tempo com 3:56 horas. O grupo 3 com as pessoas mais velhas e com mais tempo na comunidade falou mais e o grupo 2 com pessoas mais jovens falou bem menos, em frases mais curtas, muitas vezes evitaram discorrer sobre alguns assuntos ou mostraram desconhecimento por serem mais novos e não conhecerem a história em determinados momentos da comunidade. Outro fator que proporcionou o grupo 3 a falar bem mais que os outros, pode estar diretamente relacionado, com o grande número de integrantes, com sua composição de pessoas mais velhas e com mais experiência sobre a vivência da comunidade, em comparação com os outros grupos.

Todas as discussões nos grupos focais foram gravadas e geraram 350 páginas de transcrição no formato de texto. Estas transcrições, analisadas com as falas, expressões corporais, entonação da voz será o que proporcionará a análise do grupo. Para Barbour a codificação de categorias possibilita analisar melhor o problema pesquisado nas transcrições do grupo focal. “Ele proporciona alguns exemplos de códigos de categorias de vários níveis de sofisticação analítica e enfatiza a natureza interativa do processo de análise qualitativa dos dados, enquanto os pesquisadores vão e vêm entre os códigos e transcrições.” (BARBOUR, 2009, p. 149-150).

Do mesmo modo que Barbour, Gatti entende que a riqueza de uma boa análise está encarnada nas falas e em todo o tipo de interação que ocorre no grupo, que suscitará as categorias. “As transcrições são apoios úteis, lembrando que é necessário mergulhar nas falas, nas expressões de diversas naturezas, no processo. Com isso, pode-se proceder a análise de sentido ou elaborar categorias a partir das falas, ou classificar as falas em categorias previamente escolhidas.” (GATTI, 2005, p. 46-47)

Foi construído um roteiro com quinze perguntas⁵⁰, sendo feitas sete perguntas no primeiro encontro e oito perguntas no segundo encontro nos três grupos focais. Essas perguntas foram feitas a todos os participantes dos grupos, explorando como a música e o culto de forma contextualizada para os jovens, como no caso do *rock*, podem ser atrativos para as tribos urbanas e ainda como esse fenômeno abre um diálogo entre a religião e a cultura juvenil. Ainda de acordo com Gatti para “iniciar os procedimentos de análise, a primeira atitude é retornar os objetivos do estudo e do uso do grupo focal para realizá-lo. Os objetivos serão os guias tanto para o processo escolhido de análise do material coletado, como para as interpretações subsequentes.” (GATTI, 2005, p. 43).

⁵⁰ Ver no APÊNDICE, o roteiro de perguntas que foram aplicadas nos três grupos focais.

Embora haja atualmente na Comunidade Caverna de Adulão membros que compõem as três fases desde a sua criação, ainda há muitas pessoas que não participaram de todas essas fases. As perguntas foram estabelecidas de forma mais aprofundada para captar na memória, gestos, expressões corporais, consensos, dissensos, experiências individuais e vivências em grupo, o que pode revelar a riqueza na socialização com os elementos culturais e religiosos que ocorrem na comunidade em sua vivência cotidiana.

Diante da riqueza socioantropológica que há na comunidade, a pesquisa de campo apenas com a observação participante de forma etnográfica e na análise do grupo a partir do que se vê, poderia ser mais superficial e assim ocultar camadas que não aparecem à primeira vista ao pesquisador. Por esse motivo, também utilizamos o grupo focal como técnica de pesquisa, o que proporcionou maior interação, nível de diálogo mais profundo, questionamentos, abertura para falar sobre assuntos que de outra forma não seriam discutidos, aprofundar em camadas históricas desconhecidas e dar voz aos membros da comunidade para falar de suas experiências.

A análise da pesquisa exige do pesquisador a criação de rotas, atalhos, categorias, palavras-chave, conceitos e estruturas, que o ajude a analisar e compreender o problema.

A análise é um processo de elaboração, de procura de caminhos, em meio ao volume das informações levantadas. Rotas de análise são seguidas, e estas se abrem em novas rotas ou atalhos, exigindo dos pesquisadores um esforço para não perder de vista seus propósitos e manter a capacidade de julgar a pertinência dos rumos analíticos em sua contribuição ao exame do problema. (GATTI, 2005, p. 44).

Dessa forma, elaboramos as categorias a partir das falas dos grupos no qual foi aplicado um roteiro de quinze perguntas a todos os participantes. Para Gatti, isso pode nortear o trabalho de pesquisa.

Os pesquisadores procuram verificar, quanto ao tema e quanto aos tópicos abordados, agrupamentos de opiniões, comparando e confrontando posições, extraindo significados das falas ou de outras expressões registradas, analisando a vinculação desses agrupamentos com as variáveis contempladas na composição do grupo.” (GATTI, 2005, p. 47).

Exploramos a relação entre religião e cultura juvenil, com o *rock* e as tribos urbanas na análise do fenômeno religioso na Comunidade Caverna de Adulão. Com a preocupação em manter o sigilo absoluto dos registros e nomes dos participantes nos grupos focais, utilizamos como identificação apenas o grupo, sexo e a idade.

Começamos com a pergunta o que é a Caverna de Adulão, para entender o que cada participante pensa sobre a comunidade. Em todos os grupos ocorreu uma grande aceitação do formato da Comunidade Caverna de Adulão. O sentimento de pertencimento, socialidade, afeto, mesmos gostos e sentimento de estar-juntos foram até aqui mostrados por Maffesoli (2010a) como as marcas das tribalizações juvenis na atualidade. Podemos observar essa situação nas várias palavras, adjetivos e frases, que foram surgindo e mostravam um complemento dos relatos que iam se somando, quando cada integrante do grupo falava sobre o que é a Caverna.

Seguiremos com os relatos para entender o que é a Comunidade Caverna de Adulão para os participantes dos 3 grupos. Analisaremos agora os relatos dos grupos focais, a começar pelo grupo 1.

Se eu fosse falar em poucas palavras, acho que é uma igreja, só que ela tem umas quebras assim da, da forma, de uma forma tradicional, né? É... quebras do ritual, dos ritos, sei lá, do encontro. (Grupo 1, Mulher, 41 anos).

A Caverna? Caverna é um lugar de acolhimento. É... é um lugar de... dentro das imperfeições, né, que, ela é um lugar de acolhimento, ela é um lugar de respeito. É um lugar de... de tolerância, ela é um lugar de, de diversidade. [...] É um lugar de, de quebra de protocolo, né, ela é... ela é contracultura, né, no sentido de que, enquanto todos vão numa direção, ela, ela vai na outra direção, né? (Grupo 1, Homem, 37 anos).

É... bom, Caverna... a Caverna, pra mim, assim é casa, né? É uma segunda casa. Que a gente passa, não que passa mais tempo lá, que a gente só vai uma vez por semana, né? Mas a intensidade com que a gente é, fala dela e ora por ela acaba que vamos todos os dias né? [...] Então a Caverna é viva, né? E, eu penso assim também que... ela acolhe muito aqueles que, que são os diferentes, né? Apesar de que agora não tem muitos diferentes, né? Somos todos... (Grupo 1, Mulher, 46 anos).

Eu acho que todo mundo já falou um pouco do que eu penso assim. Mas eu acho que a Caverna é um lugar assim, de liberdade, sabe? Eu me sinto como se eu tivesse na casa do meu pai, mesmo assim sabe? Tranquilo, eu posso dá um grito lá que ninguém vai ficar, é zoando, né? Zoar um ao outro. Eu acho legal isso. É uma comunidade que a liberdade é algo assim muito forte. (Grupo 1, Homem, 37 anos).

É... pra mim ela é uma família, comunidade que me acolhe. Hoje eu tenho, é, a sensação de ter irmãos mesmo. E, é um lugar de comunhão, é um lugar de serviço, é um lugar onde eu ouço é, a voz de Deus, onde eu tenho a oportunidade de, de ser instrumento também de Deus... (Grupo 1, Mulher, 41 anos).

Então... eu acho que a Caverna é tudo isso que os irmãos falaram aqui, né, família, informalidade, diversidade sociocultural, né? [...] É uma igreja que tem um chamado para os excluídos, para os marginalizados. É... isso, dentro do contexto religioso, evangélico assim, né? Então é uma igreja que consegue falar ao grupo mais esotérico, é uma igreja que consegue levar a mensagem a um grupo mais, mais pobre, é uma igreja que consegue falar ao grupo dos roqueiros, é uma igreja que consegue falar aos artistas. (Grupo 1, Homem, 42 anos).

Conforme os relatos acima, podemos observar uma sequência de palavras dos membros do grupo, que representa uma ruptura com o modelo de igreja evangélica tradicional. Isso fica

ainda mais evidente nos seguintes trechos, “quebras da forma tradicional e do ritual”, “lugar de acolhimento, respeito, tolerância e diversidade, quebra de protocolo, contracultura”, “segunda casa que acolhe os diferentes”, “liberdade, casa do meu pai”, “família, irmãos, lugar de comunhão e serviço a Deus”, “família, informalidade, diversidade sociocultural, uma igreja que consegue alcançar os excluídos e marginalizados.” A autenticidade do sujeito e a sua autonomia marcam a forma de culto que as pessoas que vão a Comunidade Caverna de Adulão buscam.

Prosseguiremos com o entendimento do que é a Caverna na visão dos membros do grupo

2.

A Caverna pra mim é comunhão, é... lugar mais descontraído assim, é... Ah, num, sem aquelas formalidades, é... sem tanta liturgia. Você pode vestir o que você quiser. É... um culto mais livre, sei lá. (Grupo 2, Mulher, 18 anos).

É... Caverna pra mim, é a igreja onde eu me sinto em casa assim. [...] É onde eu me sinto que eu tenho liberdade de é... entrar ali assim é... vestido da maneira que eu quiser... é, adorar da maneira que eu quiser. É... não tem aquela formalidade toda, né, que muitas igrejas têm, é, tanto no louvor, quanto na pregação. É isso. (Grupo 2, Homem, 24 anos).

Acho que pra mim é simplicidade também. Concordo com que os meninos falaram, mas acho o que resume assim é... simples. Acho que a Caverna é simples. Não é uma igreja que precisa de... não tem, tem uma estrutura péssima, inclusive. Num, num é que é precário assim, mas eu que... eu acho que até a rotatividade dos membros, né? Muita coisa que não faz ela, ser, se firmar como outras igrejas se firmam assim. De não ter envolvimento com quase nada assim. Os membros não se envolvem com quase nada. (Grupo 2, Mulher, 23 anos).

E diferentemente de algumas igrejas, não tenta esconder os seus problemas. Não tenta maquiagem, né? Não tenta parecer que o pastor é o mais crente de todos e aí o diácono é o segundo mais crente e o membro é o mais é... é o normalzinho e o visitante é o podião. Tipo, não tem essa hierarquia com base no "pecômetro" assim, sabe? Tipo é... é isso. É uma igreja, É uma igreja mesmo assim, feita por humanos e por isso tem seus problemas e apesar disso, como igreja é um lugar perfeito porque foi estabelecida pelo próprio Jesus assim. (Grupo 2, Homem, 29 anos).

É... uma coisa que as pessoas falam muito na Caverna, especialmente a liderança, a diretoria, né, sei lá. É que eles se autodenominam comunidade. Eles sempre falam isso. Às vezes até falam demais. [...] Uma comunidade é... talvez três adjetivos que eu anotei aqui: simples, informal e autêntica, né? Uma comunidade simples, não tem hierarquia, é... um ambiente muito informal que às vezes, eu acho, tem alguns pontos ruins, mas na maioria das vezes é ótimo. [...] A gente é muito autêntico ali. É... é bem, tem uma coisa bem... bem Caverna. E uma igreja com problemas, com muitos problemas, como todas as igrejas têm. [...] A maioria das pessoas ali têm uma bagagem, né? Elas não foram parar ali na Caverna à toa. Geralmente é... desiludidas com alguma coisa da igreja tradicional, muitas machucadas, ali é meio para-raios de doido também. (Risos). Então junta isso tudo, dá a Caverna. (Grupo 2, Homem, 32 anos).

De acordo com os relatos desse grupo podemos ver palavras que não foram empregadas no grupo anterior, entre elas, que a Caverna tem uma, “estrutura péssima, rotatividade dos membros e falta de envolvimento dos membros”, que “não escondem seus problemas” e é

“autentica, pessoas desiludidas e machucadas, um para-raios de doido”. Essas falas demonstram um certo dissenso e também um ar de contestação do grupo com estruturas que são engessadas nas igrejas evangélicas e também uma certa insatisfação com membros da comunidade que não são ativos no serviço. Interessante observar aqui que os membros que demonstravam insatisfação nas suas falas, se incluíam como pessoas que necessitavam mudar suas atitudes frente ao serviço na comunidade e na sociedade.

Essa contestação pode também estar ligada à faixa etária desse grupo com pessoas mais novas. Os jovens esperam uma igreja mais inclusiva e sincera. Apesar da crítica feita por alguns membros do grupo, podemos observar em suas falas a comunidade como lugar de afeto, aconchego e acolhimento aos que a ela se aderem. Como podemos verificar nas seguintes palavras, “comunhão, lugar mais descontraído, sem formalidades, pode vestir o que quiser”, “me sinto em casa, tenho liberdade, não tem aquela formalidade toda”, “simplicidade, simples” e “simples, informal”.

Finalmente, observaremos o que é a Caverna para os membros do grupo 3.

Pra mim é uma igreja muito diferente, assim do... é... do estereótipo que a gente tem né? Eu tô lembrando aqui das primeiras vezes, foi um impacto assim pra mim. Porque eu nunca conseguiria associar uma igreja evangélica com o que tem lá na Caverna. (Grupo 3, Homem, 33 anos).

Eu acho que assim, é...eu.. eu enxergo ela como uma igreja sem preconceitos. Porque assim, eu já frequentei, já fui de outras igrejas e eu... eu vi assim, eu vi... eu via bastante preconceito nessa, em determinadas igrejas com alguns estereótipos. Inclusive com assim, com relação a mim. (Grupo 2, Homem, 43 anos).

É. Não, não é loucura não. É muito bom. É... eu me sinto em casa. E.. eu fui criada na igreja evangélica. É... um negócio que incomoda demais é aquele negócio de você ter que ficar pensando que roupa que você vai. Eu já falei isso um monte de vezes. Que roupa que você vai na, na igreja, ou o quê que você tem que, ou quem que você tem que... mostrar o que você não é, às vezes, entendeu? (Grupo 3, Mulher, 53 anos).

De tu poder... é, de bem-estar. De tu poder ser quem tu é, entende? É... várias vezes eu já fui na Caverna de chinelo. Tipo assim, do jeito que eu estava. Não... eu não preciso... [...] Absurdo. Não, mas em outros locais seria considerado absurdo lá. [...] É, absurdo. E lá eu me sinto à vontade. E outra coisa que me chamou atenção na Caverna é o, tipo assim, ela é muito mais próxima da realidade. Da realidade do mundo que a gente vive, do que muitas outras igrejas, entendeu? (Grupo 3, Mulher, 25 anos).

Ou seja, é, eu vejo a Caverna, respondendo, voltando aqui pra pergunta inicial. Eu vejo a Caverna como um... um local de... de encontro, um ajuntamento é... de pessoas diferentes, a questão da diversidade, né? Prontos, com coração muito aberto a servir... (Grupo 3, Homem, 43 anos).

É... eu, pra mim, a Caverna é um ajuntamento de pessoas que tem a mesma visão de servir ao mesmo Deus, né? Então, podem ser pessoas completamente com background assim, completamente diferente, com realidades completamente diferentes, classe social completamente diferentes e... e mesmo assim elas se ajuntam ali e têm o mesmo

propósito de servir e adorar a Deus. Então é esse ajuntamento de pessoas completamente diferentes que tem esse propósito. (Grupo 3, Mulher, 31 anos).

Vou estar retornando à sua pergunta lá no início sobre o Fábio. Acho que foi muito interessante essa fala dele porque acho que isso permitiu a riqueza da Caverna. Que se ele tivesse falado "Não, aqui é uma, uma igreja pra é... pessoas que somente são excluídas nas outras igrejas e tal, é, a gente não estaria aqui, sabe? (Grupo 3, Mulher, 32 anos).

Verificando os relatos do grupo, percebemos que há um certo estranhamento, quanto a uma pessoa, que não conhece a Caverna e vai ali pela primeira vez. Ela “é uma igreja muito diferente, nunca conseguiria associar uma igreja evangélica...” No entanto, quando essa mesma pessoa começa a participar da vida em comunidade, os preconceitos diminuem. A diversidade e a diferença proporcionam de acordo com as falas do grupo, o encontro, o olho no olho, o ajuntamento com o único propósito de servir ao mundo e adorar a Deus.

Ao sintetizarmos os relatos dos membros desse grupo a Caverna é “uma igreja sem preconceitos”, onde “eu me sinto em casa”, “é bem-estar, ser quem tu é, ela é muito mais próxima da realidade, do mundo que a gente vive”, “local de encontro, um ajuntamento de pessoas diferentes, diversidade, aberto a servir”, local de “pessoas com realidades completamente diferentes, que se juntam e têm o mesmo propósito de servir e adorar a Deus” e “não é uma igreja apenas para pessoas excluídas de outras igrejas”.

Analisando os grupos 1, 2 e 3, podemos observar que para os membros desses grupos a comunidade é “lugar de comunhão”, “família”, “casa”, “segunda casa”, “irmãos”, “casa do meu pai”, onde “me sinto em casa”, o que reforça a Comunidade Caverna de Adulão, como um lugar de abrigo e afeto entre os membros. Outro aspecto que demonstra que as pessoas ali estão à vontade foi expressado nos relatos como, “informalidade”, “sem formalidades”, o “simples e informal” e “lugar mais descontraído”. Eles falaram que no início a comunidade abrigava jovens que estavam nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock* e hoje ela é uma grande família com muitos irmãos.

Então eu lembro quando a Caverna começou, era um bando de cabeludo. A maioria era, era uma tribo mais, mais homogênea, né? Hoje, a coisa é muito mais diversificado, né? E a gente aprendeu lidar muito com isso. Tanto que antes, a gente falava da, do evangelismo voltado pro *headbanger*, pro *skatista*, pro *punk*, pro... pro satanista. É, hoje, quando a gente fala de trabalhos missionários, de trabalhos de evangelismo é... menciona-se a... a prostituta, o travesti. É uma outra... É outro nicho, outra pegada. É outro, outro grupo social... (Grupo 3, Homem, 43 anos).

Essa grande família é descrita por eles com a “diversidade cultural”, “uma igreja que consegue alcançar os excluídos e marginalizados”, “um ajuntamento de pessoas diferentes” e

que a comunidade “não é uma igreja apenas para pessoas excluídas de outras igrejas”. No entanto, inicialmente, tiveram contato com outra comunidade, com as pessoas “normais” em comparação à tribo urbana *headbanger* do *rock* que até então era única e homogênea na Caverna, mas tiveram preconceito e não aceitaram essas pessoas que chegavam e que não eram roqueiros.

É, e o engraçado é que quando a Caverna ela é, em um determinado momento da história dela ela se juntou com, com uma outra comunidade... rolou um preconceito às avessas assim... pessoal da... as tribos que compunham a Caverna, elas tiveram mais resistência em relação aos, entre aspas, normais, né? As pessoas da outra comunidade... (Grupo 3, Homem, 43 anos).

Percebemos nos grupos focais analisados até aqui, que a figura do pastor Fábio foi muito importante para que a comunidade não se tornasse uma tribo ou um gueto somente para roqueiros, mas que abrisse para outras pessoas e para outras realidades de vida. O pastor Fábio ia aos *shows* de bandas seculares de *rock* e transitava entre várias tribos urbanas sem nenhum preconceito. Entretanto, alguns dos membros da comunidade nessa época tinham preconceito e resistência a outros grupos e tribos que não fossem do mesmo segmento da Caverna.

Vale ressaltar que é um preconceito e resistência de evangélico para evangélico e não de evangélico para uma outra religião. Outro fato que merece análise é que a Caverna nessa época sofria preconceito por parte das igrejas e dos membros da cena alternativa e *underground* secular. E do mesmo modo tinham algum tipo de preconceito com outros grupos.

Perguntamos em outro momento como a construção religiosa e cultural na Caverna pode ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas. A Comunidade Caverna de Adulão é apresentada pelos membros dos grupos focais, como uma igreja aberta a cultura e a sua diversidade de expressão.

Observaremos a seguir os relatos dos participantes dos grupos a começar pelo grupo 1.

É... Eu acho que, de novo vou usar a palavra acolhimento da diversidade, né? E o, e a diversidade das linguagens pra expressão. Então é... você... você receber, reconhecer e respeitar a diferença, né, é... te faz mais diverso e... e a diferença, ela já é dada pela, pela linguagem. Então assim, pela linguagem da roupa, pela linguagem do jeito de falar, pela linguagem da origem, pela linguagem do jeito de comer, uns são, são é... *straight-edgers*, outros são veganos, outros são onívoros, enfim, é... uns gostam de, de rock mais pesado, outros gostam é, de música é brasileira mais de raiz, outros gostam de uma música... então a... diversidade das linguagens, né? Mas é... é uma brincadeira né, mas assim é... eu acho que essa... essa diversidade de linguagens, de expressões, ela... facilita e encoraja outras pessoas a se expressarem também. Seja naquilo que é no reino, seja aquilo que não é do reino. Então assim, não importa se você está usando brinco, *piercing*, cabelo comprido, se você é preto, branco, gordo, magro, é... e também é... o que nos une, é... é essa, essa fé e essa busca de uma, de um serviço, né? (Grupo 1, Homem, 37 anos).

Não fazer "ah, isso aqui é espiritual, eu não vou fazer, isso aqui é... cultural ou sei lá, outra coisa". Separar isso sabe? Acho que quando a gente une isso e tenta viver a nossa espiritualidade em tudo que a gente faz, acho que isso chama atenção da, da juventude assim, das pessoas em geral, né, não somente da juventude. Mas o difícil é você viver assim, né, você viver essa espiritualidade dentro de tudo que a gente faz, que a gente faz do dia a dia e, né, e não só nessa relação de música, né, cultural, teatro, seja lá o que for, mas em tudo. (Grupo 1, Homem, 37 anos).

Então eu acho que isso é muito importante assim hoje em dia, né, nesse contexto evangélico que a gente vive. E também é uma igreja que respeita a cultura, né, e já, e não demoniza a cultura assim de cara. [...] Então, acho que hoje a Caverna, eu não vejo mais a Caverna como um lugar de manifestações culturais, talvez tenha sido um dia assim, né? Não sei. Eu vejo hoje a Caverna muito mais como uma igreja missionária assim, trabalha muito pelos marginalizados. (Grupo 1, Mulher, 41 anos).

Não há separação, não há divisão, né? É... é... é dialogar com essa cultura, né, seja nas artes, seja na música, é, a gente sempre incentivou a isso, né? Esse diálogo com a cultura, essa, é..., não demonizar tudo, todas as coisas, da cultura, mas reter o que é bom, né? (Grupo 1, Homem, 42 anos).

Na hora que você fez a pergunta, a primeira coisa que me veio na cabeça foi o, o Reconstruir, Projeto Reconstruir que é o... único, né? Projeto social da Caverna e... é, eu acho que a música ou, ou a arte ou o que cada um pode dar, o que for, lá dentro por exemplo, é um jeito de demonstrar pra eles o quê que é o, o que é o amor de Deus. Talvez eles não tivessem chance nem de saber que existe se não fosse pelas pessoas que vão com um assunto, com outro, trabalhar isso lá. [...] Elas não teriam chance de saber que isso é possível se não fosse um ponto comum que é o da música, da arte ou da cultura, né? (Grupo 1, Mulher, 48 anos).

É... aí eu achei legal que a... falou que eu não tinha pensado nisso, que mais de vinte membros são voluntários lá do Projeto Reconstruir e eles expressam lá, né? Ai eu não tinha pensando nisso. Então isso é legal. É... eles compartilham né, com... aquelas crianças que não tiveram oportunidade, o que eles, né, a cultura, né, tudo que eles podem passar pra eles, né? Mas eu não sei se eu tô exagerando, ou não... ou se é assim mesmo, vocês acham que... que a gente poderia expressar mais assim? Não, mas eu falo assim... assim, eu penso que poderia ser espontâneo assim, uma coisa assim de adoração a Deus mesmo, mais pra fora assim, sabe? É, com a música, com a arte, com a dança, com o teatro, com é... não sei. É, com a tatuagem, sei lá, com desenho. Não sei se é timidez, se é falta de... de vontade ou intimidade com Deus, assim. Eu fico assim muito inquieta com isso porque eu vejo tanta gente talentosa lá e, igual uma múmia (risos). Parado assim, não se expressam assim, né? Mas eu gostei que a ... falou que, que muitos estão lá no projeto colocando pra fora isso, eu não tinha pensado nisso. (Grupo 1, Mulher, 46 anos).

Acho que as bandas, as, as que sobraram ainda lá na Caverna, também fazem esse papel, né? Ajudar. Na, na banda dele tem rodado o Brasil inteiro, tem feito diferença e tal. (Grupo 1, Homem, 37 anos).

Então assim, só estamos no mundo, nós somos agentes culturais, todos, né, só de estar respirando. Somos agentes ambientais, que a gente está modificando isso o tempo todo, somos agentes da, de expressão da, da obra de Deus, mesmo que alguns não acreditem. Nele, você está expressando, você é uma expressão da obra de Deus, então agir, andar, pegar um ônibus é, é uma forma de, de estar, de estar no mundo. Se você é... a forma como você se comporta ao ajudar uma pessoa, se você tem um comportamento cristão, você não precisa falar nada, não precisa nem abrir a boca. (Grupo 1, Homem, 37 anos).

Percebemos na análise dos relatos acima, que apesar de se reconhecerem como abertos às mais variadas manifestações culturais e a diversidade de linguagens ou expressões em suas práticas religiosas. Alguns membros desse grupo acham que suas ações culturais deveriam ser mais intensificadas com o grande número de pessoas ligadas as artes na Caverna e que se encontram paradas, inatuantes, tanto dentro, quanto fora da comunidade.

O entendimento de que a Caverna é uma igreja que está aberta a cultura e a sua diversidade de linguagens pode ser observado nos seguintes trechos, “acolhimento da diversidade”, “viver a nossa espiritualidade em tudo que a gente faz”, “é uma igreja que respeita a cultura”, “é dialogar com essa cultura” e a observação feita por uma pessoa sobre o “Projeto Reconstruir”, que trabalha com famílias carentes possibilitando o acesso a música e as artes para as pessoas atendidas por esse projeto.

Para os que acham que as ações culturais deveriam ser mais intensificadas entre os membros da comunidade ficou evidente nos seguintes trechos, “...eu vejo tanta gente talentosa lá e, igual uma múmia... não se expressam assim”, “bandas, as, as que sobraram ainda lá na Caverna, também fazem esse papel” e “nós somos agentes culturais, Somos agentes ambientais e somos agentes da, de expressão da, da obra de Deus”. Essa nostalgia com o que a Caverna representou para a cultura juvenil, com as bandas de *rock* e sua relevância como agente de transformação foi visível na fala e no rosto dessas pessoas. Para uma comunidade como a Caverna chegar a ter mais de vinte bandas de *rock*, com a grande maioria de *rock* pesado, mostra o que foi a comunidade nos anos 90 para a cena alternativa e *underground* cristã no Brasil. Hoje têm apenas duas bandas de *rock* pesado, as bandas Pesadelo e a Trombada.

Embora haja uma maior diversidade de pessoas na comunidade hoje, ocorreu uma perda da identidade daquilo que era no início, com as bandas de *rock*, jovens e tribos urbanas *headbanger*. Como descrito no seguinte trecho. “Então, acho que hoje a Caverna, eu não vejo mais a Caverna como um lugar de manifestações culturais, talvez tenha sido um dia assim, né?” (Grupo 1, Mulher, 41 anos). Apesar da história da comunidade estar intimamente ligada ao *rock*, aos jovens e às tribos urbanas, ainda hoje com a perda da identidade e as transformações ocorridas com a diversidade de culturas ali, encontramos pessoas que acham que a Caverna não é mais um lugar de manifestações culturais e ainda consideram ter dúvidas de que um dia tenha sido.

Analisaremos os relatos do grupo 2, para entender como a construção religiosa e cultural na Caverna pode ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas.

Eu tenho dúvida se isso acontece ainda. É, na Caverna. Com a mesma força que tinha. Antigamente era o grupo dos, Caverna reunia o grupo dos roqueiros, dos metaleiros. E virou uma comunidade mais homogênea ali. Não sei. Posso estar... É. Posso estar errado. (Grupo 2, Homem, 32 anos).

Na Caverna toca Asaph Borba, Adhemar de Campos, só toca música normal. Todo... você vê velhinhos, você vê criança, você vê tipo... eu acho uma igreja, hoje a Caverna que eu conheço não parece muito com a que eu ouvi falar. Porque eu não conheci a Caverna antiga... (Grupo 2, Homem, 29 anos).

Eu acho que a Caverna tem... Tem potencial assim pra muito mais do que ela é hoje, sabe? E eu vejo muito isso como, ah, acho que o que toda igreja deve estar vivendo, né, que a Europa já viveu, que é o mundo pós cristão assim, muito, muito forte. E eu vejo também na Caverna, pode ser só minha opinião, mas que a Caverna não tem, digamos, um líder que faz todo mundo vestir a camisa, sabe? Ter unidade. Eu acho que isso falta demais, assim. Todos os pastores têm seus próprios projetos. Então acaba que falta isso porque eles eram os antigos jovens, só que os jovens de agora, a gente... eu penso que será a Caverna do futuro, sabe assim? Porque acho, que a gente tem muito potencial pra ser explorado, mas a gente, eu não vejo a gente sendo liderado nesse sentido. (Grupo 2, Mulher, 23 anos).

Eu acho que a Caverna tem líder, mas eu acho que o que falta hoje na Caverna é a figura do Fábio que depois que ele morreu, não foi preenchida. Eu não o conheci pessoalmente, mas o tanto que eu ouço falar dele, tipo assim, do pastor de maluco, não sei o que lá e tal. [...] ... embora eu não tenha conhecido, que o Fábio era o cara que se dedicava cem por cento pra Caverna. Que ele era o pastor da Caverna. E depois que ele faleceu, a Caverna ficou sem essa figura de ter o pastor da Caverna. (Grupo 2, Homem, 29 anos).

E que saiba, que saiba comunicar com quem está dentro, com que está fora. Uma questão de juventude. Eu acho que, né, seria importante ter até uma pessoa mais jovem nesse sentido. Porque eu acho que a igreja ela tem que ser contemporânea, porque não adianta você usar o que eles usaram anos atrás com teatro, intervenção, isso não funciona hoje. Então... essa falta também uma, uma figura nova influente. (Grupo 2, Mulher, 23 anos).

O... eu acho também que tem muito a ver, eu não sei quanto que a morte do Fábio teve influência nisso não. Mas assim, a Caverna, igual você falou, né, mudou muito a cara ao longo desses anos né? Começou como uma igreja do rock mesmo, assim, lógico, tinha a galera mais careta, tinha família, mas assim, era uma galera mais jovem, a galera do rock mesmo. Então é, já teve épocas assim, que você tinha não sei quantas bandas ali dentro da Caverna, não banda de louvor, banda mesmo assim, que tocava em show, que gravava CD, e aí eu lembro que já tinha época que assim, todo dia depois do culto rolava um show da banda tipo, na própria Caverna mesmo. Assim, tirava as, as cadeiras, tirava as crianças e a banda ia lá tocar... e a morcha comia solto. Mas era. Isso rolou muito tempo. Depois de muito tempo... isso rolou na Caverna. E... porque tinha muita banda assim. Muita banda rolando ao mesmo tempo. E, e então eu acho que quando você tem um público mais homogêneo, digamos assim, é muito mais fácil, né? Você ter uma, uma, você chegar ali, ver gente ali da sua própria cultura, se sentir representado, digamos assim e causar um impacto dentro daquela cultura ali né? Assim, porque essas bandas elas iam pra fora, né? Iam tocar pro, pro povão mesmo assim né? E atraíam muita gente pra Caverna. Hoje em dia, como o público está muito diverso, eu acho que é, é bem mais... tem essa questão da liderança, mas eu acho que isso também dificulta um pouco, né? Essa coisa de você chegar lá e fazer algum, algum impacto cultural assim, sendo que nem todo mundo ali tá, às vezes está vestindo a mesma camisa, né? (Grupo 2, Homem, 24 anos).

Eu acho que esse negócio do Fábio, eu acho que não é que ele era o pastor da Caverna, tipo assim. Ele era o pastor do estereótipo dentro da Caverna. Dos roqueiros, não sei o quê e tal. E aí quando ele sai, meio que a gente perdeu essa identidade. Mas não quer dizer que aí também, que a gente não tem, talvez nossa identidade esteja confusa hoje

em dia, né? Porque eu não que a gente homogeneizou, a gente ficou mais diverso porque tem tanta gente que gosta, tem muita gente que é tatuado, gosta de rock ainda, que ...sei lá, mas também tem, tem gente que é, tem gente mais rica, tem gente mais pobre, tem velho, tem criança. É... não sei, acho que por conta disso, é difícil também você criar um consenso e aí fazer projetos culturais porque nem... nem todo mundo tem a mesma cultura. Eu por exemplo não gosto de rock, entendeu? Então... é, então, tipo assim. Como é que você faz uma Caverna do rock sendo que muitas pessoas ali não gostam de rock, entendeu? Então não sei. Junção dessa cultura, entendeu? (Grupo 2, Mulher, 18 anos).

E essa turma mais nova que entrou já nem conhece mais o Fábio, né? E aí a gente está ainda, alguém falou aqui e é verdade, tentando achar qual é a nossa identidade como, como comunidade, né? Como igreja. E eu vejo uns caminhos, embora concordo com a ..., de que falta às vezes alguém pra nos ajudar a conduzir e usar isso pra, como uma coisa de comunidade, né? Por exemplo, a comunidade é... Caverna é uma comunidade de pessoas que gostam muito de arte, já reparou? Tem blogueiras, tem tatuadoras, pessoas que gostam de tatuagem. Geralmente quem gosta de tatuagem, gosta de arte né? De desenho... Tem animador de cinema... Muito fotógrafo, né, muito. Nossa célula⁵¹ tem quatro fotógrafos. E... então a gente tem alguma coisa assim que nos, algumas colas, sabe? Mas ainda, ainda sem uma identidade muito formada assim e talvez pela falta de um líder que, que é essa cola né? A gente não deslanchou. Não sei se, não sei se minha percepção está errada, mas acho que é isso... (Grupo 2, Homem, 32 anos).

Se... essa diversidade toda, talvez isso seja bom porque aí, tipo assim, não tem uma identidade só, porque aí você é, atinge diferentes culturas, não só por exemplo a cultura do rock, do jovem, metaleiro, não sei o quê mais, entendeu? Sim. Sim. A diversidade. Sim. Se a Caverna souber usar isso bem, entendeu? Se souber fazer projetos legais, culturais e tal. (Grupo 2, Mulher, 18 anos).

Eu acho que é bem o que o ... falou. É... de ter, o povo tem muita ligação com a arte, por mais que não seja uma identidade, eu acho que é o nosso ponto forte mais incomum assim. É tipo, sei lá, Lagoinha é bom no louvor e estão explorando isso. E por que que a gente não está explorando isso, entendeu? Sendo que a gente tem, eu não conheço uma igreja tipo, no Brasil que tenha tanto potencial assim junto e em gente nova. Tem gente autônomo, gente que trabalha com criatividade e tal e... é exatamente o que o... falou, assim, falta essa questão de juntar isso, de usar isso para o bem da comunidade e automaticamente isso ia ir pra fora, né? (Grupo 2, Mulher, 23 anos).

... a partir do momento que saiu a figura do rock, que era representado pelo Fábio e... a Caverna não... não tem mais uma identidade assim, um estereótipo e sim ela, ela diversificou. Tem, tem vários grupos. Não é só o grupo da arte, não é só o grupo da música. Tipo assim, a Caverna é uma igreja pequena, tem cem, cento e pouquíssimos membros e tem cinco grupos de louvor, tem a galera da música, mas é na galera da música, não tem mais só a galera do rock. (Grupo 2, Homem, 29 anos).

É, a gente não... eu acho, né, que a gente não consegue sair das quatro paredes. Se tiver uma pergunta aí sobre quais os problemas da Caverna, né? A gente tem dificuldade de, eu acho né? De... de poder ser, ser meio que sal assim como comunidade, usando esse tanto de coisa boa que a gente tem, né? A gente tem é, assim, se for pegar as pessoas, só gente fantástica, muita gente boa, mas como comunidade a gente não é tão relevante. Isso que eu queria falar, em Belo Horizonte. (Grupo 2, Homem, 32 anos).

⁵¹ A célula, também conhecida como pequeno grupo ou grupo de crescimento é uma reunião de estudo da Bíblia, no qual os participantes se encontram fora dos dias de culto, para uma maior comunhão entre os membros com trocas de experiência, ajuda mútua e orações. A Comunidade Caverna de Adulão tem atualmente 4 pequenos grupos. Três funcionam em Belo Horizonte, o primeiro funciona de forma itinerante na região leste, às segundas-feiras. O segundo funciona no bairro Santa Tereza e o terceiro funciona no Centro, ambos às quintas-feiras. O quarto grupo funciona no Condomínio Retiro das Pedras em Nova Lima, também às quintas-feiras.

Observando os relatos acima, notamos que os membros desse grupo reconhecem, que a Caverna no início de seus trabalhos foi muito ativa e a figura do pastor Fábio era vital para os grupos juvenis expressarem suas práticas religiosas com certa desenvoltura com elementos da cultura, entre eles o *rock*. Foi relatado que apesar de haver uma diversidade e abertura maior quanto a cultura hoje, os membros da Caverna não têm a força potencializada que os jovens tinham na época da gênese da comunidade.

O pastor Fábio conseguia comunicar o Evangelho com outras culturas juvenis, dentre as quais as tribos urbanas específicas como a *headbanger*. Sua visão ultrapassava os limites da Caverna e podemos ver isso nos trechos a seguir. “Eu tenho dúvida se isso acontece ainda”, “hoje a Caverna que eu conheço não parece muito com a que eu ouvi falar”, “tem potencial, assim, pra muito mais do que ela é hoje, ... eu não vejo a gente sendo liderado nesse sentido”, “...mas eu acho que o que falta hoje na Caverna é a figura do Fábio que depois que ele morreu, não foi preenchida”, “e que saiba, que saiba comunicar com quem está dentro, com que está fora”.

Dentre os grupos analisados este é o que tem as pessoas mais novas. A percepção deles, quanto ao cisma na Caverna, com a cultura *underground* e as tribos urbanas *headbanger* do *rock* é um fato interessante para a pesquisa. Eles conseguem perceber através da história e dos relatos dos membros mais antigos da comunidade, como foi constituída a Caverna e também a necessidade da liderança em preparar outros líderes e membros, para trabalhos específicos, para que assim, consigam comunicar de forma eficaz, tanto com a religião quanto com a cultura juvenil.

Ainda em relação a serem os mais novos na pesquisa, eles conseguem perceber que com o público mais homogêneo como era a Caverna, o trabalho dos pastores se tornou nesse aspecto, mais fácil em comparação com a diversidade cultural na atualidade. Somando-se a isso perceberam a perda da identidade como comunidade, de acordo com os seguintes relatos. “Quando você tem um público mais homogêneo, digamos assim, é muito mais fácil”. “E aí quando ele sai, meio que a gente perdeu essa identidade”. Estamos “tentando achar qual é a nossa identidade como, como comunidade”, hoje “essa diversidade toda... não tem uma identidade só...”, na Caverna “o povo tem muita ligação com a arte... E por que que a gente não está explorando isso, entendeu?”

O *rock* saiu de cena como centro de socialização entre os jovens na Caverna e outros elementos diversificaram e tornaram a comunidade mais plural e assim, mais heterogênea em sua composição. Entretanto, mesmo com a possibilidade de tantas expressões artísticas, seus membros não conseguem romper os limites da comunidade para atuar no mundo. Conforme os

relatos a seguir, em que “saiu a figura do *rock*, que era representado pelo Fábio e... a Caverna não... não tem mais uma identidade... ela diversificou.”, “a gente não consegue sair das quatro paredes... a gente tem é, assim, se for pegar as pessoas, só gente fantástica, muita gente boa, mas como comunidade a gente não é tão relevante.”

Por fim, faremos a análise dos relatos dos membros do grupo 3, para compreender como a construção religiosa e cultural na Caverna pode ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas.

Pois é. Eu vejo, essas práticas religiosas, na verdade, é, eu não acho, eu não vejo a Caverna como ajudando as pessoas, os grupos de jovens a... a expressar o seu... suas questões religiosas, a maneira. Na verdade, eu vejo a Caverna mais ou menos como uma embreagem ali entre aquilo que está no mundo, os jovens e suas demandas... Aquilo que a palavra apresenta... Aquilo que Deus apresenta pra nós através da palavra. E a Caverna, eu acho que ela é muito hábil em... é, em administrar isso. É intermediar, fazer essa ligação, né? [...] É no meio que o jovem ele... um grupo ou um jovem que conhece a Caverna ou alguns membros de lá, eu acho que ele vai se sentir mais à vontade dentro daquela bagagem cultural que ela tem, que ela tem, que ela carrega. Eu acho que ela, ela vai estar mais à vontade na Caverna do que numa igreja, vamos chamar de mais tradicional, né? Mas é claro pra mim que a liderança da Caverna tem os seus pilares que são fundamentos é, que não podem ser removidos, que não podem ser negociados. E dentro disso, a gente consegue é...atrair jovens... É... por causa dessa diversidade cultural que já está dentro da Caverna, né? Ou seja, é... semelhantes atraem aqueles semelhantes e tal. E se existe um lugar onde todos esses semelhantes conseguem conviver com, né, com relativa harmonia, ótimo. Isso dá certo. (Grupo 3, Homem, 43 anos).

Pois é. Mas aí a gente já, a gente, eu não sei como é que está hoje o tipo, nem quero saber. Mas a fama era mais ou menos essa, entendeu? Se o pastor proibia, os... os meninos iam na Caverna. (Grupo 3, Mulher, 53 anos).

Por ter muita igreja hoje que, que acha isso bom. Hoje não é tão fechado igual era. Acha bom assim, porque não tem... porque o preconceito hoje não é tão forte igual quando nasceu, nasceu a Caverna. Não é. Tanto é que muitas igrejas até pelo... pelo exemplo assim da Caverna, já estão mais, né? Vendo assim, né e tal. Sempre vai ter igrejas preconceituosas. Mas hoje não é... porque a diversidade da sociedade hoje é tão grande, que isso reflete nas igrejas também. (Grupo 3, Homem, 33 anos).

Agora tem um lance também assim na Caverna. Eu acho que hoje tem mais gente em torno dos trinta anos do que mais gente em torno dos vinte anos. Acho que quando... a Caverna surgiu deve ter tido muita gente entre quinze a vinte e cinco anos. Hoje, eu sou um dos mais velhos, né? Então assim... Hoje, pra você ver como que essa questão da diversidade é tão grande lá que eu, que se fizesse uma estatística lá sobre a idade, eu acho que gira mais em torno dos trinta do que dos vinte. Num é? ... a grosso modo, ou seja, pra mim, são super jovens, né? Assim, trinta anos, mas já não é mais, acho que socialmente não são, já são jovens adultos, né, não sei nem, nem sei como é que fala isso. (Grupo 3, Homem, 54 anos).

Mas eu me lembro que na transição de noventa pra dois mil, que nós estávamos tendo meio que uma espécie de um *boom* do *rock'nroll* evangélico, a Caverna ela tinha muitas bandas e tinham muitos outros ministérios, outras igrejas parceiras. E, e era normalmente comum os eventos é, de evangelismo com shows. E como a Caverna ela tinha diversos membros que tinham bandas e várias bandas, onde os membros eram da Caverna, eu me lembro que muito do prático acontecia ali também. E acaba que soma com o que tudo que foi falado. No final, esse pessoal que estava lá, década de noventa,

dois mil, as pessoas que ficaram são as pessoas que realmente hoje compõem os jovens adultos. E por consequência, como nós temos um número pequeno de é, adolescentes e de é, jovens pessoas que estejam entre os dezoito a vinte e cinco anos. E já não se tem tanta é, forma assim de poder às vezes unir os grupos como aconteciam com as bandas, eu percebo que muitas vezes, essa questão prática ela está meio que estagnada. É... algo que a Caverna, ela sempre teve, que eram os evangelismos, vai nos grupos, as pessoas que de repente iam, que se interagiam, muitas vezes serviam em algum outro tipo de ação com outra igreja, com outro grupo, com outras pessoas... (Grupo 3, Homem, 35 anos).

É, mas eu acho que... Isso é consequência também porque antigamente era um grupo. Não tinha essa diversidade de grupos que existem hoje na sociedade, né? Aí fica, fica mais difícil também de você conseguir... Porque abriu... É... também a visão de evangelismo hoje, de vinte anos atrás ela está um pouco assim diferente também. Porque antigamente tinha muito esse negócio de evangelismo nas ruas. Hoje, a questão do evangelismo assim, na convivência, isso em todo o meio evangélico do mundo, acho que isso está muito forte também. Isso está, então é... essa questão do estilo clássico do, do evangelismo assim, de você chegar nas, em uma rua, isso não está tão forte mais. Acho que todo... não. Isso não é tão forte. É, porque hoje tem como... A Internet então, a questão do evangelismo é muito mais ampla. Agora, essa questão de a, estagnação houve. Então, nesse tipo de evangelismo nas ruas. Assim, tem ainda né? O da... Assim, tem menos. Ela tem menos. Agora... eu vejo... (Grupo 3, Homem, 54 anos).

A Caverna ela, ela não parou. Ela não parou. Ela ainda tem as, as atividades. Ainda tem cultos. Ainda tem reuniões. Ainda tem os grupos. Ainda tem como... o Fôlego, os grupos de... de convívio, as reuniões. Ela ainda teve. Apenas isso parece que transformou. O que fazia antes, como era feito antes, hoje já tem outro corpo. (Grupo 3, Homem, 35 anos).

Não. Só uma minoria. É, hoje o momento é um pouco diferente, né? A... o perfil da Caverna mudou... nos últimos dez anos. Mas, vou dizer, dez, quinze anos atrás, talvez a maior dificuldade era o seguinte. A gente tinha grupos nos bairros, né? E o perfil da Caverna era pessoas da periferia, sem carro. Então participar num grupo, num bairro, entendeu? Que você tem que pegar um, dois ônibus, no meio da semana, fica inviável entendeu? Era o... o pessoal... solteiro, estudante... periferia que precisava de pegar ônibus, entendeu? Hoje, que a gente tem, pessoal um pouco mais maduro, é... que já tem carro, muitas vezes, então... até isso facilita. Na época era mais difícil. (Grupo 3, Homem, 51 anos).

Eu acho que um pouquinho do quê que o... falou de ter dado essa estagnada ou ter dado essa diminuída. Eu acho que é... parte foi, assim, que o Fábio morreu. Porque ele que puxava o carro chefe de, nos evangelismos, nos teatros, né? Ele que botava a galera pra cima, né? E... desde então, a gente não tem uma pessoa que assumiu o papel que o Fábio tinha na comunidade. Mas, outros tipos de ministérios foram surgindo, né? Como o Reconstruir, como o próprio Lamalma... Como o Cupim, como os evangelismos com grafite nos presídios. Então assim, a continuação do evangelismo na Guaicurus, né? Então assim, parar não parou. Mas mudou o estilo. Não é aquele estilo de você ir pra rua, apresentar um teatro chocante onde todo mundo ficava assim boquiaberto, com o olho arregalado assim, né? (Grupo 3, Mulher, 31 anos).

Até, a gente está falando aqui da mudança de perfil, é, a morte do Fábio também contribui pra essa mudança de perfil. Porque o Fábio era esse cara que ia pra Praça Sete. Sair com os meninos pra andar de skate, pra ir nos shows, etc. e tal. Então... É. Ele... ele era o... a pessoa que aglutinava em torno dessa turma, né? (Grupo 3, Homem, 51 anos).

Ao analisar os relatos desse grupo verificamos que as pessoas não acham que a Caverna com sua construção religiosa e cultural ajuda de alguma forma os grupos juvenis em suas práticas religiosas. Embora, possamos ver os seguintes relatos, “eu vejo a Caverna mais ou

menos como uma embreagem ali entre aquilo que está no mundo, os jovens e suas demandas...”, “se o pastor proibia, os... os meninos iam na Caverna.”

Aqui podemos ver uma prática religiosa mais madura com relação à cultura com a Caverna sendo uma embreagem e lugar de acolhimento para os jovens que estavam em conflito com seus pastores. Essa maturidade dos membros da Caverna pode estar diretamente ligada ao que os participantes do grupo relataram. Para eles a Caverna quase não tem jovens ou uma geração mais nova, visto que os que ficaram na comunidade são os “jovens adultos” e também pela grande diversidade da sociedade atual. Vejamos os seguintes relatos que comprovam essas mudanças. A “diversidade da sociedade hoje é tão grande, que isso reflete nas igrejas também.” Na Caverna a “questão da diversidade é tão grande”, e “as pessoas que ficaram são as pessoas que realmente hoje compõem os jovens adultos...” e “temos um número pequeno de, é... adolescentes, e de é... jovens pessoas... ela está meio que estagnada.”

Essa estagnação relatada também aponta para uma comunidade que não está alcançando os jovens como era no passado. A Caverna não consegue se comunicar de acordo com os relatos devido a mudança de mentalidade e diversidade de grupos ou tribos na sociedade atualmente. Mais uma vez o pastor Fábio é citado pelo seu papel junto às tribos urbanas e especialmente a tribo *headbanger* com o *rock* e a tribo do *skate*.

Vejamos alguns desses relatos, “antigamente era um grupo. Não tinha essa diversidade de grupos que existem hoje na sociedade”. “O que fazia antes, como era feito antes, hoje já tem outro corpo”. “E o perfil da Caverna era pessoas da periferia, sem carro... solteiro, estudante”, “a gente não tem uma pessoa que assumiu o papel que o Fábio tinha na comunidade... outros tipos de ministérios foram surgindo... o Reconstruir⁵², Lamalma⁵³ e o Cupim⁵⁴”, “o Fábio era esse cara que ia pra Praça Sete, sair com os meninos pra andar de *skate*, pra ir nos *shows*... ele era a pessoa que aglutinava em torno dessa turma”.

⁵² Projeto Reconstruir é uma organização social sem fins lucrativos, para a assistência e promoção social, localizada no Aglomerado Morro das Pedras em Belo Horizonte. Este projeto faz parte dos ministérios da Comunidade Caverna de Adulão e está no Morro das Pedras desde meados de 2005, sendo que em janeiro de 2007, foi legalmente registrada como organização social.

⁵³ O Projeto Lamalma visa através de projetos melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco. São realizados projetos em parcerias com projetos sociais e com voluntários que contribuem e trabalham nos acampamentos que ocorrem em finais de semana específicos. Proporcionando às crianças e aos jovens, socialização, lazer e cultura. O Lamalma é um projeto que não está vinculado diretamente com a Comunidade Caverna de Adulão, embora seus fundadores sejam membros da Caverna e exerçam trabalhos em parceria com a igreja.

⁵⁴ O Cupim Sagrado é um dos ministérios da Comunidade Caverna de Adulão e está localizado à rua da Bahia, 1176, sala 3, na região central de Belo Horizonte. Este local funciona como Centro Cultural com palestras sobre os mais variados assuntos, mostras de filmes, debates, música, oração e outras manifestações culturais abertas ao público em geral.

Ao analisar os grupos 1, 2 e 3, observamos que há uma grande abertura com relação a construção religiosa e cultural na Comunidade Caverna de Adulão atualmente. A diversidade cultural é a grande marca da comunidade atual, como podemos ver nos três grupos focais analisados nos trechos a seguir, “acolhimento da diversidade”, “viver a nossa espiritualidade em tudo que a gente faz”, “é uma igreja que respeita a cultura”, “é dialogar com essa cultura” e “essa diversidade toda... não tem uma identidade só...”.

Embora, para todos os grupos a diversidade seja o ponto central na comunidade atual, apenas o grupo 1 foi mais incisivo nesse aspecto. Nesse grupo somente uma pessoa provocou todos ali ao relatar que a Caverna apesar de ter muitos artistas de várias áreas, eles não conseguem ser objetivos como era no início, com o *rock* como único elemento cultural. “...eu vejo tanta gente talentosa lá e, igual uma múmia... não se expressam assim” (Grupo 1, Mulher, 46 anos).

Analisando o relato acima, foi usada a palavra “múmia”, algo estático, sem movimento e progressão. Percebemos também uma inquietação, que foi mais pulsante nos grupos 2 e 3, quanto ao que a Caverna representava para os jovens na manifestação religiosa e cultural. Para esses dois grupos a diversidade não ajuda necessariamente os grupos diferenciados da comunidade a se manifestarem de forma contextualizada.

Como veremos nos seguintes trechos. “Eu tenho dúvida se isso acontece ainda”, “tem potencial, assim, pra muito mais do que ela é hoje, ... eu não vejo a gente sendo liderado nesse sentido”, “a gente não consegue sair das quatro paredes”, “eu não vejo a Caverna como ajudando as pessoas”, “...temos um número pequeno de, é... adolescentes, e de é... jovens pessoas... ela está meio que estagnada.”

Nos relatos acima podemos ver uma sucessão de palavras que mostram a preocupação quanto a ser “igual uma múmia”. Veja algumas delas, “tenho dúvida” de que a Caverna ajude os jovens a se expressarem. A Caverna “tem potencial”, mas está adormecido e os membros não são liderados para desenvolver ao máximo o potencial da comunidade. Isso também fica evidente no seguinte relato.

...o povo tem muita ligação com a arte [...] E por que que a gente não está explorando isso, entendeu? [...] ...falta essa questão de juntar isso, de usar isso para o bem da comunidade e automaticamente isso ia ir pra fora, né? (Grupo 2, Mulher, 23 anos).

Voltando as questões da falta de expressão dos membros, podemos ver também nos seguintes trechos, “eu não vejo” a Caverna ajudando os grupos jovens. Do mesmo modo, outro relato nos chama a atenção, o trecho, “não consegue” sinaliza que os membros não saem dos

limites físicos da Caverna, aqui relatado como, “quatro paredes”. Por último, analisamos o relato que aponta para uma inércia, “ela está meio que estagnada” que é uma referência que sinaliza para uma comunidade que não está se renovando com novos jovens, que poderiam se aderir a Caverna e dar continuidade aos trabalhos ali realizados ao longo dos anos.

Todos os grupos focais enfatizaram a saída do *rock* como elemento nivelador de todos os membros da comunidade. No grupo 1 observamos o seguinte relato, “Então, acho que hoje a Caverna, eu não vejo mais a Caverna como um lugar de manifestações culturais, talvez tenha sido um dia assim, né?” (Grupo 1, Mulher, 41 anos). Este relato além de reconhecer que a Caverna hoje não é mais lugar que fomenta as manifestações culturais, ainda gera dúvidas de que algum dia tenha sido.

Os membros dos grupos 2 e 3, foram os que mais falaram sobre essa mudança do *rock* como único elemento cultural para uma abertura à diversidade cultural na comunidade. Em outro relato, percebemos como o *rock* estava encarnado na vivência dos jovens e neste caso mais específico de uma pessoa que nasceu no início da Comunidade Caverna de Adulão.

[...] eu lembro que já tinha época que assim, todo dia depois do culto rolava um show da banda tipo, na própria Caverna mesmo. Assim, tirava as, as cadeiras, tirava as crianças e a banda ia lá tocar... e a morcha comia solto. Mas era. Isso rolou muito tempo. Depois de muito tempo... isso rolou na Caverna. E... porque tinha muita banda assim. Muita banda rolando ao mesmo tempo. (Grupo 2, Homem, 24 anos).

Se por um lado tinha pessoas que estavam na comunidade no seu início, que vivenciaram e gostavam daquela manifestação com a música *rock*, hoje têm pessoas que acham que não é aceitável com a heterogeneidade e com grande diversidade cultural da comunidade. Conforme os seguintes trechos. “Como é que você faz uma Caverna do *rock* sendo que muitas pessoas ali não gostam de *rock*, entendeu? Então não sei. Junção dessa cultura, entendeu?” (Grupo 2, Mulher, 18 anos).

Já neste relato é dado mais ênfase em “não tem mais só a galera do *rock*” para mostrar que a comunidade está mais aberta a todo tipo de tribo e suas manifestações culturais e não apenas a tribo *headbanger* do *rock*. “Tipo assim, a Caverna é uma igreja pequena, tem cem, cento e pouquíssimos membros e tem cinco grupos de louvor, tem a galera da música, mas é na galera da música, não tem mais só a galera do *rock*.” (Grupo 2, Homem, 29 anos).

Na grande lacuna deixada pelo *rock* como era no passado, outros ministérios foram se acomodando em seu lugar. Outro fato que volta à tona, tanto no grupo 2 quanto no grupo 3 é a falta que o pastor Fábio faz para a Caverna de acordo com os seguintes trechos, “...a gente não tem uma pessoa que assumiu o papel que o Fábio tinha na comunidade. ...outros tipos de

ministérios foram surgindo... o Reconstruir... o Lamalma... o Cupim.” (Grupo 3, Mulher, 31 anos).

Neste outro relato emerge não apenas a falta do pastor Fábio, mas também a relevância de uma igreja que consiga ver os sinais dos tempos e ser atuante, pois para essa geração mais nova as intervenções feitas na década de 1990 não servem para os jovens atualmente. “Porque eu acho que a igreja ela tem que ser contemporânea, porque não adianta você usar o que eles usaram anos atrás com teatro, intervenção, isso não funciona hoje. Então... essa falta também uma, uma figura nova influente.” (Grupo 2, Mulher, 23 anos).

Já nesse outro relato, a estagnação da Caverna está ligada diretamente à morte do pastor Fábio⁵⁵, pois ele era a força motriz nas manifestações culturais da comunidade que posteriormente desembocavam também nos lugares públicos de Belo Horizonte, como ruas e praças. “Eu acho que um pouquinho do quê que o... falou de ter dado essa estagnada ou ter dado essa diminuída. Eu acho que é... parte foi, assim, que o Fábio morreu. Porque ele que puxava o carro chefe de, nos evangelismos, nos teatros, né? Ele que botava a galera pra cima, né?” (Grupo 3, Mulher, 31 anos).

Também para eles o pastor Fábio era a ponte entre a religião e a cultura na comunidade. Após a sua morte eles perderam sua identidade como um grupo ou tribo apenas do *rock* e se tornaram mais diversos com vários grupos sociais ocupando o mesmo espaço físico na Comunidade Caverna de Adulão.

E aí quando ele sai, meio que a gente perdeu essa identidade. Mas não quer dizer que aí também, que a gente não tem, talvez nossa identidade esteja confusa hoje em dia, né? Porque eu não que a gente homogeneizou, a gente ficou mais diverso porque tem tanta gente que gosta, tem muita gente que é tatuado, gosta de rock ainda, que ...sei lá, mas também tem, tem gente que é, tem gente mais rica, tem gente mais pobre, tem velho, tem criança. (Grupo 2, Mulher, 18 anos).

Observamos, que nos relatos sobre a perda da identidade dos membros da Caverna, fica claro com relação ao que era no início da comunidade e o que ocorre hoje. Entretanto, no percurso para tentar achar uma nova identidade, os líderes e membros estão trilhando vários caminhos mediante a riqueza cultural com os talentos pessoais dos membros.

Mas que a pessoa pode se sentir bem, pode servir a Deus sem estar ali amarrado, né? Tipo, ah, eu tenho que parar disso! Ah, tenho que parar daquilo! Ah, tenho que parar daquilo! É assim, essa construção que a gente podia, podia ser um... um dos, não é que,

⁵⁵ O pastor Fábio faleceu quando estava em viagem missionária à Cuba no dia 12 de abril de 2007, ele era casado com Tânia com quem teve dois filhos, Natan e Judáh.

não é foco... das abordagens, né, da galera de chamar. Um chamativo assim, não sei. (Grupo 2, Homem, 29 anos).

Este último relato mostra bem o pensamento atual dos jovens em que tudo ocorre de forma bem instantânea e muitas vezes sem profundidade. Atualmente não é o fiel que se encaixa nos dogmas e na moral de determinada religião no qual ele adere, mas esta última é quem se amolda as necessidades do fiel.

Muitos outros fatos foram percebidos nos grupos focais que mereciam ser pesquisados de forma mais abrangente, entre eles a nova forma de ser membro de uma comunidade, em que o vínculo poderia ocorrer sem necessariamente ir aos cultos na comunidade. O tempo de duração dos cultos para alguns membros é muito elevado e não é eficaz para a geração mais nova. A pregação é outro fator que deveria mudar, pois para muitos desses jovens, os pastores não conseguem comunicar de forma contextualizada para a cultura juvenil.

No terceiro capítulo analisaremos como ocorre a socialização entre os jovens evangélicos das tribos urbanas, tanto no aspecto cultural quanto religioso, de forma a compreender como se dá a construção do fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão.

4 SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS JOVENS EVANGÉLICOS

Verificamos que o intenso processo de urbanização ocorrido nas grandes cidades do mundo e também no Brasil nas últimas décadas trouxe grandes impactos na vida dos cidadãos de muitas cidades. Também vimos que esses impactos foram sentidos entre os jovens, que não poucas vezes tiveram seus direitos negados ou até mesmo desrespeitados. Belo Horizonte, como outras capitais brasileiras, teve um aumento considerável de habitantes nas últimas décadas e vivenciou, assim, os problemas típicos das grandes cidades do Brasil e do mundo.

O referencial teórico desse trabalho encontra-se com o tribalismo proposto por Michel Maffesoli em seu livro *O tempo das tribos*. Isso nos remete ao problema central deste estudo que busca pesquisar como se dá a construção religiosa nas tribos urbanas, aqui representada pelos *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão, onde o *rock* inicialmente foi utilizado como instrumento de socialização entre os jovens.

Os dados colhidos na pesquisa nos forneceram vários elementos que apontaram para as tribalizações ocorridas na Comunidade Caverna de Adulão. Dessa forma, podemos ver que a teoria do tribalismo evidenciada por Maffesoli (2010a), em 1985, ainda pode contribuir para compreendermos como essa ocorrência do fenômeno das tribos urbanas juvenis também pode ser observado no fenômeno religioso entre os jovens da comunidade, no qual as tribalizações juvenis são utilizadas nas práticas religiosas e nas espiritualidades alternativas contemporâneas.

Neste terceiro capítulo analisamos como ocorre a socialização entre os jovens evangélicos das tribos urbanas, tanto no aspecto cultural quanto religioso, de forma a compreender como ocorre a construção do fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão. Essa análise nos ajudou a compreender através dos teóricos e dos dados coletados nos grupos focais as camadas mais profundas do problema, com um olhar mais aguçado e atento para o que muitas vezes não é dito. Para isso dividimos a pesquisa em três partes.

Na primeira parte analisamos o fenômeno religioso e cultural entre os jovens para compreender como ocorre a construção sociológica na Comunidade Caverna de Adulão. Fizemos isso na perspectiva teórica proposta por Michel Maffesoli com o tribalismo ou as tribalizações juvenis para entender como ocorre a construção religiosa nas tribos urbanas *headbanger* com a música *rock*.

No segundo momento analisamos o fenômeno religioso e cultural a partir dos relatos e dados coletados nos grupos focais realizados juntos aos membros da Comunidade Caverna de Adulão. Esses relatos nos possibilitaram entender como ocorre a socialização entre os jovens

que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock* nas três fases da comunidade, desde sua criação até os dias atuais.

Finalmente, na terceira parte fizemos a comparação entre a análise teórica e a análise dos dados coletados nos grupos focais, para compreender como aconteceu a socialização dos jovens na Comunidade Caverna de Adulão. Essa comparação nos possibilitou entre outras coisas, entender tanto o percurso histórico da comunidade, quanto os elementos que foram utilizados na socialização dos membros e de que forma essa sociabilidade foi mudando com o passar dos anos.

4.1 Análise do fenômeno religioso e cultural entre os jovens para compreensão da construção sociológica na Comunidade Caverna de Adulão na perspectiva teórica

De acordo com Maffesoli (2010a), o tribalismo ou tribalizações juvenis tiveram grande importância na socialização pós-moderna. Muitos jovens se socializam em torno de objetos, ideologias, mesmos gostos ou sensações. Para Maffesoli (2010a, p. 3-5), o tribalismo se apresenta em dois eixos principais, a saber com o “arcaico” e o tribalismo juvenis, com a sua dimensão comunitária nos relacionamentos sociais e também com a saturação do conceito de “Indivíduo”, que na sua visão são as duas raízes do tribalismo pós-moderno. O retorno às bases com o arcaico e a saturação do conceito de indivíduo retornam aos fundamentos e aos rudimentos de como as coisas são o que proporciona relacionamentos sociais mais horizontais.

Esse retorno ao “arcaico” ou às fontes do tribalismo é o que possibilita aos jovens hoje fazerem leituras tanto da cultura *underground*, quanto da contracultura em suas bases e, assim, observar que esses conceitos com o passar dos anos se diluíram com a saturação do conceito de *indivíduo*. Esta saturação deu lugar às relações comunitárias, nas quais as pessoas passaram a não acreditar em representações nas mais diversas áreas da vida, pelo fato de não haver vínculo de tais representantes com o que é vivido diariamente.

A cultura, para Maffesoli (2010a, p. 01), é um conceito dual. Para o sociólogo existem duas culturas, uma dentro da outra. Ele apontou para os “proprietários da sociedade” sendo os que têm o poder de dizer o que fazer e são o “poder instituído”, nas diversas formas, ou seja, política, cultural, religiosa, social e econômica. O “poder instituído” na sua visão é o que toma as decisões longe da vida cotidiana e, assim, da realidade da maioria da população. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica e desordenada, como uma “potência instituinte”. Esta última proporciona o tribalismo juvenil, pela sua fragmentação em redes de socialização e

pelo inconformismo ao que é ditado pelo “poder instituído” como padrão cultural para a grande massa de pessoas.

A dualidade do tribalismo e da cultura, sinalizadas por Maffesoli, também foram observadas na Comunidade Caverna de Adulão com a resistência de outras igrejas em aceitar a forma como os pastores da comunidade acolhiam e ainda incentivavam os jovens a se expressar na linguagem específica das tribos urbanas *headbanger* com o *rock* no início da comunidade. O tribalismo proporcionou a quebra da rigidez nos laços sociais e ainda possibilitou novas redes de relacionamentos, em que o grupo social tornou-se cada vez mais dinâmico e orgânico. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 11).

Na visão de Maffesoli (2010a) as tribalizações são características da pós-modernidade, pelo fato de apontarem para as maneiras como esses jovens vivem e expressam as mais variadas formas de socialização com o afeto, sentimento de pertencimento, prazer de estar juntos e o partilhar das mesmas emoções. Essa sociabilidade também foi observada entre os jovens roqueiros no nascimento da Comunidade Caverna de Adulão. Ali se estabeleceu o diálogo entre a cultura e a religião, com o *rock* sendo o elemento unificador em suas práticas religiosas.

Outro fato que possibilitou o tribalismo na pós-modernidade foi o crescimento das grandes cidades e o processo de urbanização desenfreado que trouxe muitos problemas no âmbito social, político, econômico, cultural e religioso. No entanto, verificamos que esses problemas também abriram para novas possibilidades de encontros e interações sociais nos espaços públicos. O que proporcionou inúmeras ressignificações para a socialização juvenil e para a utilização dos espaços públicos nas cidades. A cidade, tornou-se fértil para os relacionamentos pessoais e interpessoais, com a sociabilidade e o sentimento de pertencimento dos jovens que se unem às tribos urbanas para compartilhar as mesmas emoções.

O fenômeno urbano possibilitou as mais variadas formas de socialização, em que a individualidade e as diferenças se diluíram nas diversas formas de viver e ser na cidade. A cidade proporcionou essa liberdade para que as jovens gerações se aglutinassem justamente no prazer de estar juntos e para partilhar as mesmas experiências sociais.

Ajudar-se mutuamente, encontrar novas formas de solidariedade, de generosidade, criar ocorrências caritativas, há tantas ocasiões para vibrar junto, para exprimir ruidosamente o prazer de estar-junto, ou, para retomar uma expressão trivial frequentemente nas novas gerações, para “gozar”. Expressão judiciosa no que ela ressalta bem o fim da forte identidade individual. Goza-se na efervescência musical, na histeria esportiva, no calor religioso, mas igualmente em uma ocasião caritativa, ou, ainda, em determinada explosão política. (MAFFESOLI, 2010a, p. 18).

Estas formas de “vibrar junto” e o “prazer de estar-junto”, sinalizam para a partilha dos iguais, com os mesmos desejos. As diversas manifestações culturais e religiosas na pós-modernidade, mostram que as tribalizações estão abertas às mais variadas socializações. Ao receber os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, os líderes da Comunidade Caverna de Adulão, demonstraram que estavam mais abertos a outras manifestações culturais, que não apenas àquelas próprias do contexto evangélico tradicional.

Nesse aspecto, os jovens emigraram para as igrejas evangélicas pelo fato delas estarem mais abertas e possibilitarem a utilização de elementos da cultura aliados à mensagem do Evangelho, o que vai além dos atrativos culturais que essas igrejas disponibilizam à sua juventude, principalmente devido ao acompanhamento direto de seus líderes e o apelo religioso.

Esta percepção quanto a ação evangelizadora mais aguda das igrejas evangélicas foi descrita por Costa (2004), ao mostrar que tanto comunidades religiosas, quanto igrejas evangélicas mudaram sua forma de evangelismo, alcançando a juventude dos subúrbios das cidades brasileiras.

Maffesoli aponta para uma mudança na ocorrência das socializações, na qual o individualismo que era a base da modernidade, abriu o caminho para uma socialidade em direção ao outro. Essa transição do individualismo na modernidade para o coletivo pós-moderno, apontam para as manifestações sociais e para o partilhamento, tanto cultural, quanto religioso. “Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 12).

Essas variadas formas de sociabilidade na atualidade descritas por Maffesoli foram também observadas no âmbito religioso contemporâneo. Em que, o fiel pode não apenas construir de forma eletiva seus mais variados laços sociais, como faz seu próprio percurso na escolha dos objetos religiosos, na crença e na espiritualidade que se apresenta cada vez mais de forma alternativa.

Isso foi observado no início da Comunidade Caverna de Adulão, quando o *rock* tornou-se o elemento de interação social e religiosa junto às tribos urbanas e realizou a função de ajuntamento dentro desses grupos. Essa coletividade participativa foi o que Maffesoli denominou como tribos urbanas: “Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 11).

Na comunhão e no compartilhar das mesmas experiências, a partir da década de 1980, as tribalizações juvenis mostraram como os jovens se socializavam em torno da música *rock* como marco ideológico e coletivo no Brasil. Tanto o *rock* em seu nascimento, como instrumento de protesto, quanto as tribos urbanas na contracultura mostram o não conformismo aos padrões culturais impostos pela sociedade. Esse inconformismo ocorreu por vezes na cultura e na religião, daí modelos *undergrounds* e alternativos emergem e apresentam uma cultura ou culturas dentro da própria cultura.

As estruturas sociais que se personificavam como base ou pilares da sociedade eram vistas com grande desconfiança pelos membros das tribos urbanas, entre elas: a polícia, a igreja e a família. Essa resistência às instituições sociais, dentre elas a igreja, mostram não apenas o atrito dos jovens com as instituições sociais, mas principalmente o ambiente cultural em que muitos líderes religiosos enfrentavam ao tentar comunicar o Evangelho às tribos urbanas juvenis.

Como verificamos, para Pais (2004), o termo *tribo* já expressa a ideia de atrito, resistência e oposição, e está presente no fenômeno das tribos urbanas. Verificamos essa resistência com a construção cultural juvenil com o *rock*. A começar pela linguagem da tribo se opor à estabelecida pela cultura de massas e pela produção musical utilizar a voz gutural, com a sonoridade rápida, totalmente agressiva e extremamente ruidosa. A estética do roqueiro com cabelos longos, roupas e calçados extravagantes, bem como a ideologia que permeia estas tribos, sinalizam a todo momento para o distanciamento do que é proposto pela cultura de massas como padrão estabelecido.

A utilização do *rock* como objeto sagrado, obteve uma maior abertura a partir da década de 90, onde as tribos urbanas se tornaram mais ecléticas e menos radicais. Aceitando várias fusões de diferentes estilos musicais, aliados aos elementos sonoros e ideológicos já existentes. Verificamos que essas narratividades com o *rock* e seus contextos históricos no seu nascimento emergiam duas representações com o “profano” e “sagrado”, bem como a apropriação desse estilo musical a partir de 1950 até os dias atuais com crenças e significados multiformes a cada época e geração.

Essa diversificação e multiformidade na sociabilidade na visão de Maffesoli, teve início com a *Modernidade* e floresceu na *Pós-Modernidade* com o relacionamento mais aprofundado no interior dos grupos ou tribos nas cidades e nos grandes centros urbanos.

A Modernidade, ao mesmo tempo que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real. Essa foi, em particular, uma característica das metrópoles modernas. E sabemos que esse processo não contribuiu pouco para a

solidão gregária sobre a qual tanto se tem falado. A Pós-Modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo o recolhimento do próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos. (MAFFESOLI, 2010a, p. 153).

A Pós-Modernidade favoreceu as megalópoles contemporâneas na fertilidade relacional no recolhimento e no aprofundamento das relações internas do grupo. Ao analisar o fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão percebemos que a construção sociológica com os jovens no início, apesar de sofrer resistência de várias igrejas evangélicas tradicionais, contou com outros fatores que possibilitaram a sociabilidade entre seus membros. Entre eles, a vida nas cidades como um novo modo de vida diferente do modelo rural, no qual as pessoas têm maior liberdade e autonomia para se expressarem. Também as transformações sociais causadas pelo processo de industrialização geraram vários problemas, que ainda podem ser sentidos com o crescimento desordenado das grandes metrópoles e com o grande fluxo de pessoas que saem do campo em direção às cidades.

Essas transformações tiveram impacto direto na vida dos jovens que estavam à margem da sociedade e de seus direitos. A pós-modernidade possibilitou especialmente aos jovens a condição de contestar e questionar as instituições e toda forma de poder que se institua como absoluto. As tribalizações juvenis também ajudaram na socialização nos grandes centros urbanos, com a partilha e com o sentimento de pertencimento entre os jovens.

Portanto, o que observamos foi que novas formas de socialização se estabeleceram entre os jovens em Belo Horizonte, inclusive na esfera religiosa. As igrejas evangélicas tradicionais não viam os elementos culturais com bons olhos, ainda menos, as manifestações culturais desses jovens, com a produção e com o consumo da música *rock* das tribos urbanas *headbangers* que eram muito discriminadas na sociedade naquela época.

No entanto, os líderes da Comunidade Caverna de Adulão, não apenas aceitaram esses jovens que pertenciam a tribo urbana *headbanger*, mais proporcionaram práticas religiosas que utilizassem o *rock*, tanto dentro da comunidade quanto fora, e ainda incentivaram a formação de bandas com os próprios jovens que ali se socializavam. “Hoje, ao invés da salvação pela negação do *rock*, o que tem operado é a salvação pelo *rock*.” (PINTO, 2009, p. 12).

Essa espiritualidade alternativa com a apropriação de novos elementos no fenômeno religioso atual, entre eles, a música *rock* é fruto de estudos na linha de pesquisa Religião e Contemporaneidade da PUC Minas. Pelo fato do fenômeno religioso na cultura contemporânea ocorrer a partir do percurso que o fiel faz e a religião é quem se adapta às suas necessidades. Será que a música e o culto de forma contextualizada para os jovens, com o *rock*, continuam

sendo atrativos para as tribos urbanas juvenis e instrumento de socialização na Comunidade Caverna de Adulão?

A seguir os dados da pesquisa com os grupos focais feita junto aos membros da Comunidade Caverna de Adulão e apresentados no capítulo anterior serão retomados. O problema central deste trabalho procurou entender como ocorreu a construção cultural e religiosa nas tribos urbanas, aqui representada pelos *headbangers*, no qual o *rock* foi usado como instrumento de socialização entre os jovens. Ao retornar ao capítulo anterior com os dados coletados e analisados nos grupos focais, poderemos compreender a construção cultural e religiosa, como também verificar se as tribos urbanas *headbangers* com o *rock* continuam sendo o único elemento socializador nas práticas religiosas entre os jovens da comunidade.

4.2 Análise da construção do fenômeno religioso e cultural a partir dos relatos e dados coletados nos grupos focais na pesquisa

Em primeiro lugar é bom destacar que os membros dos grupos focais, entre eles os jovens têm a convicção de que a comunidade se constituiu através das tribos urbanas *headbangers* com o *rock*, mesmo para aqueles que chegaram depois e que não gostam deste estilo musical. Nos diversos relatos dos membros fica comprovado que a teoria de Maffesoli sobre as tribalizações confirmam a nossa hipótese sobre a sua ocorrência na Comunidade Caverna de Adulão. Mesmo com as mudanças que aconteceram no que chamamos de *fases da comunidade*, com o *rock* como único elemento socializador inicialmente e depois com outros elementos que incorporaram as práticas religiosas na comunidade, a diversidade cultural com as tribalizações foi cada vez mais crescente com a inclusão de outras tribos urbanas, como também de outras formas de socialização.

O tribalismo que para Maffesoli (2010a, p. 11), se fundamenta com o sentimento de pertencimento, a um lugar, grupo ou tribo, ainda está vivo na socialização dos membros da comunidade. Na visão de Maia (2005, p. 78), a grande contribuição da sociologia de Maffesoli se dá pela valorização dos relacionamentos que ocorrem no envolvimento de estar juntos, de pertencimento, inclusive nas suas pesquisas dentro dos grupos e em suas manifestações sociais com os “cultos” e os “espaços de celebração”.

Esse sentimento de pertencimento a algo que faça sentido na vida das pessoas, como uma agremiação, associação, grupo ou mesmo uma tribo foi verificado nos relatos dos membros da Comunidade Caverna de Adulão.

Na análise do grupo 1, na visão dos membros do grupo a Caverna é um lugar de várias rupturas, não apenas com aquilo que desumaniza o ser humano na sociedade, mas também com o modelo proposto de igreja evangélica tradicional. Ainda de acordo com eles, a Caverna é um lugar de acolhimento, uma espécie de abrigo, uma grande casa que consegue receber todas as pessoas, com suas diferenças, pluralidade e diversidade própria de nossos dias.

Os membros falaram da comunidade como uma família, onde todos recebem igual cuidado, mesmo os que vêm de longe e têm a Caverna como “segunda casa que acolhe os diferentes” e ainda os que estão em alguma situação adversa e são acolhidos em “uma igreja que consegue alcançar os excluídos e marginalizados”. A autenticidade e a autonomia do sujeito frente a instituição religiosa sinalizam para a forma de culto que as pessoas buscam na atualidade.

Os relatos mostram que na pós-modernidade as pessoas buscam suas próprias experiências, que melhor se adaptem ao seu modo de vida com liberdade e autonomia. “A ênfase incide, então, muito mais sobre o que une do que sobre o que separa. Não se trata mais da história que construo, contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 37). As tribalizações propostas por Maffesoli, exaltam a vida cotidiana, espontânea e livre. Neste movimento sociológico, a racionalidade se esvazia e as emoções preenchem as lacunas da vida, com o afeto, a partilha dos mesmos sentimentos e o pertencimento.

Este pertencimento e possibilidade de construção dos próprios percursos na pós-modernidade foram observados nos relatos dos membros da Caverna. Na visão deles os cultos devem ser mais espontâneos e livres e menos formatados com o que chamaram de “quebras” da “tradição”, do “ritual”, do “protocolo”, para que haja a “liberdade”, “informalidade” e “diversidade sociocultural”. Diante de tantas mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas que os jovens enfrentam, novas possibilidades se apresentam como saída para tais problemas. Nesse aspecto a diversidade foi o que se apresentou para eles como saída diante de tantas transformações.

De acordo com Paiva (2004, p. 30-31), a riqueza do pensamento de Maffesoli e sua contribuição para os nossos dias ocorre justamente na trivialidade da vida, no cotidiano, nas relações corriqueiras, no qual ele encontra respostas para a vida, na metáfora da linguagem ele consegue decifrar o que acontece com as tribos urbanas, artistas, sexuais, políticas, religiosas e tecnológicas. Fazendo o caminho inverso para isso, busca na cultura popular as respostas e não na cultura dominante.

Seguindo com a análise do grupo 2, nos relatos outras situações apareceram diferentes do grupo anterior, quanto ao que é a Caverna hoje. Apenas um membro do grupo falou de três situações que nos chamam a atenção, para ele a comunidade tem “uma estrutura péssima”, “rotatividade dos membros” e “falta de envolvimento”. Outros membros falaram da comunidade como um lugar que as pessoas “não escondem seus problemas” e também são “autênticas, desiludidas, machucadas, para-raios de doido”.

Nesses *desencontros* ou *desacertos* sociais podem ocorrer uma grande riqueza nas socializações. Para Maffesoli (2004b, p. 24), na mudança, transição e ruptura se encontram possibilidade de releituras e de novas práticas e conceitos aplicáveis à sociologia. A crise é o ponto central das sociedades pós-modernas e com elas a ruína fica evidente não apenas em áreas como a política e a econômica, mas perpassa todas as áreas da vida humana.

Esse grupo traz um elemento interessante para a nossa análise no que se refere à ruptura não só com as práticas da sociedade que podem desumanizar homens e mulheres, como também, com as estruturas engessadas de outras igrejas evangélicas tradicionais, mas principalmente para eles próprios como membros da comunidade que não se sentem muito ativos na cultura e na religião na atualidade. O sentimento de pertencimento próprio das tribalizações foi verificado no relato em que o espaço socializador precário, a alta rotatividade das pessoas e a falta de envolvimento são reflexos da apatia dos próprios membros.

Estes entendem que a socialização na comunidade depende de cada membro e não apenas dos pastores, pastoras e líderes da Comunidade Caverna de Adulão. Vale a pena lembrar, que este é o grupo com a menor média de idade, cerca de 25,2 anos. Ao nosso ver essa contestação de alguns membros do grupo, pode estar ligada ao fato desse grupo ser o mais jovem entre os três pesquisados, muitos desses jovens não viveram as mesmas experiências do início e são mais abertos ao pensamento e elementos culturais pós-modernos.

Para Maffesoli (2004b, p. 27), o tribalismo é um sinal que aponta para a saturação e porosidade da instituição estado-nação na atualidade, bem como da educação, da religião e também da família. O campo ideológico é outro fator que está no arcabouço dessa saturação e porosidade, onde não existem mais ideias fixas, mas ideias transitórias passageiras dentro de uma pluralidade de pensamentos.

Essas mudanças nas estruturas sociais em que a fluidez nos relacionamentos proporcionada pelo tribalismo quebra a rigidez das instituições, foi verificada entre os jovens da Caverna, eles não aceitam o *poder* vindo dessas instituições como acabado e incontestável. Esses jovens esperam que a comunidade seja mais inclusiva e sincera com seus membros. Isto

pelo fato dos jovens em sua cosmovisão fazerem suas próprias construções culturais e religiosas.

Apesar da crítica feita por alguns membros desse grupo, para a maioria a Caverna é um lugar de afeto, aconchego e acolhimento aos que a ela se aderem. Nos relatos a comunidade é apontada como um lugar de “comunhão”, “liberdade”, “simplicidade” e “informalidade”. O sentimento de pertencimento próprio das tribalizações estudado por Maffesoli foi observado nesse grupo, mesmo pelos membros que criticaram alguns aspectos da comunidade que não favorecem a sociabilidade, o que por outro lado, demonstra uma grande preocupação e envolvimento desses jovens com a situação atual da comunidade.

Ao analisar o grupo 3, sobre o que é a Caverna, um membro do grupo fala do espanto, estranhamento e a dificuldade que ele teve em associar a Caverna a uma igreja evangélica, pelo estereótipo idealizado de uma igreja evangélica e pela Caverna ser muito diferente dessas igrejas. Ela “é uma igreja muito diferente, nunca conseguiria associar uma igreja evangélica...”.

Observamos que para esse membro a Caverna não entraria nos padrões idealizados de uma igreja evangélica tradicional, pelo fato dela não corresponder a essas expectativas, com os costumes próprios desse segmento religioso. Nessa fragmentação no campo religioso, a tribalização é o que fomenta essa socialização com outras formas e práticas religiosas na atualidade, na qual outras formas de cultos e espiritualidades alternativas nascem, justamente para atender as necessidades dos fiéis, do grupo ou de determinadas tribos.

Na visão de Maffesoli (2004b, p. 28), atualmente caberia a troca da autonomia por heteronomia, pois tudo converge para a tribo, para o outro e o que rege toda a sociedade é o sentimento de contaminação, com a moda e o consumo. Instituições se fragmentam em grupos microscópicos, tudo se contamina e a sociedade em todas as áreas recebe essa carga viral.

Dessa forma, o “sentimento de contaminação” proposto por Maffesoli, foi observado na Caverna, pelo fato dessa mesma pessoa começar a participar da vida em comunidade, os preconceitos diminuíram e a sua individualidade dilui no coletivo, na massa e na manifestação da comunidade. A diversidade e a diferença proporcionam de acordo com os relatos do grupo, o encontro, o olho no olho e o ajuntamento com o único propósito, servir ao mundo e adorar a Deus.

Verificamos que a estética estabelecida pelos membros e pelo espaço físico da Caverna, causou certo espanto e estranhamento nesse membro da comunidade, mas posteriormente possibilitou uma maior aceitação desse tipo de prática religiosa. De acordo com Maffesoli (2004b, p. 28), o afetual e o emocional também passam pela contaminação e o homem político

e econômico, dá lugar ao homem estético, que se constitui nas emoções partilhadas que se estabelecem nas tribos urbanas.

A visão dos membros desse grupo sobre o que é a Caverna fica bem próximo dos outros grupos, para eles a comunidade é “sem preconceito”, “casa”, “próxima da realidade”, “aberta a servir” e “não é apenas para pessoas excluídas de outras igrejas”. Este último relato mostra que a Caverna também acaba recebendo pessoas que sofrem algum tipo de preconceito ou se sentem excluídas em suas igrejas, como foi relatado anteriormente no grupo 2, com relação as pessoas que chegam na comunidade “desiludidas” e “machucadas”.

Ao analisar os três grupos, observamos que de acordo com os relatos a Caverna é para seus membros um lugar de “comunhão”, “família”, “segunda casa”, “casa do meu pai” e onde “me sinto em casa”. O que demonstra que para esses membros a comunidade é um lugar de abrigo, aceitação, afeto e pertencimento. Outro fator que demonstra que as pessoas que estão na comunidade se sentem em casa e à vontade foram observados nos seguintes relatos como, “informalidade”, “sem formalidades”, o “simples e informal” e “lugar mais descontraído”.

A vitalidade na sociabilidade que o tribalismo propõe ocorre no cotidiano e nas situações mais corriqueiras da vida. Essa quebra da ritualização ou das normas institucionais sinaliza para uma socialização no retorno ou reencontro com a vida e a liberdade. Para Maffesoli (2004a, p. 04), o utilitarismo que é colocado para todas as relações na vida atual, o que vale não é o valor da vida e sim o valor da utilidade, e assim as relações pessoais são negadas ou se degeneram e o sentido pleno da vida vai se perdendo. Ainda segundo ele, há um certo desinteresse por tudo que é produzido pelas elites tecnocratas, como forma de resistência a um único modelo de construção do saber, do pensar e do que é proposto culturalmente.

Esse retorno aos relacionamentos de forma horizontal e a resistência ao modelo cultural engessado, foi ao nosso ver o que fomentou o nascimento da Comunidade Caverna de Adulão, com as tribos urbanas *headbangers* e com o *rock*, e o posterior percurso com a diversidade cultural e social, mediante novas perspectivas e práticas religiosas na atualidade. Houve uma transição de uma comunidade que inicialmente era mais *homogênea* com o evangelismo para grupos específicos ligados a cena alternativa e *underground*, e hoje ela é uma igreja missionária, mais *diversificada*.

Essa diversidade cultural na atualidade é verificada nos três grupos nos seguintes trechos, “diversidade cultural”, “uma igreja que consegue alcançar os excluídos e marginalizados”, “um ajuntamento de pessoas diferentes” e que a comunidade “não é uma igreja apenas para pessoas excluídas de outras igrejas”. A diversidade cultural acontece segundo Maffesoli (2004a, p. 05) com a rebelião, revolta e indiferença ao político, como retorno ao que

é da cultura popular, a ecologia, e ao que é natural, nos relacionamentos próximos, como uma espécie de distanciamento do que é imposto na cultura, para uma reconciliação popular uns com os outros e com o mundo.

Notamos em todos os grupos analisados, que a figura do pastor Fábio foi muito importante para que a comunidade não se tornasse uma tribo ou um gueto somente para roqueiros, mas que abrisse para outras pessoas e para outras realidades de vida. De acordo com os relatos dos grupos ele ia aos *shows* de bandas seculares de *rock* e transitava entre várias tribos urbanas sem nenhum preconceito.

Em outro momento perguntamos para os membros dos três grupos, como a construção religiosa e cultural na Caverna poderia ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas.

Na análise do grupo 1, percebemos que apesar de se reconhecerem como abertos às manifestações culturais e a diversidade de linguagens ou expressões em suas práticas religiosas. As discussões causaram inquietação e inconformismo para uma pessoa desse grupo. Para ela as ações culturais são muito tímidas atualmente. Deveriam ser intensificadas pelo grande número de pessoas que são ligadas à arte na Caverna e que se encontram paradas e inatuantes, dentro e fora da comunidade. Esse retorno à base que fundamenta o tribalismo para Maffesoli (2010a, p. 06), é a “revolução que exacerba o arcaísmo no que ele tem de fundamental, estrutural e primordial. O que concordaremos, está muito afastado dos valores universalistas ou racionalistas, próprios aos detentores dos poderes atuais”

Com a tribalização ocorrendo nas bases e distante dos valores racionais, o mergulhar na base ou na fonte das ocorrências da socialidade já demonstra um inconformismo ao que é posto como pronto e acabado na cultura. “Que não nos enganemos sobre isso; uma tal fidelidade não é, em nada, aceitação de um *status quo* político, econômico ou social.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 10). Nessa direção, a provocação no grupo brotou justamente das reflexões sobre o que era a Caverna em sua gênese, com a intensidade cultural e religiosa, e hoje eles notam que devem retornar as suas origens, com o fundamento do tribalismo na comunidade. Esse germe inicial da comunidade foi despertado pelos relatos que evidenciaram a comunidade como um lugar de “acolhimento”, “viver a espiritualidade em tudo”, “respeito pela cultura”, “diálogo com a cultura” e principalmente pelo relato feito por uma pessoa sobre o “Projeto Reconstruir”, que atua com famílias carentes possibilitando o acesso a música, as artes e a cultura em geral.

Outros relatos surgiram que mostravam a riqueza cultural que há entre os membros da comunidade. Entre os relatos verificamos, “gente talentosa... igual uma múmia”, “bandas que sobraram na Caverna” e “somos agentes culturais”. Observamos uma crítica aos próprios

membros da comunidade. As palavras “sobraram”, “múmia” e “agentes”, nos remetem a uma ação reduzida ou a total falta dela. A ação e atuação que a palavra agente representa mostra a consciência que eles têm de serem construtores na e da cultura. A nostalgia pelo o que a Caverna foi no passado ficou visível na fala e no semblante das pessoas desse grupo.

Uma comunidade como a Caverna que teve mais de vinte bandas de *rock* pesado na década de 90, nos mostra o que representou esse trabalho para o cenário alternativo e *underground* cristão no Brasil. O relato sobre as bandas de *rock* pesado, em que o verbo “sobraram” foi utilizado, trouxe uma realidade bem diferente do início da Comunidade Caverna de Adulão, que hoje têm apenas duas bandas de *rock* pesado, a banda Pesadelo e a Trombada, que representam menos de 10% das bandas que existiram na comunidade nos anos 90.

Percebemos que na trajetória da comunidade ocorreu uma perda de identidade com o que era no início com as bandas de *rock*, jovens e tribos urbanas *headbangers*. Mesmo com a maioria do grupo relatando que há abertura da Caverna para as manifestações culturais e diversidade de linguagens, uma pessoa relatou que não vê a Caverna como lugar de manifestações culturais hoje e ainda tem dúvida de que algum dia isso tenha ocorrido.

Na análise do grupo 2, observamos que os membros reconhecem que a Caverna em sua fundação teve a figura do pastor Fábio como elemento vital para os grupos juvenis expressarem suas práticas religiosas com certa desenvoltura e liberdade cultural através do *rock*. Para eles apesar de terem mais liberdade, diversidade cultural, preconceito bem reduzido, essas situações hoje não geram uma força potencializada de trabalho para os jovens, como era antigamente, na criação da comunidade.

Para este grupo o pastor Fábio conseguia comunicar o Evangelho com outras culturas juvenis, e mais especificamente às tribos urbanas *headbangers*, pelo fato dele se colocar disponível as pessoas e ultrapassar os limites da Caverna. Alguns trechos dos relatos mostraram que o pastor Fábio era o elo que ligava a Caverna e a cultura, e hoje não há quem faça essa ligação. Na visão deles há “dúvida” que ocorra essa ligação hoje, outro trecho diz que a Caverna que ele conhece “não parece” com a que ele ouviu falar. Também que a comunidade “tem potencial” para muito mais e que “não são liderados” para isso. Relataram ainda que depois da morte do pastor Fábio sua posição “não foi preenchida” por outro pastor e que também ele conseguia “comunicar” com quem está dentro e fora dos círculos religiosos.

Analisando as falas desse grupo verificamos que eles entendem que ocorreu uma ruptura com a morte do pastor Fábio. Antes havia uma ligação forte da Caverna com a cultura *underground* e as tribos urbanas *headbanger* do *rock*. Este grupo percebeu através da história e dos relatos dos membros mais antigos como a Caverna foi constituída no contexto cultural e

religioso em Belo Horizonte. No entanto, perceberam a importância do trabalho que foi realizado no início da comunidade, mas entendem que para isso ocorrer hoje é necessário preparar outros líderes e membros, para trabalhos específicos, para que assim, consigam comunicar de forma eficaz, com a cultura juvenil na atualidade.

Eles gostariam de vivenciar essa efervescência ocorrida na Caverna com as tribos urbanas. "Nesse sentido, antes de ser político, econômico ou social, *o tribalismo é um fenômeno cultural*. Verdadeira revolução espiritual. Revolução dos sentimentos que ressalta a alegria da vida primitiva, da vida nativa." (MAFFESOLI, 2010a, p. 06).

Alguns fatores mudaram a forma de sociabilidade entre os jovens e os membros da comunidade. Na visão desse grupo trabalhar com um público mais "homogêneo" seria mais fácil para a comunidade e para os pastores hoje. Eles falaram que após a morte do pastor Fábio, eles perderam a "identidade", que ainda hoje tentam "achar qual é a nossa identidade", sendo que esta identidade agora é mais plural "essa diversidade não tem uma identidade só" e falaram sobre a grande "ligação" dos membros da comunidade com a arte que hoje está "inexplorada".

As bases da Caverna que eram estruturadas com os jovens, as tribos urbanas *headbangers*, o *rock* e com o pastor Fábio como elemento aglutinante não existe mais. Apesar da diversidade na atualidade abrir para novas possibilidades, inclusive para utilizar o *rock* e outros elementos da cultura nas práticas religiosas. Para esse grupo isso não traduziu em algum benefício para a comunidade, ao contrário eles percebem que perderam sua identidade, que foi diluída na grande possibilidade que a pós-modernidade proporciona à diversidade. E que mesmo com essa grande diversidade e ligação com a arte e a cultura, os membros da Caverna não exploram isso hoje.

Na contramão do que ocorre na Comunidade Caverna de Adulão hoje, para Maffesoli a riqueza estaria justamente na apropriação dos vários agrupamentos e potencialização que a socialidade pode favorecer. "Mas são esses valores nativos que estão, certamente, na origem dessas rebeliões da fantasia, dessas efervescências multiformes, dessa miscelânea dos sentidos de que os múltiplos agrupamentos contemporâneos dão ilustração incontestáveis." (MAFFESOLI, 2010a, p. 06).

Dessa forma, o *rock* saiu de cena como centro de socialidade entre os jovens na Caverna e outros elementos diversificaram e tornaram a comunidade mais plural e assim, mais heterogênea em sua composição. Entretanto, mesmo com a possibilidade de tantas expressões artísticas seus membros não conseguem romper os limites da comunidade para atuar no mundo. Nos relatos verificamos que os mais jovens estão perdidos, à procura de um referencial para

apontar o caminho a seguir e assim, romper para fora da comunidade como aconteceu no passado.

No aspecto da saída do estado de inércia apontado aqui, esse grupo percebeu a riqueza do *material humano* que a Caverna ainda possui e que precisam sair dos limites da comunidade para voltar a ser relevante. Conforme os seguintes relatos, “saiu a figura do *rock*, que era representado pelo Fábio e... a Caverna não... não tem mais uma identidade... ela diversificou.”, “a gente não consegue sair das quatro paredes... a gente tem é, assim, se for pegar as pessoas, só gente fantástica, muita gente boa, mas como comunidade a gente não é tão relevante.”

Na análise do grupo 3, verificamos que as pessoas não acham que a Caverna com sua construção religiosa e cultural ajuda de alguma forma os grupos juvenis em suas práticas religiosas na atualidade. Para uma pessoa a Caverna é como uma “embreagem” entre as coisas que estão no mundo, os jovens e suas demandas. Outra pessoa do grupo relatou que a Caverna era como um refúgio para os jovens que se viam “proibidos” pelos pastores e suas respectivas igrejas por utilizarem práticas culturais contemporâneas.

Esse grupo tem como média de idade 39,4 anos, dentre os 11 integrantes, cerca de 63% estavam na Caverna na sua constituição, perfazendo as três *fases da comunidade*. Pela maior idade dos membros desse grupo podemos ver uma prática religiosa mais madura com relação à cultura, no qual a Caverna desempenha o papel de uma embreagem, como lugar de acolhimento para os jovens que estavam em conflito com seus pastores.

Essa maturidade dos membros da Caverna pode estar diretamente ligada ao que os participantes do grupo relataram. Para eles a Caverna quase não tem jovens ou uma geração mais nova, visto que os que ficaram na comunidade são os “jovens adultos”⁵⁶ e também pela grande diversidade da sociedade atual.

⁵⁶ Embora nesse grupo um dos membros utilize o termo “jovens adultos” apontando para uma idade média de 30 anos, o Estatuto da Juventude institui como jovem adulto a pessoa com idade entre 25 e 29 anos. No Capítulo I do Estatuto da Juventude observamos um avanço quanto aos direitos dos jovens com a abrangência da idade, que era de 12 a 18 anos para adolescentes com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e que passou a ser ampliada com direitos dos jovens com idade entre 15 a 29 anos, como também o termo juventude. Citados assim no Artigo 1º, Parágrafo 1º. “Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Parágrafo 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (BRASIL, 2013). Percebemos com o Estatuto da Juventude que houve o reconhecimento dos jovens com direitos e políticas públicas que os atendam como já ocorriam com as crianças e adolescentes com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Outro fator importante se dá pela divisão de idades que podem ajudar no direcionamento de políticas públicas específicas para cada faixa etária desses jovens. Conforme aponta Novaes. “Este é um padrão internacional que tende a ser utilizado no Brasil. Nesse caso, podem ser considerados jovens os ‘adolescentes-jovens’ (cidadãos e cidadãs com idade entre 15 e 17 anos), os ‘jovens-jovens’ (com idade entre 18 e 24 anos) e os ‘jovens adultos’ (cidadãos e cidadãs que se encontram na faixa-etária dos 25 aos 29 anos).” (NOVAES, 2006, p. 05).

Na visão de Maffesoli, as tribalizações potencializaram a socialização e criaram o partilhamento na pós-modernidade, no qual os ideais apontam para uma adolescência prolongada, com o sentimento ou sensação de jovialidade em todas as faixas etárias. “O falar jovem, o vestir-se de jovem, os cuidados com o corpo, as histerias sociais são, amplamente, partilhados. Cada um, quaisquer que sejam sua idade, sua classe, seu status, é, mais ou menos, contaminado pela figura da ‘criança eterna’.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 8-9).

Essa juventude prolongada na pós-modernidade mostrada por Maffesoli foi verificada na Comunidade Caverna de Adulão. A grande maioria dos membros hoje é composta por pessoas mais velhas, acima dos 30 anos e mesmo assim eles acham que a comunidade atualmente em sua maioria é de “jovens adultos”. Ao nosso ver esse prolongamento da juventude na comunidade é mais um fator que impede que os pastores possam fazer o evangelismo e pregações mais contextualizadas para as novas gerações.

Nos relatos desse grupo a “diversidade” foi um fator determinante em toda a sociedade e também nas igrejas em nossos dias. Na Caverna a “questão da diversidade é tão grande”, e “as pessoas que ficaram são as pessoas que realmente hoje compõem os jovens adultos...” e “temos um número pequeno de, é... adolescentes, e de é... jovens pessoas... ela está meio que estagnada.”

Podemos ver aqui que novos fatores aparecem, para esse grupo achar que a Caverna não seja tão relevante na construção religiosa e cultural para os grupos juvenis hoje. A grande diversidade cultural, a idade elevada dos membros que ficaram na comunidade, somado ao pequeno número de jovens e adolescentes, que dessa forma não oxigenam e renovam a Caverna, o que a torna estagnada.

A diversidade cultural da Caverna não acompanha a diversidade de idades, principalmente no que se refere aos jovens e adolescentes, como era na primeira e metade da segunda fase da comunidade. Essa estagnação relatada também aponta para uma comunidade que não está alcançando os jovens como era no passado. A Caverna não consegue se comunicar com os mais jovens de acordo com os relatos, devido à mudança de mentalidade e diversidade de grupos ou tribos na sociedade atualmente.

A socialização que ocorria entre os jovens nas tribos urbanas *headbanger*, como enfrentamento das desigualdades sociais, falta de lazer e políticas públicas que atendam essa faixa etária, deslocou-se para outras formas de socialidade. Outras formas de socialização, que não eram pensadas até poucas décadas atrás, inclusive nas práticas religiosas, hoje pode

acontecer através dos meios de comunicação e mais intensamente pela internet. Na visão de um dos membros do grupo isso pode ter afetado diretamente o modo de cooptação e adesão dos membros da comunidade.

Como vimos anteriormente, a forma como era feito o evangelismo na Caverna, para essa nova geração não funciona mais. Entretanto, mais uma vez a figura do pastor Fábio insiste em aparecer e ele é citado pelo seu papel junto às tribos urbanas e especialmente a tribo *headbanger* com o *rock* e a tribo do *skate*.

Alguns relatos mostram as mudanças que ocorreram na Comunidade Caverna de Adulão, para os membros do grupo, “antigamente era um grupo. Não tinha essa diversidade de grupos que existem hoje na sociedade”. “O que fazia antes, como era feito antes, hoje já tem outro corpo”. “E o perfil da Caverna era pessoas da periferia, sem carro... solteiro, estudante”, “a gente não tem uma pessoa que assumiu o papel que o Fábio tinha na comunidade... outros tipos de ministérios foram surgindo... o Reconstruir, Lamalma e o Cupim”, “o Fábio era esse cara que ia pra Praça Sete, sair com os meninos pra andar de *skate*, pra ir nos *shows*... ele era a pessoa que aglutinava em torno dessa turma”.

Na análise dos três grupos, verificamos que há uma grande abertura com relação à construção religiosa e cultural na Comunidade Caverna de Adulão. A diversidade cultural foi verificada em todos os grupos focais em vários relatos que apoiam o diálogo religioso com a cultura, no qual a comunidade hoje é apresentada como um corpo que “não tem uma identidade só”. Maffesoli entende que a socialidade tem o poder de fragmentar as grandes estruturas sociais e ao mesmo tempo unir as pessoas. “É melhor reconhecer que, de encontro a um social racionalmente pensado e organizado, a socialidade é somente uma concentração de pequenas tribos que se dedicam, de qualquer modo, a se ajustar, se adaptar, se acomodar entre si.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 14).

Em todos os grupos focais a diversidade cultural foi o ponto central, mas apenas o grupo 1 foi mais incisivo nesse aspecto. Como vimos uma pessoa desse grupo provocou todos ali ao relatar que a comunidade apesar de ter muitos artistas de várias áreas, eles não conseguem ser objetivos como eram os jovens no início da Caverna, com o *rock* como único elemento cultural.

Embora tenha ocorrido a utilização da palavra “múmia” para remeter a algo estático e sem progressão por essa pessoa do grupo 1, verificamos que ocorreu uma maior inquietação nos grupos 2 e 3, quanto ao que a Caverna representava para os jovens em suas manifestações religiosas e culturais. Para ambos os grupos a diversidade não ajuda os grupos diferenciados da comunidade se manifestarem de forma contextualizada.

Ainda de acordo com os membros desses dois grupos há “dúvida” de que a Caverna consiga se comunicar com a cultura de forma eficaz como era no início e que hoje eles dizem que não são “liderados” para isso. Aliado a isso eles observam que tem “potencial”, mas não é utilizado. Devido não conseguirem sair das “quatro paredes” e “ajudar” as pessoas. A falta de adolescentes e jovens para eles já aponta para “estagnação” que a comunidade entrou.

Percebemos que a grande maioria dos membros da comunidade acha que mesmo com a heterogeneidade fomentada pela diversidade, o *rock* não caberia mais como manifestação cultural. O relato de uma pessoa do grupo 3 resume o que é a Comunidade Caverna de Adulão para os membros dos grupos focais analisados, no qual a Caverna não é igreja “de uma tribo só.” (Grupo 3, Mulher, 31 anos). Este relato mostra que a tribalização proposta por Maffesoli (2010a), ocorre na comunidade em suas práticas religiosas. No início poderíamos falar de uma tribalização em torno da tribo urbana *headbanger* com o *rock*, mas agora o que observamos são tribalizações diversas.

E é em função dos gostos sexuais, das solidariedades de escolas, das relações de amizade, das preferências filosóficas ou religiosas que vão se constituir as redes de influência, a caramadagem e outras formas de ajuda mútua, das quais se tratou, que constituem o tecido social. (MAFFESOLI, 2010a, p. 13-14).

Essa contaminação do processo tribal em todas as instituições sociais foi observada na Caverna. A lacuna deixada pelo *rock* como instrumento de socialização, foi substituída por outros ministérios e formas de sociabilidade. Em ambos os casos, tanto com o *rock* quanto com os outros ministérios que se estabeleceram posteriormente as tribalizações estavam presentes na comunidade. Com a falta de uma pessoa que fizesse o que o pastor Fábio fazia no início, outras possibilidades de percursos foram abertas.

O descontentamento com a religião intelectual ou institucionalizada, acontece pelo fato desse tipo de religião impedir as manifestações mais livres, o que contraria a finalidade da comunidade, com os afetos, sentimento de pertencimento, prazer de estar juntos, partilha das mesmas emoções e a sociabilidade que é a força que une as pessoas em torno do mesmo ideal. No qual as experiências pessoais estão acima da conformidade comunitária controlada.

Para Paiva (2004, p. 34), a contribuição da sociologia de Maffesoli com as tribalizações, advém da valorização do efêmero, do banal e do provisório, como potências para a força da vida na deflagração da sociabilidade e comunicabilidade. Uma ética nômade no qual os contornos dos laços sociais, o pertencimento e o modo de se estar juntos apontam para ocupação

dos espaços públicos de forma comunitária imprevistas, pelo puro sentido tribalista da coletividade.

Apesar dos relatos sobre a perda da identidade feito pelos membros da Caverna, serem claros e repetitivos nos grupos focais. Notamos que nesse percurso de achar uma nova identidade com a transição, a liderança e os membros estão passando por vários caminhos que a diversidade e a riqueza cultural podem proporcionar com a utilização dos talentos pessoais dos membros da comunidade.

Fizemos outras perguntas nas discussões nos grupos focais que nos ajudaram a entender como se estabeleceu a construção cultural e religiosa com as tribos urbanas *headbanger*, no qual o *rock* era a figura central na socialização dos jovens na Comunidade Caverna de Adulão. Essas perguntas nos proporcionaram seguir um percurso histórico da comunidade através da fala dos próprios membros e conhecer outros fatos que podem gerar futuras pesquisas sobre o fenômeno religioso com outros problemas e em perspectivas diferentes da presente pesquisa.

4.3 Comparação da análise teórica e da análise dos dados coletados nos grupos focais

Como observamos anteriormente, para Maffesoli a teoria das tribalizações na pós-modernidade perfaz os relacionamentos sociais em todas as áreas da vida. Esse tribalismo acontece com a socialização nos mais variados grupos, que se unem para celebrar a vida, com o retorno as bases das estruturas societais. “Mas tal ‘retorno’ pode ser aplicado ao conjunto dos agrupamentos contemporâneos. Estes são, apenas, uma sucessão de tribos que expressam, até a saciedade, o prazer da horizontalidade, o sentimento de fraternidade, a nostalgia de uma fusão pré-individual.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 09).

Nesse sentido verificamos que nas sociedades contemporâneas os jovens interagem com o espaço urbano e buscam assim diversão, prazer, paixão, mesmos gostos, afetos e acima de qualquer outra situação a afinidade e o sentimento de pertencimento a algo que faça sentido às suas vidas. Assim, a proposta de Maffesoli com o tribalismo se confirma na Comunidade Caverna de Adulão. O mundo contemporâneo cada vez mais se torna um mundo tribal. “O tribalismo, em todos os domínios, será o valor dominante para os decênios do futuro.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 04).

Essa tendência aponta para o tribalismo que ocorre não apenas com a ruptura com as instituições em todos os níveis sociais, mas também no campo ideológico com as transformações nas relações sociais com a globalização. Esta afetou e desestabilizou antigas formas de identidade e cultura, o que gerou a perda da coerção e o rompimento dos laços e das

redes socializadoras. O que Maffesoli chamou de “universalismo” em que um sistema cultural se impõe a outras culturas como padrão a ser seguido mundialmente. “Universalismo que era, de fato, apenas um etnocentrismo particular generalizado: os valores de um pequeno cantão do mundo extrapolados em um modelo válido para todos.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 11).

O que está em jogo neste caso é o conjunto de ordens, projetos e normas que sejam previamente determinados e seguidos. Há um choque entre o moderno com a representação de um adulto e o pós-moderno representado pela criança no *neotribalismo*.

Essa tensão religiosa e/ou moralista-política necessitava, como autor, de um adulto forte e racional. É esse arquétipo cultural que o *neotribalismo* pós-moderno coloca em má posição. Seu autor é então uma “criança eterna”, que, por seus atos, suas maneiras de ser, sua música, a *encenação* de seu corpo, reafirma, antes de tudo, uma fidelidade ao que é. (MAFFESOLI, 2010a, p. 10).

O tribalismo como vimos é um processo de oposição ao que é proposto pelas instituições sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. No campo ideológico o tribalismo se torna uma resistência e retorno às bases, ao chão da vida, onde tudo realmente acontece, na criação e recriação, com o sentimento de pertencimento, a um lugar e a um grupo concreto, como firmamento da vida social. “Clãs manipulando à vontade o exclusivo, a exclusão, o desprezo ou a estigmatização. E aquele que não tem o cheiro da matilha é, infalivelmente rejeitado.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 12).

De acordo com Maffesoli, o tribalismo enaltece a horizontalidade dos relacionamentos, em sua diversidade e pluralidade. “O universalismo, do sujeito, da razão, avatar de um Deus transcendente, dá lugar a razões e a afetos locais, particulares, situados. Em suma, não é mais a verticalidade do cérebro que prevalece, mas o despertar da pessoa em sua totalidade.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 17).

O tribalismo se distancia de uma relação de domínio que vem do alto e que não tem contato com as bases e os fundamentos sociais. Nesse aspecto, observamos que o tribalismo corrobora com as pesquisas atuais sobre Religião e Contemporaneidade, no qual os percursos e o caminhos feitos na religião são estabelecidos pelo próprio fiel.

As tribalizações juvenis nos mais diversos contextos e inclusive no urbano apontam para o retorno ao arcaico, o que mostra a vitalidade dos relacionamentos sociais. “É isto o nativo, o bárbaro, o tribal: ele diz e rediz a origem e, com isso, restitui vida ao que tinha tendência a se esclerosar, se aburguesar, se institucionalizar. Nesse sentido, o retorno ao arcaico em muitos fenômenos contemporâneos expressa, na maior parte do tempo, forte carga de vitalidade.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 08).

Ainda segundo Maffesoli, o retorno ao arcaico como vitalidade ocorre com a luta contra todas as formas de “utilitarismo” e de “maquinização” decorrentes da sociedade moderna, inclusive na composição arquitetônica das cidades.

É exatamente contra isso que o pós-modernismo vai privilegiar a volta da ambiguidade e da complexidade como elementos fundadores da natureza humana. Necessidade de parte da sombra, importância da irregularidade barroca, gosto pelo patético, conjunção de coisas opostas, mestiçagem, diversidade, *patchwork*, profundidade da superfície, várias são as especificidades do mosaico pós-modernista que os arquitetos desse movimento vão pôr em funcionamento. (MAFFESOLI, 2012, p. 06).

Essa celebração da conjunção, do mestiço, da diversidade e da pluralidade apontam para as redes e teias sociais, que tem o poder de aglutinar, amalgamar as pessoas entre si e também com o espaço físico, descrito por Maffesoli como “enraizamento dinâmico”.

Esse “enraizamento dinâmico” se encontra na origem de todas as manifestações contemporâneas que celebram o território, os produtos da região, os festivais folclóricos, as lendas locais e as encenações históricas de um determinado personagem famoso da região, cidade ou cantão. O localismo, em seu sentido forte, é um componente da pós-modernidade. (MAFFESOLI, 2012, p. 07).

A cidade ou qualquer localidade passa a ter um destaque especial pelo fato das tribalizações ocorrerem a partir do uso do espaço físico como meio de socialização entre os diversos grupos que interagem e fazem uso do mesmo *habitat*. “Assim, nossas cidades não passariam de pontuação de lugares, às vezes de ‘pontos importantes’ onde vão encontrar-se as tribos – musical, esportiva, cultural, sexual, religiosa. E isso para celebrar o gosto que serve de cimento a cada uma das tribos.” (MAFFESOLI, 2012, p. 50). Observando as considerações de Maffesoli quanto ao tribalismo, vemos que ele traz novas possibilidades de socialização na pós-modernidade, inclusive no âmbito religioso com novas formas de espiritualidade e práticas religiosas.

A pesquisa feita junto aos membros da Comunidade Caverna de Adulão parece contribuir, pelo menos em parte quanto a nossa hipótese. No qual o *rock* a princípio foi o elemento socializador, e com o passar dos anos ele foi perdendo sua força e deu lugar a outras formas de socialização, em que as tribalizações sinalizavam cada vez mais para a abertura com o coletivo.

Trata-se, com as consequências sociológicas que isso suscita, do deslocamento do *indivíduo* à identidade estável que exerce sua função em conjuntos contratuais, à *pessoa* que representa papéis nas tribos afetuais. Participação mágica em alguma coisa pré-

individual, ou ainda o fato de que existimos somente no quadro de um inconsciente coletivo.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 16).

Isso foi verificado nos relatos dos membros dos grupos, quando indagados a dizer o que é a Comunidade Caverna de Adulão, houve uma aproximação da forma como Maffesoli entende o tribalismo na pós-modernidade, no qual a socialidade ocorre com as tribos afetivas. De acordo com eles a comunidade se apresenta como, “segunda casa” e uma “igreja que alcança os excluídos e marginalizados”. A socialização e as práticas religiosas acontecem espontaneamente com as “quebras”, da “tradição”, do “ritual” e do “protocolo”. O que possibilita uma maior “liberdade”, “informalidade”, “diversidade cultural”, “comunhão” e “simplicidade” entre os membros. Transformando a comunidade em um lugar de acolhimento e cuidado, como uma “igreja diferente”, “sem preconceito”, “casa”, “próximo da realidade”, “aberta a servir”, “família”, “casa do meu pai”, “sem formalidades”, “simples e informal”, “lugar descontraído”, “um ajuntamento de pessoas diferentes” e também uma comunidade aberta que “não é uma igreja apenas para pessoas excluídas de outras igrejas”.

Verificamos que os relatos aproximam do pensamento de Maffesoli com o forte apelo ao sentimento de pertencer a algo, estar ligado afetivamente, partilhar as mesmas emoções, sensações e gostos. “É esse processo que permite constatar que a multiplicação dos microgrupos só é compreensível em um contexto orgânico. Tribalismos e massificação caminham lado a lado.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 162). Há uma construção do sentido interno dos membros da Comunidade Caverna de Adulão, tanto no âmbito cultural quanto religioso. Essa construção com maior liberdade dos membros proporciona laços sociais mais profundos e duradouros.

Por que fazer referência a esses momentos de efervescência apenas para indicar que existe um vaivém constante entre explosões e distensões, e que esse processo é causa e efeito do laço religioso, isto é, da partilha da paixão? Na verdade, a religião compreendida dessa forma é a matriz de toda vida social. (MAFFESOLI, 2010a, p. 86).

Para Maffesoli o sentimento religioso possibilita várias formas de pertencimento e estar juntos no mesmo espaço social. A religião com sua paixão, devoção, crença, rituais, engajamento, forte sentimento de pertencimento e estar ligado socialmente se torna a forma elementar de toda vida social.

Ainda de acordo com Maffesoli a religião.

É o cadinho onde se amalgamam as diversas modulações de estar-junto. Com efeito, os ideais podem envelhecer, os valores coletivos podem saturar-se, mas o sentimento religioso secreto produz sempre e de novo essa “transcendência imanente” que permite explicar a perdurância das sociedades através das histórias humanas. Nesse sentido é

que ele é um elemento dessa misteriosa Potência de que nos ocupamos. (MAFFESOLI, 2010a, p. 86).

O sentimento religioso que a religião produz é o que proporciona as perdurâncias das sociedades, com o sentimento de pertencimento, afeto, partilha do povo e da massa. Como um verdadeiro cimento societal. Quando perguntados como a construção religiosa e cultural na Caverna poderia ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas, várias situações brotaram entre os membros do grupo. A grande maioria dos entrevistados acham que a Caverna ajuda seus membros na construção religiosa e cultural.

De acordo com os relatos nos grupos a comunidade é um lugar de “acolhimento”, de “viver a espiritualidade em tudo”, de “respeito pela cultura” e de “diálogo com a cultura”, como exemplo citaram o “Projeto Reconstruir”. A Caverna é um lugar que ainda fomenta a construção cultural e religiosa em suas práticas, tem “gente talentosa”, as “bandas que sobraram” e todos os membros da comunidade são em potencial “agentes culturais”.

Fica evidente ao longo da pesquisa que é necessário, que as igrejas e comunidades repensem suas práticas, para que consigam comunicar as gerações atuais. De acordo com Maffesoli, a pós-modernidade possibilita a representação dos vários papéis sociais com a “pessoa plural” e as “tribos emocionais”. “Pessoa plural e tribos emocionais, eis o que é, hoje em dia, difícil de negar, ou de denegar.” (MAFFESOLI, 2012, p. 43).

Muitas igrejas e comunidades como a Comunidade Caverna de Adulão utilizam as mais variadas formas em suas expressões culturais e nas práticas religiosas. As diferentes tribos urbanas se expressam com linguagem contextualizada suas práticas religiosas e suas espiritualidades alternativas. “À imagem do que é o pós-modernismo arquitetural, ao mesmo tempo plural e coerente, está a fragmentação da pessoa que é o coração vibrante do laço social pós-moderno. Ela caracteriza essa nova constelação societal que tem o nome de *tribalismo*.” (MAFFESOLI, 2012, p. 43).

No caminho que figurou o início da comunidade com as tribos urbanas *headbangers* e com a música *rock*, e atualmente com a diversidade cultural que verificamos nos relatos nos grupos focais é que percebemos a possibilidade na pós-modernidade das *pequenas narrativas* nas práticas religiosas, frente aos *grandes relatos*. Como mostra Maffesoli. “Todo mundo vai falar como jovem, vestir-se como jovem, permanecer jovem, e poderíamos, estendo ao infinito, multiplicar as ocorrências nesse sentido.” (MAFFESOLI, 2012, p. 51). As tribalizações juvenis fomentam as mais variadas formas de socialização, que posteriormente são incorporadas por outros grupos na sociedade.

O senso religioso contemporâneo também mostra essa força e vitalidade que as práticas religiosas têm em nossos dias, no qual a espiritualidade, a crença, bem como a diversidade dos objetos utilizados nas práticas religiosas são construídos de forma eletiva, com o afeto, liberdade e espontaneidade. Como descrito por Ribeiro e Campos. “Senso religioso, neste sentido, ultrapassa a noção de vínculo a uma instituição religiosa e abriga experiências e noções que são correlatas, mas que são vivenciadas em anterioridade e para além das determinações institucionalizantes das religiões.” (RIBEIRO; CAMPOS, 2014, p. 313-314).

Essa riqueza das experiências religiosas mais livres mostra acima de tudo a espontaneidade e o percurso que cada um pode fazer na atualidade. Nesse caminho em constantes transformações, verificamos o envelhecimento dos membros que perfaziam a primeira fase da Caverna. Percebemos também a mudança no perfil sócio econômico desses membros que eram moradores da “periferia”, “sem carro”, “solteiros” e “estudantes”. Esses elementos relatados trazem uma riqueza quanto ao modo de socialização que ocorria entre os jovens na comunidade. Como muitos ainda não eram estabelecidos financeiramente, as práticas culturais e religiosas com as tribos urbanas *headbanger*, com a música *rock* passaram a exercer o papel socializador nas práticas religiosas, devido ao maior tempo e também por não terem os compromissos que têm hoje.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que não conseguimos abarcar todo espectro da riqueza cultural e religiosa da Comunidade Caverna de Adulão. Também percebemos que o fenômeno cultural e religioso na comunidade se mostrou de forma orgânica, ou seja, está em constante transformação. Por isso, não podemos ter a pretensão em concluir esta pesquisa. Uma vez que o fenômeno religioso é uma fonte inesgotável e se manifesta ao pesquisador na contemporaneidade de diversas formas.

A presente dissertação teve como objetivo pesquisar como ocorre a construção cultural e religiosa nas tribos urbanas juvenis, aqui representada pelos *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão, onde o *rock* foi utilizado como instrumento de socialização entre os jovens. Descrevemos as estratégias utilizadas para promover a comunidade desses jovens, identificando qual era a motivação para aderirem aos grupos evangélicos. Apresentamos como a música *rock* e o culto de forma contextualizada com as tribos urbanas tornaram possível o diálogo entre a religião e a cultura juvenil. Por fim, analisamos como ocorre o processo de socialização dos jovens evangélicos das tribos urbanas para uma melhor compreensão da construção do fenômeno religioso na comunidade.

Dessa forma, realizamos a pesquisa bibliográfica para fundamentação do referencial teórico. Para tal, utilizamos como teórico o sociólogo francês Michel Maffesoli para entender como ocorrem as socializações entre os jovens na contemporaneidade. A obra *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, de Maffesoli, nos possibilitou uma maior aproximação e compreensão do que constitui as tribalizações juvenis na atualidade. Também utilizamos interpretações de outros teóricos com os temas sobre as tribos urbanas e a religião. Entre eles, clássicos da sociologia como Émile Durkheim, que se debruçou sobre o tema religioso, verificando nas variadas formas da vida religiosa, que, mesmo sendo coletiva, ela atende aos interesses do indivíduo que a ela adere.

Realizamos também a pesquisa de campo na Comunidade Caverna de Adulão com a observação participante na pesquisa socioantropológica-etnográfica e utilizamos a técnica de grupo focal. Coletamos e analisamos os dados obtidos através dos grupos focais. Tais dados nos proporcionaram discussões mais profundas entre os participantes do grupo, com a interação através da fala, gestos, silêncios, nos quais deixaram emergir situações vividas socialmente, que na maioria das vezes não são refletidas, discutidas ou criadas as devidas oportunidades internas na comunidade para falar dessas experiências pessoais, culturais e religiosas.

Na pesquisa com os grupos focais, constatamos que as tribos urbanas *headbangers* e a música *rock* foram os elementos de socialidade no início da comunidade. Hoje isso não acontece mais, devido à entrada de outros elementos culturais no lugar do *rock*. Com a diversidade cultural observa-se a abertura para outras possibilidades de manifestações culturais e religiosas.

Embora nos relatos possamos observar a negação do *rock*, ele ainda continua vivo nos louvores que são ministrados aos domingos, mais rápidos e pesados que as versões originais de seus respectivos cantores cristãos. Outro fato que percebemos foi que o *rock* está vivo na memória dos que participaram do início da Caverna, como também no imaginário dos que chegaram depois e ouvem as histórias, mas não tiveram a oportunidade de conhecer essa primeira *fase da comunidade* com as tribos urbanas *headbangers* e a música *rock*.

Nossa hipótese foi confirmada parcialmente, quanto às comunidades e igrejas evangélicas se beneficiarem de elementos da cultura em suas práticas religiosas, mesmo com as mudanças culturais que afetaram todas as religiões, a Comunidade Caverna de Adulão conseguiu aliar a música *rock* às suas práticas religiosas, tanto dentro da comunidade, quanto pelos mais variados lugares públicos, como ruas, praças, casas de *shows* e lugares impensados como debaixo do viaduto Santa Tereza e na área boêmia de Belo Horizonte/MG. Essa adaptação das igrejas e comunidades às necessidades e à cultura juvenil foi o que atraiu os jovens à Comunidade Caverna de Adulão.

Verificamos também que a transição do *rock* para a diversidade cultural na comunidade ocorreu devido a vários fatores. Entre eles, a morte do pastor Fábio que fazia a ponte entre a religião e a cultura. Isso acarretou a mudança de uma comunidade que evangelizava grupos específicos para uma comunidade missionária que trabalha com todas as pessoas, bem como a troca do *rock* pela internet como instrumento de evangelização e socialização, como também outras formas de evangelização para alcançar outros tipos de grupos e tribos.

Ainda relacionado ao *rock*, notamos que com sua substituição, outros elementos ocuparam seu lugar, tais como os projetos sociais desenvolvidos pela Caverna e seus membros como o Projeto Reconstruir, o Projeto Lamalma e o Projeto Cupim Sagrado, entre outras formas de socialização dos membros. Outros fatores foram verificados no que diz respeito aos membros, o envelhecimento das pessoas que estavam na primeira fase da comunidade e também a mudança do perfil dessas pessoas que eram solteiras, estudantes, não trabalhavam, moravam na periferia e desse modo dependiam do transporte público. Hoje esses mesmos membros são casados, muitos têm filhos, são estabelecidos profissional e financeiramente, moram mais

próximos da região central de Belo Horizonte e têm automóvel. No entanto, não são tão envolvidos com os trabalhos da comunidade como eram no início.

Todas essas mudanças que observamos na Comunidade Caverna de Adulão ampliam o campo religioso para além das instituições religiosas. Nesse movimento o ser humano é quem estabelece qual prática religiosa se adequa às suas necessidades, com relacionamentos cada vez mais próximos e afetivos. Como descrito por Ribeiro e Campos.

São os sujeitos os verdadeiros atores e mediadores das transações no mercado de bens e serviços religiosos. Esse controle já esteve, no passado, majoritariamente, com os agentes religiosos vinculados à oficialidade de suas agremiações. Além disso, em relação ao que ainda pretensamente se poderia continuar chamando *religião*, essa cultura celebra o local frente ao universal, os pequenos relatos frente aos grandes relatos, a excitação dos afetos frente às doutrinas, o amortecimento anímico frente à reflexão, paz e tranquilidade face à consciência e compromisso. (RIBEIRO; CAMPOS, 2014, p. 315).

Desse modo, esta pesquisa procurou dar uma contribuição à linha de pesquisa Religião e Contemporaneidade, e ao projeto de pesquisa Senso Religioso e Contemporaneidade, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, com este trabalho. Nossa contribuição ocorre ao apresentarmos outras formas de religiosidade na contemporaneidade, na qual as práticas religiosas ganham novas leituras, releituras e roupagens, que propagam para novas ressignificações. Observa-se que o tribalismo juvenil, proposto por Maffesoli como marca da pós-modernidade, está presente não só na cultura, mas também na religião. Com os jovens que fazem suas próprias escolhas com ícones, objetos e símbolos, que se adaptem melhor as suas práticas religiosas e as formas de espiritualidade alternativas atuais.

Portanto, o que verificamos na Comunidade Caverna de Adulão foi uma divisão em dois tempos, a comunidade antes do pastor Fábio e a comunidade depois do pastor Fábio. Também a comunidade antes com o *rock* e a comunidade depois com a diversidade cultural. Esta trouxe maior abertura cultural à comunidade, mas não traduziu em um melhor aproveitamento desses elementos culturais pelos seus membros.

Essas situações geraram reflexões nos grupos focais e podem ser frutos de novas pesquisas. Para alguns participantes, a Caverna está engessada, como uma “múmia”, seus membros “perderam a identidade” no grande oceano da diversidade cultural e não sabendo para onde ir estão “estagnados”. Ao contrário do que Maffesoli propôs com as tribalizações na pós-modernidade e o que ocorreu na Caverna em sua gênese, as palavras “múmia”, “perda da identidade” e “estagnados”, sinalizam para um estado de inércia, prostração, falta de vivacidade e coletividade.

Com a falta de coletividade participativa relatada pelos membros da comunidade, Maffesoli mostra a emergência da sociabilidade com a partilha dos mesmos gostos, emoções e afetos que as tribos urbanas juvenis proporcionam em nossos dias. “Outra forma de dizer a tribo. É nesse sentido que a *juvenilidade* contemporânea, ao mesmo tempo que tem raízes antropológicas sólidas e profundas, se inscreve perfeitamente na constelação tribal em curso.” (MAFFESOLI, 2012, p. 51). Diante dessa “constelação tribal” contemporânea, com a grande possibilidade na diversidade das socializações é que pode haver respostas para o estado que a comunidade entrou como, “múmia”, “sem identidade” e “estagnada”. Essas respostas podem estar justamente com o retorno às tribalizações, com a partilha e o espírito comunitário que a jovialidade proporciona nas múltiplas formas de sociabilidade. Assim, ao pensar sobre a Comunidade Caverna de Adulão com o *rock* podemos dizer, que no princípio era o *rock*, e o *rock* estava na Caverna e o *rock* era a Caverna.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: NAU/Editora Terceiro Nome, 2011.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. **A história das religiões**. In: USARKI, Frank, (Org.). O espectro disciplinar da ciência da religião. São Paulo: Paulinas, 2007. p.19-52.
- AMARAL, Leila. Cultura religiosa errante – O que o Censo de 2010 pode nos dizer além dos dados. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). **Religiões em movimento. O Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 295-310.
- ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo: Paulus, 2004.
- BAGGIO, Sandro. **Revolução na música gospel: um avivamento musical em nossos dias**. São Paulo: Exodus, 1997.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Por que ser cristão?** Dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BRANDINI, Valéria. **Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988, atualizada pelas emendas constitucionais nº 1/92 a 90/2015 e pelas emendas constitucionais de revisão nº 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2015.
- BRASIL. ECA. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L8069.htm>>. Acesso em: 30 set. 2015.
- BRASIL, **Igrejas Underground Cristãs no**. Agosto 2015. Disponível em: <<http://cristianismounderground.blogspot.com.br/2015/08/igrejas-underground-cristas-no-brasil.html>>. Acesso em: 14 out. 2016.
- BRASIL, Jocum. **Jovens Com Uma Missão**. Disponível em: <<http://www.jocum.org.br/quemsomos/conheca-a-jocum>>. Acesso em: 11 de mar. 2018.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, 06 ago.

2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 03 de jan. 2018.

BRASIL, Staiger. **Bases e Ministérios**. Disponível em: <<http://www.steiger.org/bases-ministries/brazil>>. Acesso em: 06 out. 2016.

CALVANI, Carlos Eduardo B. **Teologia e MPB**. São Paulo: Loyola, 1998.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciência Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CEM. **Centro Evangélico de Missões**. Disponível em: <http://www.cem.org.br/novo/?page_id=6>. Acesso em 06 de out. 2016.

CESAR, Elber. **Biografia do pastor Elber Cesar**. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/elbercesar/biografia>>. Acesso em: 06 de out. 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CONJUVE. **Reflexões sobre a política nacional de juventude 2003-2010**. Brasília: Presidência da República, 2011. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/reflexoes-sobre-a-politica-nacional-dejuventude-2003-2011>>. Acesso em: 15 de mar. 2013.

CORTI, Ana Paula. SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

COSTA, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground Evangélico. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.

CRISTÃO, Congresso Nacional Underground. Setembro 2016. Disponível em: <<http://www.cnuc.com.br/blog-do-cnuc/>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DURKHEIN, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

DURKHEIN, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FREHSE, Fraya. Eving Goffman, um sociólogo do espaço. **RBCS**. v. 23, n. 68, out. , 2008.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Daniëlle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 31-47, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LAVILLE, C.; DIONNE, J.. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MAFFESOLI, Michel. Et al. **Espaces et imaginaire**. Grenoble: Presses Universtaires de Grenoble, 1979.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198/2463>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos: documento**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 36, 2008. Disponível em: <<http://link.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária: ensaio de antropologia política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAFFESOLI, Michel. Cultura e comunicação juvenis. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2005. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/33/33>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **El nomadismo: vagabundeos iniciáticos**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus as comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. La potencia de los lugares emblemáticos. **Convergencia**, Toluca, v. 14, n. 44, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105504403>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

MAFFESOLI, Michel. Postmodernidad. Las criptas de la vida. **Espacio aberto**, Maracaibo, v. 13, n. 3, 2004a. Disponível em: <<http://link.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 23, 2004b. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3247/2507>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2010b.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílían de Lucca (Orgs.). **Na MetrÓpole**: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

MAIA, João. Michel Maffesoli e a cidade partilhada. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 26, 2005. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3305/2562>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NOVAES, Regina Célia Reyes; CARA, Tojeira; SILVA, Danilo Moreira da; PAPA, Fernanda de Carvalho. (orgs.). **Política Nacional de Juventude**: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude/Fundação Friedrich Ebert, 2006.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: MENESES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (orgs.). **Religiões em movimento**. O censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 175-190.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Michel Maffesoli: tribalista de cátedra. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, 2004. Disponível em: <<http://revistaeletronicas.pucrs.br/ojs/index.pbh/revistafamecos/article/view/3281/3929/>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio humano. In: VELHO, Otávio (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PINTO, Flávia Slompo. *Radicalmente santos: O rock'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre os jovens*. **Revista Proa**, Campinas, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/artichle/viewFile/2397/1810>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos científicos**: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), a American Psychological Association (APA) e o Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (VANCOUVER). Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <www.pucminas.br/biblioteca>. Acesso em: 04 jan. 2018.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra; CAMPOS, Fabiano Victor de Oliveira. Senso religioso contemporâneo e os sem religião: uma provocação a partir de Emmanuel Lévinas. **Caminhos**, Goiânia, v.12, n.2, p. 115-129, jul.-dez.2014.

RODRIGUES, Flávio Lages. **A Liberdade do Espírito na vida e no rock**. Rio de Janeiro: MK, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. **Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: MK, 2018.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização**. Rio de Janeiro: MK, 2006.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-Modernidade: novos desafios à Fé Cristã**. São Paulo: ABU, 1999.

SCHMIDT, Bettina E. **A antropologia da religião**. In: USARKI, Frank, (Org.). O espectro disciplinar da ciência da religião. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 53-95.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SORJ, Bernardo. A convivência democrática como politeísmo de valores. **Estudos Avançados**, 30 (86), 2016, p. 133-145.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010. p. 13-37.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TYLOR, Edward Burnett. **A ciência da cultura**. In: MORGAN, Lewis Henry. Evolucionismo cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 69-99.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia**: introdução à ética filosófica. v. 4. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

APÊNDICE - Roteiro de perguntas para os Grupos Focais

1. O que é a Caverna de Adulão?
2. O que a comunidade representa para vocês?
3. Como a construção religiosa e cultural na Caverna pode ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas?
4. Na opinião de vocês, a diversidade cultural atrapalha ou ajuda na socialização dos membros da comunidade?
5. Vocês acham que a Caverna consegue abrir o diálogo de forma eficaz entre a religião e a cultura juvenil ou acham que é apenas uma estratégia evangelística?
6. A música e o culto de forma contextualizada com o *rock* podem ser atrativos para os jovens nas tribos urbanas?
7. A comunidade se estabeleceu em torno da música *rock*. O que vocês pensam sobre isso hoje?
8. Qual o motivo da existência da Caverna de Adulão?
9. Além do *rock*, há outro elemento que promova a socialização na Caverna?
10. Na visão de vocês, qual a motivação dos jovens hoje no pertencimento à Comunidade?
11. O que atrai os jovens à Comunidade Caverna de Adulão, sendo esta pequena em vista a tantas igrejas com maior evidência em Belo Horizonte?
12. Qual o impacto da Caverna na sociedade e para outras igrejas na atualidade?
13. Vocês sofreram ou sofrem algum tipo de preconceito de outras igrejas, comunidades cristãs e da sociedade, por pertencerem à uma comunidade com pessoas diferentes do padrão cultural?
14. Vocês se sentem parte da comunidade, se sentem acolhidos e cuidados pelos membros e pelos líderes?
15. Vocês têm algo que queiram falar sobre a Caverna de Adulão, que ainda não foi dito e que acham importante para a pesquisa?

ANEXO A - Os XX Mandamentos da Contracultura Cristã.

- I. Amar a JESUS sobre todas as coisas.
- II. Entender que fazemos parte da igreja, que é o corpo de CRISTO espalhado por toda a terra. Agir sempre em parcerias, considerando o próximo e suas necessidades como “prioridade”.
- III. Não se considerar melhor nem pior que ninguém, mas “RESPEITAR” todas as diferentes formas de expressão do evangelho de JESUS CRISTO, compreendendo-as através do ESPÍRITO SANTO.
- IV. Nunca pensar que somos uma geração “especial”; nos esquecendo com isto que nas gerações anteriores muitos entregaram suas vidas para que o evangelho pudesse chegar até nós.
- V. Não se preocupar em defender placas, denominações, conselhos ou coisas semelhantes que sempre acabam por “dividir” o corpo de CRISTO. Nomes são para identificação e referência.
- VI. Amar a igreja do SENHOR JESUS e a obra do ESPÍRITO SANTO, independentemente de seus desejos, projetos e opiniões (que não são estandartes a serem levantados) em relação ao “seu” ministério ou à “sua” comunidade. Nosso estandarte é o amor e a cruz de CRISTO.
- VII. Não buscar títulos eclesiásticos, nomes honorários e premiações, mas viver uma autêntica vida cristã, observada e testemunhada pela convivência e pelo seu caráter. Valorizar as pessoas não pelos títulos acadêmicos, religiosos, condição social ou pela sua oratória e personalidade forte; mas buscar observar nelas o caráter de CRISTO, seus frutos e atitudes diárias.
- VIII. Não utilizar a vida ministerial como estratégia para enriquecimento, promoções ou reconhecimentos pessoais. Não se deixar seduzir pela fama ou pelo reconhecimento humano. Saber que o dinheiro faz parte da vida do ser humano, mas que a palavra do SENHOR “jamais” pode ser usada para fins “COMERCIAIS”.
- IX. Utilizar os bens e finanças da comunidade em “benefício” de todo o grupo, e não apenas para suprir os interesses da liderança ou de qualquer outra minoria. A ampliação da estrutura física da igreja ou a aquisição de bens não pode ter “prioridade” frente ao suprimento das necessidades primárias das pessoas (especialmente em regiões carentes) ou ao sustento da obra missionária.
- X. Procurar atuar, principalmente, em locais e grupos não alcançados pela “igreja”.
- XI. Incentivar a grande comissão, o “IDE”, a fim de despertar a visão missionária da igreja e o chamado dos missionários, aumentando o AMOR da igreja pelas vidas perdidas de

diversas partes do Brasil e do mundo. Não apenas aglutinar “espectadores” para obra. Enviar os obreiros à grande seara!

- XII. Não existem culturas superiores a outras, a cultura JUDAICA, a NORTE-AMERICANA e as de alguns países EUROPEUS não são “SACRAS” (Santas) como alguns pregam e acreditam, portanto, estas culturas não devem ser difundidas como tal.
- XIII. Nunca usar o argumento “cultura” para justificar o pecado, ou seja, contrariar a conduta cristã.
- XIV. Buscar conhecimento bíblico, relacionamento com DEUS (oração), aprimoramento intelectual, prática cristã e manter-se informado sobre todos os assuntos.
- XV. Ajudar o próximo a descobrir seus dons pessoais e espirituais, sua personalidade, trabalhar na restauração da identidade única dada por DEUS a cada pessoa, pois a diversidade criativa do SENHOR enriquece a experiência no corpo de CRISTO. Lutar contra a MASSIFICAÇÃO CULTURAL no meio cristão que é um fator limitante à esta diversidade e é uma obrigação da igreja.
- XVI. Adotar sempre o modelo de uma liderança plural (formada por pessoas reconhecidas e aprovadas pelo restante do grupo), onde todos possam opinar, criticar, avaliar e sugerir. Pessoas humildes que reconheçam a autoridade e se deixam corrigir umas pelas outras.
- XVII. Não transformar o ministério ou a comunidade em um IMPÉRIO PESSOAL, buscando cada vez mais ampliar os SEUS DOMÍNIOS.
- XVIII. Nunca aderir a modismos ou adotar modelos importados de ministério, mas, de todas as coisas, reter o que é bom.
- XIX. Nunca se afastar da simplicidade do evangelho de nosso SENHOR JESUS CRISTO.
- XX. RESGATAR e REDIMIR a diversidade cultural espalhada por toda terra, em nome de JESUS.

ANEXO B- Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CEP).

N.º Registro CEP: 59223016.8.0000.5137

Título do Projeto: O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG

Submissão: 28 de agosto de 2016

Aprovação: 21 de outubro de 2016